



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES

## *Representação da disputa*

uma análise de discurso crítica da Parada LGBTQI+ livre de Brasília

BRASÍLIA

2022

RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES

# *Representação da disputa*

uma análise de discurso crítica da Parada LGBTQI+ livre de Brasília

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguagem e Sociedade

Linha de pesquisa: Discurso e recursos sociosemióticos em uma perspectiva crítica

Orientadora: Profa. Dra. Viviane de Melo Resende

Coorientador: Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo

BRASÍLIA

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tr	<p>Tavares, Raylton Carlos de Lima Representação da disputa: uma análise de discurso crítica da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília / Raylton Carlos de Lima Tavares; orientador Viviane de Melo Resende; co-orientador Iran Ferreira Melo. -- Brasília, 2022. 115 p.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Linguística) -- Universidade de Brasília, 2022.</p> <p>1. Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. 2. Estudos Críticos do Discurso. 3. Legitimação. 4. Avaliação. I. Resende, Viviane de Melo, orient. II. Melo, Iran Ferreira, co orient. III. Título.</p>
----	---

# *Banca examinadora*

**Profa. Dra. Viviane de Melo Resende**

Universidade de Brasília

Presidente

**Profa. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa**

Universidade Federal do Pará

Avaliadora Externa

**Prof. Dra. Viviane Cristina Vieira**

Universidade de Brasília

Avaliadora Interna

**Profa. Dra. Elizabeth del Socorro Ruano Ibarra**

Universidade de Brasília

Avaliadora Suplente

BRASÍLIA

2022

A Ana Célia e Raimundo, pelo amor sem  
medida.

## *Palavras de gratidão*

À Viviane Resende por sua orientação e sua amizade ao longo deste período de minha trajetória acadêmica. Dela aprendi muito em termos teóricos e metodológicos, mas são as lições de vida aquelas de que mais me orgulho.

A Iran Melo por gentilmente aceitar o convite para trabalharmos juntos nesta empreitada.

A Rosângela de Sousa, Viviane Vieira e Elizabeth Ruano por sua disposição em compor a banca examinadora deste trabalho, contribuindo de modo atento e gentil para uma versão mais acurada dele.

À minha Acolheteira e às colegas de estudo, nomeadamente: Alexandra Bittencourt, Cintia Rodrigues, Cláudio de Oliveira, Daniele de Mendonça, Elizabeth Ruano, Ingrid Ramalho, Kárin Ventura, Larissa Silva, Maria Gomes, María Acosta, Nair Rabelo e Viviane Vieira.

A Bruno e Julio por dedicarem seu tempo para participar da pesquisa. Sem vocês esse empreendimento não teria sido possível do modo como gostaria.

Por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e ao Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília pelo incentivo financeiro aos meus estudos.

A palavra é meu domínio sobre o mundo

Clarice Lispector

## Resumo

Esta dissertação apresenta resultados de pesquisa que visou identificar justificativas expressas no discurso para a realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e explorar suas relações causais com outros aspectos sociais. Os estudos críticos do discurso forneceram os pressupostos teóricos principais à pesquisa, com acentuada contribuição dos estudos LGBTQIAP+ e *queer*. Os *corpora* compõem-se de textos verbais escritos coletados de suportes virtuais, a saber sete textos coletados da página oficial da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília no *Facebook*, três textos coletados do *Metrópoles* e um texto coletado do *Correio Braziliense*, e de textos verbais resultantes da geração de dados em duas entrevistas individuais semiestruturadas com os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. As entrevistas foram desenvolvidas a partir de tópico guia, com o emprego da foto elicitação como instrumento metodológico, gravadas em áudio e vídeo pelo *Microsoft Teams*, e transcritas no Elan 6.2. A análise textual foi realizada de modo estrutural, quando uma categoria foi aplicada a um conjunto de dados, e de modo sequencial, quando foram aplicadas categorias diversas, conforme demanda do próprio dado. As categorias discursivas que direcionaram a análise textual foram avaliação, intertextualidade, LEGITIMAÇÃO, marcação de relação temporal, metáfora, MODALIDADE e relações semânticas nas/ entre orações. Os resultados apontam que a organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília mobiliza recursos sociodiscursivos para avaliar negativamente a Brasília Orgulho e assim legitima-se como organização democrática. No entanto, também apontam que a idealização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília surge de disputa econômica e partidária entre os membros das organizações das duas paradas.

**Palavras-chave:** Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. Estudos críticos do discurso. Legitimação. Avaliação.



## Resumen

Esta tesis presenta los resultados de la investigación que apuntó identificar las justificativas expresas en el discurso para la realización del Desfile del Orgullo LGBTQI+ Libre de Brasília y explotar sus relaciones causales con otros aspectos sociales. Los estudios críticos del discurso proporcionaron los presupuestos teóricos principales a la investigación, con fuerte contribución de los estudios LGBTQIAP+ y *queer*. Los *corpus* se componen de textos verbales resultantes de la generación de datos en dos encuestas individuales semiestructuradas con los organizadores del Desfile del Orgullo LGBTQI+ Libre de Brasília y textos verbales escritos recogidos de soportes virtuales: siete textos recogidos del sitio oficial del Desfile del Orgullo LGBTQI+ Libre de Brasília en *Facebook*, tres textos recopilados del periódico Metrópoles y un texto recogido del periódico Correio Braziliense. También realicé entrevistas semiestructuradas, desarrolladas a partir de un tema guía, utilizando como instrumento metodológico la foto elicitación, grabadas en audio y video por *Microsoft Teams*, y transcritas en Elan 6.2. El análisis textual fue realizado de modo estructural, cuando una categoría se aplicó a un conjunto de datos y de modo secuencial, cuando se aplicó categorías diversas, tal como exige el propio dato. Las categorías discursivas que orientaron el análisis textual fueron: evaluación, intertextualidad, LEGITIMACIÓN, marcación de la relación temporal, metáfora, MODALIDAD y relaciones semánticas en las /entre oraciones. Los resultados apuntan que la organización del Desfile del Orgullo LGBTQI+ Libre de Brasília moviliza recursos socio-discursivos para evaluar de forma negativa a Brasília Orgullo y así se legitimar como organización democrática. Sin embargo, también apuntan que la idealización del Desfile del Orgullo LGBTQI+ Libre de Brasília surge a partir de disputa económica y partidaria entre los miembros de la organización de los dos desfiles.

**Palabras clave:** Desfile del Orgullo LGBTQI+ Libre de Brasília Estudios críticos del discurso. Legitimación. Evaluación.

# Abstract

This dissertation presents research results that aimed to identify the justifications expressed in the discourse for the realization of the LGBTQI+ Free Parade of Brasília and to explore its causal relationships with other social aspects. Critical discourse studies provided the main theoretical assumptions for the research, with a strong contribution from LGBTQIAP+ and *queer* studies. The *corpora* are composed of verbal texts resulting from the generation of data in two semi-structured individual interviews with the organizers of the LGBTQI+ Free Parade of Brasília and written verbal texts collected from virtual supports: seven texts collected from the official page of the LGBTQI+ Free Parade of Brasília on *Facebook*, three texts collected from *Metrópolis* and a text collected from *Correio Braziliense*. I also carried out semi-structured interviews, developed from a guide topic, using photo elicitation as a methodological instrument, recorded in audio and video by *Microsoft Teams*, and transcribed in *Elan 6.2*. The textual analysis was carried out in a structural way, when a category was applied to a set of data, and in a sequential way, when different categories were applied, according to the demand of the data itself. The discursive categories that guided the textual analysis were evaluation, intertextuality, LEGITIMATION, metaphor, MODALITY, semantic relations in/between clauses, and temporal relation marking. The results indicate that the organization of the LGBTQI+ Free Parade of Brasília mobilizes socio-discursive resources to negatively evaluate Brasília Pride and thus legitimizes itself as a democratic organization. However, they also point out that the idealization of the LGBTQI+ Free Parade of Brasília arises from an economic and partisan dispute between the members of the organizations of the two parades.

**Keywords:** LGBTQI+ Free Parade of Brasília. Critical discourse studies. Legitimation. Evaluation.

## *Lista de figuras*

<b>Figura 1</b> - Mapa onto-epistemológico da pesquisa.....	30
<b>Figura 2</b> - Registro fotográfico da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília pelo portal Gay1	44
<b>Figura 3</b> - Manchete sobre a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília no Correio Braziliense	55
<b>Figura 4</b> - Elementos causais para a realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília segundo seus organizadores .....	68
<b>Figura 5</b> - Mecanismo gerativo da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília .....	76

## *Lista de quadros*

<b>Quadro 1</b> - Dados da coleta documental .....	39
<b>Quadro 2</b> - Tópico guia das entrevistas .....	42
<b>Quadro 3</b> - Desenho geral da pesquisa .....	45
<b>Quadro 4</b> - Reflexões e decisões éticas da pesquisa .....	47
<b>Quadro 5</b> - Modos de intertextualidade.....	51
<b>Quadro 6</b> - Modos de avaliação.....	52

## *Lista de tabelas*

<b>Tabela 1</b> - Resultados da análise da intertextualidade.....	53
<b>Tabela 2</b> - Resultados da análise da avaliação .....	54

# Sumário

Prólogo .....	14
Apresentação .....	15
1 Estudos críticos do discurso: a função do discurso em dinâmicas sociais contextualmente situadas .....	21
1.1 Perspectiva discursiva crítica e América Latina .....	23
1.2 Discursos e a construção de conhecimentos e crenças .....	25
1.3 Textos como armas em lutas de/ pelo poder .....	26
2 Percurso metodológico: das decisões na construção de um caminho .....	29
2.1 Do mapa onto-epistemológico à metodologia .....	30
2.1.1 Pesquisa qualitativa.....	31
2.1.2 Perguntas de pesquisa.....	32
2.2 Fontes, coleta, geração e organização dos dados .....	35
2.2.1 Fontes.....	35
2.2.2 Percurso de escolha dos métodos.....	36
2.2.3 Coleta documental.....	38
2.2.4 Entrevistas individuais semiestruturadas .....	40
2.2.5 Foto elicitação.....	42
2.2.6 Reflexões e decisões éticas na pesquisa etnográfico-discursiva.....	46
2.3 Estratégias e categorias de análise.....	47
3 Análises e resultados: articulações discursivas em foco .....	49
3.1 Representações jornalísticas sobre a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília .....	50
3.1.1 Intertextualidade.....	51
3.1.2 Avaliação.....	52
3.1.3 Resultados da análise da intertextualidade e da avaliação.....	53
3.2 Ações discursivas da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília no <i>Facebook</i> .....	63
3.2.1 Construção discursiva de legitimação.....	64
3.2.2 Resultados da análise da legitimação .....	65
3.3 Representações e identificações dos organizadores em entrevistas.....	69
3.3.1 Sucesso e fracasso da Parada Livre: debate sobre representação, mídia e público .....	70
3.3.2 O porquê de uma nova parada segundo seus organizadores .....	72

3.3.3 Organizadores em sua relação com militância e ativismo LGBTQIAP+ de Brasília.....	77
Considerações finais .....	83
Referências .....	86
ANEXO I – Dados documentais: notícias .....	93

## Prólogo

O ambiente interno para a pesquisa que apresento nesta dissertação foi fermentado por meus interesses em analisar o papel social da linguagem em textos, melhor dizendo, meu desejo era olhar a língua mais como processos de significação do que como estrutura. Ainda na graduação em Letras – Português pela Universidade Federal do Pará, tive a sorte de conhecer a professora Rosângela de Sousa em 2016, quando ela tinha acabado de retornar de um período de afastamento para realizar estudos doutorais no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Desse encontro, resultou um trabalho de colaboração em que fui seu orientando em alguns trabalhos de iniciação científica durante três anos (2017-2020).

Em 2018, num lindo gesto de generosidade, Viviane Resende, a época delegada da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso no Brasil, ofertou bolsas para a participação no VIII Colóquio e no II Instituto da delegação. Fui selecionado para uma delas e pude então ir à Universidade de Brasília para apresentar resultados de pesquisa de um dos meus planos de trabalho em iniciação científica.

Foi ali que conheci a professora Viviane Resende e naquele momento tive a certeza de que ali seria um ótimo lugar para levar a cabo meu objetivo inicial de estudar a linguagem em ação, especialmente sob a orientação de Resende. Na verdade, eu sabia que tinha de ser com ela, por isso em 2019 a contatei para comentar sobre minha possível candidatura ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Entendo que o mundo é cheio de potencialidades, do que poderia vir a ser, e que cada decisão que tomamos, cada pessoa que conhecemos, cada relação que estabelecemos desenha um caminho de novas outras potencialidades. Compreendo que ter conhecido essas duas queridas mulheres moldou em muito a minha trajetória. Nesta dissertação as ideias delas estão presentes do início ao fim.



## Apresentação

A pesquisa “Representação da disputa: uma análise de discurso crítica da Parada LGBTQIA+ Livre de Brasília”, da qual esta dissertação é fruto, objetivou analisar as causas que levaram à realização da Parada LGBTQIA+, evento realizado na cidade de Brasília, em 30 de junho de 2019. A investigação foi levada a cabo na Universidade de Brasília, especificamente no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB), no Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/CNPq) e no Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELIS/CEAM). Ao longo de muitos anos, pessoas organizam-se em grupos e movimentos com o objetivo de lutar pela conquista e manutenção de seus direitos, a exemplo do movimento feminista, que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, e do movimento negro, que luta pelo fim da discriminação por conta da raça. Os ativismos LGBTQIA+,<sup>1</sup> igualmente, empreendem batalhas contra a LGBTfobia,<sup>2</sup> que causa mortes e vulnerabilização social de pessoas que não se enquadram no sistema heteronormativo, como lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*<sup>3</sup> etc. (LOURO, 2018; MELO, 2013).

Apesar de parecer que as dificuldades que pessoas LGBTQIA+ enfrentam restringem-se apenas à questão de sua própria autoafirmação, elas envolvem outras áreas da vida social, como a saúde, a educação, o trabalho e a família. Costa (2010) afirma que a vulnerabilização e a não manutenção de direitos LGBTQIA+ vai além do âmbito da garantia de direitos e torna-se uma questão ética. Nesse sentido, a luta ultrapassa o domínio legal, pois se move em direção à estruturação social vigente, em que as vidas que importam são, principalmente, as de homens brancos heterossexuais cristãos e ricos (BUTLER, 2002, 2006). São suas crenças, valores e opiniões que têm maior validade nos jogos de/pelo poder.

Nessa perspectiva, ativismos LGBTQIA+ têm se engajado na rearticulação das redes de práticas sociais, almejando uma mudança de paradigma. Um marco histórico se deu em julho

---

<sup>1</sup> Sigla que corresponde a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, *Queer*, Interssexuais, Assexuais e outras identidades de gênero (JESUS, 2012)

<sup>2</sup> Segundo Pereira (2017), essa nomenclatura foi aprovada pela Plenária Final da 3ª Conferência Nacional LGBT, ocorrida em abril de 2016 em Brasília/DF, para expressar as violências perpetradas contra a população LGBT.

<sup>3</sup> *Queer* refere-se ao sujeito de identidade afetiva/sexual/de gênero que não corresponde/não deseja corresponder ao padrão cisheteronormativo. No início, o termo era usado para envergonhar o sujeito a quem designava, contudo, ele foi ressignificado por aqueles/as que se pretendia ofender. Hoje, *queer* é usado positivamente como um ato sociopolítico que intenta representar todos os sujeitos que não são/não querem ser enquadrados nas normas sexuais, afetivas e de gênero socialmente impostas (BUTLER, 2002; LOURO 2018).

de 1969, quando um grupo de policiais entrou no bar *The Stonewall Inn*, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, para efetuar uma ação policial. O estabelecimento era frequentado, notadamente, por pessoas negras e *drag queens* que formavam grupos na cidade (MELO, 2013). Entretanto, a ação policial não ocorreu como esperado. As pessoas presentes revoltaram-se contra a abordagem policial e revidaram como podiam para impedir que pessoas fossem presas. O evento que ali se deu ficou conhecido como Batalha de *Stonewall* e serviu de inspiração para a criação do Dia do Orgulho Gay e Lésbico (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

No fim dos anos de 1990, seguindo o exemplo de diversas cidades da Europa e dos Estados Unidos, começaram a ser realizadas Paradas da diversidade de gênero e sexualidade no Brasil, ações sociopolíticas em forma de passeatas pelas ruas de cidades (TREVISAN, 2010). Resumidamente, as paradas correspondiam e correspondem até hoje “a caminhadas de protesto em que pessoas gritavam[gritam] e erguiam[erguem] faixas com palavras que evocassem[evocam] a transformação da cruel realidade de exclusão ainda preponderante para LGBT” (MELO, 2013, p. 146, acréscimos meus).

As paradas LGBTQIA+ nasceram, então, tanto da autoafirmação quanto da luta pela garantia e manutenção de direitos dessa população, uma aliança corporal nas ruas (BUTLER, 2018). Porém, em muitos dos movimentos que organizam paradas não há consenso acerca dos objetivos do evento, ou de como ele deve ocorrer e, principalmente, do papel das paradas para os ativismos LGBTQIA+. Nessa esteira, tem-se realizado em alguns lugares, como na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, mais de uma parada LGBTQIA+. Isso porque alguns/mas/mes membros/as/es<sup>4</sup> não se sentiam representados/as/es pelo modo como esses eventos ocorriam.

Recentemente, algo semelhante aconteceu em Brasília, no Distrito Federal. Um grupo de empresários decidiu realizar uma nova Parada desvinculada da Parada do Orgulho LGBT, evento que já acontece há mais de 20 anos na cidade. O evento foi denominado de *Parada LGBTQIA+ Livre de Brasília* e teve sua primeira edição em 30 de junho de 2019, no estacionamento do Estádio Nacional Mané Garrincha. Segundo um dos organizadores, Bruno Rodriguez, o principal motivo do descontentamento seria a influência partidária que

---

<sup>4</sup> No presente texto, além de não empregar o masculino genérico, tento, também, utilizar formas que indiquem a existência para além do binarismo. Em alguns momentos isso é possível, em outros, torna-se um pouco mais difícil. Entretanto, espero que isso não cause constrangimento ou desconforto às pessoas que não se encaixam no binarismo homem/mulher, masculino/feminino.

a Parada do Orgulho LGBTs sofreria. Nesse sentido, ele afirma: “não somos a favor de nenhum partido, não falamos de nenhum no nosso trio”.<sup>5</sup>

É notório que os ativismos LGBTQIA+ sempre estiveram ligados a pautas que partidos progressistas também reivindicam (PEREIRA, 2017), embora outras narrativas sobre isso precisem ser consideradas (TREVISAN, 2020). O Partido dos Trabalhadores (PT), por exemplo, foi ponto de referência para a maioria dos/as/es ativistas, sendo um dos poucos partidos políticos que questionavam o *status quo*. Green (2000, p. 292) nos lembra que, durante os anos 1980, “o PT foi o único partido que incluiu os direitos de gays e lésbicas em seu programa. Ativistas gays formaram um grupo dentro do PT para educar seus membros sobre as questões do movimento”.

Apesar disso, a comissão organizadora da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília ressalta que eventos dessa natureza não podem levantar bandeiras políticas, seguindo uma linha de movimentos ditos apartidários e por vezes apolíticos (FERREIRA, 2014). Conforme Julio Cardia, membro da organização do evento, “[a] ideia da nossa parada é ser menos politizada, queremos retirar da pauta a discussão sobre ser ou não oposição ao governo. Precisamos de medidas que ajudem a população LGBTI agora. Somos empresários que acreditamos em outra forma de luta”.<sup>6</sup>

A comissão organizadora do evento reivindica uma nova narrativa, um modo particular de representação acerca do que é e deve ser uma Parada. Ao fazer isso, seus membros identificam a si mesmos, isto é, assumem um estilo particular, e identificam outros/as/es (como organizadores/as e participantes da Parada do Orgulho LGBTs, por exemplo). Nesse sentido, articulam-se representação e identificação, em relações de forças do tipo centrípeta e centrífuga, na metáfora de Resende (2017),<sup>7</sup> que se interligam dialeticamente com os demais momentos das práticas sociais, tais como: atividade material, relações sociais, valores, desejos etc.

---

<sup>5</sup> Disponível em:

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/06/30/interna\\_cidadesdf,766986/parada-lgbt-apartidaria-em-brasilia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/06/30/interna_cidadesdf,766986/parada-lgbt-apartidaria-em-brasilia.shtml). Acesso em 13 ago 2019

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/militancia-partida-grupos-rompem-e-brasilia-tera-duas-paradas-lgbt>. Acesso em 13 ago 2019.

<sup>7</sup> Resende (2017, p. 31) explica que a relação entre discursos e estilos é muito particular na construção discursiva da identidade. Para ela, há “uma força centrípeta, isto é, voltada para dentro, atuando na construção do ‘eu’ com base em múltiplos significados, ou seja, nos discursos com que nos identificamos, e uma força centrífuga, para fora, atuando na dispersão do ‘eu’ em várias direções, em movimentos semióticos texturizados”.

Destarte, esta investigação buscou responder à seguinte inquietação: *quais as justificativas, expressas no discurso, para a criação/realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e quais as relações causais com outros elementos sociais?* Intentarei, por meio de uma crítica explanatória com base no discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; RESENDE, 2017, 2018), evidenciar as razões da emergência dessa prática/evento que combina modos particulares de representar e identificar discursivamente. Assim, adoto a visão de Fairclough (1985, p. 747) de que “a crítica é essencialmente tornar visível a interconexão das coisas”.<sup>8</sup>

A realização do presente projeto justifica-se por apresentar relevância aos âmbitos acadêmico e social: o primeiro está ligado à área de conhecimento em que o trabalho é proposto, a Linguística; o segundo diz respeito à contribuição social, a partir do estudo da emergência de novas práticas sociais e políticas na contemporaneidade.

Nas últimas décadas, têm surgido disciplinas e teorias linguísticas que compreendem que a língua estabelece uma relação íntima com a sociedade. Diferente do paradigma formalista, que defende a análise linguística sem qualquer atenção a fatores extralinguísticos, o paradigma funcionalista entende que o sistema linguístico é altamente influenciado por questões contextuais e situacionais, a ponto de essas últimas influenciarem a organização interna da língua (EGGINS, 2004; NEVES, 2018).

Assim, o presente projeto contribui à visão funcionalista da linguagem/semiose, pois foca os significados e as funções que textos, e os mecanismos pelos quais este se realiza (orações e complexos oracionais, grupos verbais, nominais, circunstanciais etc.), desempenham enquanto parte integrante e reflexiva de práticas e eventos sociais. Apesar de as formas serem importantíssimas nos estudos linguísticos, atento para os significados que delas despontam, concordando que a língua é um “recurso para criar significado” (HALLIDAY, 2014, p. 3) e que toda Linguística que não tenha o significado como foco está centrada em estrutura (HODGE, 2015 citado por RESENDE, 2017).

A investigação também corrobora as discussões ontológicas e epistemológicas dos Estudos Críticos do Discurso no que concerne à natureza da relação linguagem/sociedade e à estruturação da linguagem. A centralidade das ordens de discurso e seus constituintes (gêneros, suportes, discursos e estilos) possibilita a ligação entre os textos, e os significados que deles emergem, e os momentos das práticas sociais, isto é, entre o discursivo e o não discursivo (RESENDE, 2018; RESENDE; RAMALHO, 2016).

---

<sup>8</sup> As traduções dos originais foram por mim realizadas.

Ainda nessa esteira, este estudo também pode fornecer insights interessantes à reflexão sobre mudança social e mudança discursiva. Um dos pontos defendidos por Fairclough (2016) é que mudanças sociais acarretam mudanças discursivas e vice-versa. É pela natureza dialética do discurso que articulações de processos sociais são textualizadas, pois a vida contemporânea “envolve a operação simultânea de diferentes mecanismos dos quais a semiose (discurso) é um, nenhum mecanismo trabalha em si próprio, todos os mecanismos são mediados pela operação de outros” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 125). Entendo, como Fairclough (2016, p. 128), que “a mudança deixa traços nos textos” e que é possível, por meio da análise discursiva textual e socialmente orientada, mapear as interconexões entre as mudanças sociais, no que diz respeito ao “apartidarismo”, por exemplo, e as manifestações discursivas alçadas pelos/as participantes da pesquisa.

A relevância social deste estudo diz respeito à compreensão das razões profundas que levam indivíduos a assumirem posições sociais (ARCHER et al., 1998) e a se unirem uns aos outros em grupos, movimentos e organizações, em um sistema colonial-moderno assentado também no individualismo e fluidez. Para além disso, também é relevante que as ações desses atores sejam analisadas em termos dos impactos nas (redes de) práticas sociais, considerando-se a natureza transformacional entre eventos, práticas e estruturas (BARROS, 2015; RESENDE, 2009).

Por fim, também ressalto a importância do projeto de pesquisa para compreensão de novos fenômenos sociais que têm emergido na contemporaneidade, como é o caso de ações e discursos alegadamente apartidários, mas com profundas conexões e efeitos políticos. Percebi que não há documentos formais, à luz dos estudos críticos do discurso, que tratem do tema, aspecto que imprimiu dificuldade quando do levantamento bibliográfico para este projeto. Notei acentuada falta de conhecimento produzido acerca dos antagonismos que têm ocorrido no seio de movimentos que lutam pela diversidade, como os ativismos LGBTQIA+. Isso torna ainda mais relevante um estudo dessa natureza, que combina questões sociais à análise discursiva crítica.

Além de prólogo, apresentação e conclusões, a dissertação se organiza em três capítulos. No primeiro capítulo retomo os pressupostos teóricos dos estudos críticos do discurso com foco nas cruciais modificações que a perspectiva sofreu em solo latino-americano, na potencialidade que os discursos têm para construir sistemas de conhecimento e crença e no papel dos textos em lutas de e pelo poder.

No capítulo dois apresento detalhadamente os passos que me levaram a construir a metodologia da pesquisa. Apresento, então, o mapa onto-epistemológico da investigação, localizo-a no paradigma qualitativo, indico as fontes, os métodos de geração e coleta de dados, os instrumentos que auxiliaram a execução de cada método. Também discuto o desafio da realização de pesquisa de cunho etnográfico-discursivo e sua implicação ética para os participantes. Por fim, elenco as categorias de análise discursiva e as estratégias adotadas em cada uma.

No último capítulo, apresento as análises em que me baseei para construir a crítica sociodiscursiva da pesquisa. São três seções, sendo a primeira dedicada à análise intertextual e avaliativa de textos jornalísticos sobre a realização da Parada Livre. A segunda foca os aspectos acionais do discurso mobilizados pelos organizadores da Parada Livre em sua página no Facebook, por meio da utilização da legitimação e do quadrado ideológico como categorias analíticas. Na terceira seção apresento os resultados referentes às análises das entrevistas individuais semiestruturadas com Julio e Bruno.

# Estudos críticos do discurso

## A função do discurso em dinâmicas sociais contextualmente situadas

---

O que nos une como um campo de estudos, arrisco dizer, é o afeto, o coração: a coragem de acreditar nas pessoas, na vida como um todo e na transformação social; a coragem da crítica como arte de fazer-se crítica.

Viviane Vieira (2020, p. 14)

Dividido em três seções, este primeiro capítulo apresenta os pressupostos teóricos sob os quais a investigação se sustentou.<sup>9</sup> Na primeira seção, retomo características e objetivos dos estudos críticos do discurso, mostrando como essa perspectiva se insere no ramo das ciências críticas. Ao mesmo tempo, aponto algumas características e alguns objetivos que foram adequados, e modificados, em certos casos, a partir da experiência compartilhada na América Latina, território geopolítico em que os ECD ganharam um vigor diferente. Em seguida, na seção segunda seção, como discursos não são apenas representações do mundo, mas ativamente constroem-no, influenciando também o como compreendemos e agimos nas

---

<sup>9</sup> Este capítulo inclui revisões de parte dos textos “Da necessária coerência entre ontologia, epistemologia e metodologia: contribuição em estudos críticos do discurso” (TAVARES; RESENDE, 2021) e “Discursos sobre a criminalização da homofobia e da transfobia no portal de notícias O Antagonista” (TAVARES; SOUSA, 2022).

práticas sociais. Na última seção argumento sobre a centralidade dos textos em lutas de e pelo poder em virtude de boa parte de nossa ação social se dar por meio da linguagem.



## 1.1 Perspectiva discursiva crítica e América Latina

Em anos recentes, os estudos críticos do discurso (ECD) têm recebido contribuições teóricas e metodológicas resultantes de um esforço por colocar em relevo questões como colonialidade e decolonialidade (PARDO, 2010, 2019; RESENDE, 2018), raça (MACEDO, 2022; SANTOS, 2019), pobreza (PARDO, 2013; RESENDE, 2008, 2020; RESENDE; MENDONÇA, 2019), gênero, sexualidade e suas intersecções (CARVALHO; COSTA, 2020; GOMES, 2020; PASSOS, 2019; TAVARES; SOUSA, 2022; VENTURA, 2021). Nessa esteira, é mister reconhecer a acentuada contribuição de regiões periféricas do globo, como o trabalho desenvolvido por pesquisadoras e pesquisadores na Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED) na busca por focar a solidariedade entre nossos países. Uma das colaborações centrais é a atenção às questões que afligem nossos próprios contextos sociais e então produzir epistemologias que reflitam as experiências da realidade local.

Os ECD são um ramo dos estudos semióticos, cujo ponto de partida, epistemologicamente falando, é o entendimento da semiose (linguagem em sentido mais amplo, abarcando imagens, sons, signos etc) como elemento constitutivo da vida social (HALLIDAY, 2001). Ao longo dos anos, os ECD tem sido rotulados por diversos termos, tais como *escola*, *campo*, *teoria* e/ou *método*. Concordo com Teun van Dijk (2015) quando este definiu os EDC como uma perspectiva compartilhada de como fazer análise semiótica com foco em questões problemáticas que afligem atores sociais, perpetuando relações injustas social e moralmente.

Entendo essa designação como a mais coerente para os ECD porque não estamos nos referindo a uma teoria, nem mesmo a um método de investigação. Pelo contrário, ECD são heterogêneos, constituídos por várias versões que se identificam sob esse termo guarda-chuva. Essas abordagens, ou versões de ECD, lançam mão de diversas teorias e métodos que lhes parecem ser adequados, com vistas aos fins a que pretendem chegar. Embora sejam diferentes versões de análise, Resende (2012) elenca três principais características que as unem coerentemente, são: a interdisciplinaridade, o posicionamento e o uso de categorias linguísticas para a crítica social.

Os pressupostos teóricos dessa perspectiva sustentam que é possível abordar problemas sociais por meio de seu aspecto semiótico devido à relação dialética que a linguagem mantém com a sociedade. Isso significa que toda violência, injustiça e outras vicissitudes possuem uma faceta semiótica que é passível da análise contextualizada, sistemática e engajada. É nesse

sentido que Fairclough (2003) afirma que a análise discursiva textualmente orientada pode melhorar a pesquisa social e vice-versa.

A principal característica que diferencia os ECD de outras abordagens é sua concentração no modo como a semiose atua em problemas sociais, seja para perpetuá-los ou resistir a eles. Isso é possível porque compreendemos que a semiose é parte irreduzível da sociedade, ambas se constituem mutuamente, de modo que a existência de uma implica, necessariamente, a existência da outra (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Essa indissociabilidade entre questões sociais e questões discursivas desestabiliza a noção de língua/ linguagem como um objeto autônomo. Então, com essa visão ontológica do mundo, podemos compreender a relação entre mudanças sociais contemporâneas, problemas sociais e práticas emancipatórias, por meio da crítica explanatória com base na semiose.

Os problemas sociais se mantêm historicamente porque se sustentam em estruturas sociais, que são condições de longo prazo para a vida em sociedade, reiterando-se em práticas e eventos. Segundo Resende (2019a, p. 34), as estruturas sociais são altamente abstratas e penetram todas as práticas e eventos sociais em diferentes graus e movimentos específicos, ou seja, “as condições de possibilidade de atuação de pessoas em eventos, realizando diferentes práticas, sofrem o impacto estruturante de raça, etnia, classe, gênero, sexualidade”. No entanto, sua permanência não é trans-histórica, pois as pressões por mudança alteram, mesmo que a longo prazo, o caráter das estruturas – por exemplo, as manifestações de ativismos LGBTQIA+ pelo Brasil fizeram com que o STF tipificasse a homofobia e a transfobia como crime, decisão que tem alterado gradativamente eventos, que, por sua vez, alteram práticas (relações, posições etc.), e essas potencialmente resultam por alterar estruturas (de gênero e de sexualidade, por exemplo).

O foco na melhoria das condições de vida para todos os seres, dado o ímpeto crítico, implica tomarmos uma posição holística sobre a organização social. Não nos concentramos exclusivamente nas estruturas sociais, cujo resultado seria a crença na permanência do estado de coisas, nem na agência social, como se a ação fosse livre das pressões estruturais. Nossa atenção está nas práticas sociais, maneiras habituais de ação que medeiam constrangimentos e possibilidades informados pelas estruturas, em combinação com a criatividade da ação humana em eventos (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012). Para Resende (2017a), as práticas sociais são compostas por espaços e tempos, relações e posições sociais, materiais e ordens de discurso. Os momentos das práticas são elementos em potência, uma organização esperada dada a sua repetição no tempo, mas nem por isso fechada à alteração.

Ordens de discurso são apenas um entre os momentos das práticas sociais, ou seja, não podemos olhá-las como elementos isolados, mas sim como ‘parte de’ um todo. Ordens de discurso pertencem a um ecossistema em que todo momento depende dos outros para seu funcionamento. Elas internalizam traços de seus pares, ao mesmo tempo em que suas características são internalizadas por eles (VIEIRA; RESENDE, 2016). É dizer, então, que podemos analisar a internalização das relações sociais nas ordens de discurso, mas tendo em mente que as primeiras não se limitam às últimas, da mesma forma que analisar a internalização das ordens de discurso nas posições sociais não esgota o potencial semiótico subjacente.

Além disso, ordens de discurso arranjam a variação semiótica por meio de gêneros-suportes e discursos-estilos, seus momentos internos (ACOSTA; RESENDE, 2014; RESENDE, 2017a; TAVARES; RESENDE, 2021). Tais momentos efetivam os modos como as ordens de discurso trabalham nas práticas, portanto, gêneros-suportes e discursos-estilos são os modos discursivos de ação e representação/ identificação. Segundo Fairclough (2003, p. 24), ordens de discurso são “categorias não puramente linguísticas, mas que fazem o corte através da divisão entre linguagem e ‘não-linguagem’”. Nesse sentido, ordens de discurso e seus momentos (gêneros-suportes, discursos-estilos) não podem ser confundidos com verbos, nomes, orações, embora se realizem por meio deles, pois a sobredeterminação por muitos processos sociais, em razão da relação dialética com eles, torna o limite demasiado tênue.

## **1.2 Discursos e a construção de conhecimentos e crenças**

Conforme Fairclough, Jessop e Sayer (2010, p. 213), discursos são maneiras posicionadas de representar aspectos da realidade, de “representar outras práticas sociais bem como o mundo material, e representar reflexivamente essa prática social, a partir de posições específicas nas práticas sociais”. O mundo social tem uma existência que independe de nosso conhecimento sobre ela, por exemplo, homofobia e transfobia existem mesmo que alguém não as perceba ou as negue. Contudo, ele não é um elemento dado e acabado. Nós experienciamos o mundo social subjetivamente a partir das posições que nele ocupamos, ou seja, a partir das relações que estabelecemos com as pessoas, de nossa participação em eventos e do que as pessoas nos contam sobre como é o mundo etc. Então, ele pode ser alterado a partir do conhecimento e das experiências que temos (TAVARES; RESENDE, 2021).

Discursos não devem ser tomados como simples reflexos da realidade, eles são representações constitutivas, ajudam a construir relações sociais e a realidade social (FAIRCLOUGH, 2016; VAN DIJK, 2014). Eles contribuem para a construção de conhecimento e crença, pois a maneira como falamos sobre as coisas tem a ver com a nossa compreensão sobre elas. O mesmo é verdade quando ouvimos outras pessoas, já que os discursos que elas mobilizam podem influenciar a maneira como nós percebemos e compreendemos o mundo, bem como agimos nele. Essa é a importante dimensão cognitiva dos discursos de que nos fala van Dijk, por meio do conceito de modelos mentais:

[...] modelos mentais estão envolvidos na geração de inferências derivadas do conhecimento geral, por exemplo, como base para as coerências local e global do discurso. Em outras palavras, os modelos mentais, por um lado, precisam de conhecimento geral para sua construção, e o conhecimento geral pode, por sua vez, ser produzido pela generalização de modelos de situação. Na verdade, a maior parte do conhecimento geral que temos sobre o mundo, além de nossas experiências diárias, como sobre catástrofes naturais, guerras, conflitos sociais, países e pessoas famosas, é derivado da generalização e abstração de modelos mentais de instâncias específicas de discurso público (principalmente da mídia) (VAN DIJK, 2014, p. 128).

Ao construírem sistemas de conhecimento e crença, discursos ajudam regular práticas, tendo em vista que as representações dizem respeito ao conhecimento, e por meio dele, o controle sobre as coisas (FAIRCLOUGH, 2003). Isso aponta que discursos podem ser usados para fins ligados à dominação; atores sociais podem mobilizar discursos para colonizar valores, atitudes, relações sociais, atividades econômicas, instituições etc. É claro que esse movimento não é pacífico, pois atores sociais e discursos diferentes estão sempre em disputa.

### **1.3 Textos como armas em lutas de/ pelo poder**

Textos são instanciação do potencial de significação da semiose e de ordens de discurso, em combinação com a agência humana dos atores sociais que os produzem e dos contextos e contingências de sua produção. É a linguagem desempenhando funções em eventos sociais, a realização de tal potência, que podemos acessar empiricamente. Noutras palavras, enquanto sistemas semióticos e ordens de discurso (discursos-estilos e gêneros-suportes) são potenciais abstratos, os textos são a sua materialização, o material que pode ser captado por nossa

experiência (que é sempre parcial e subjetiva, vale destacar). Theo van Leeuwen (2008, p. 6) explica que discursos são cognições sociais que servem como recursos para representar práticas sociais em textos, essa característica mostra a possibilidade de “reconstruir discursos dos textos que os realizam”.

Se é válido pensar que discursos são modos posicionados de representar o mundo e que eles se materializam em textos, então podemos inferir que as escolhas lexicais e gramaticais refletirão os discursos aos quais as pessoas se filiam quando produzem um texto. Sentidos e formas de textos têm um porquê, eles são escolhas individual e socialmente motivadas, embora nem sempre essas escolhas sejam tomadas conscientemente. Também a articulação interna entre forma e sentido não é fruto do acaso, escolhemos, simultaneamente, os sentidos que queremos colocar em funcionamento e as formas que achamos adequadas. Em termos propriamente linguísticos, acreditamos que semântica e gramática são inseparáveis, pois embora haja mais de uma opção na léxico-gramática (estrato do fraseado) para realizar a semântica (estrato do significado), “uma distinção no sistema lexicogramatical efetivamente expressa uma distinção no sistema semântico” (HALLIDAY, 2001, p. 62).

As escolhas que mobilizamos em textos podem fazê-los operar como armas em lutas de/pelo poder. Uma dimensão importante dos (sentidos de) textos é o seu potencial para reiterar ideologias. Tomamos aqui o conceito de ideologia proposto por Thompson (2011, p. 76), para quem a análise da ideologia está interessada nas “maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder”, ou melhor, nas “maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Quando sentidos ideológicos são exaustivamente repetidos, em diversas instituições e práticas hegemônicas, transitando tempos e espaços, eles podem ser cristalizados, ganhando, assim, um caráter de naturalidade, que ajuda a sustentar grupos particulares, geralmente privilegiando homens cis, ricos, brancos, sem deficiências, saudáveis e heterossexuais.

Assim, é possível afirmar que textos têm investimento ideológico como facetas em dinâmicas de poder, pois estas sempre envolvem disputas sobre qual/ quais serão os modos particulares de representação (discursos) universalmente válidos, aqueles que são não uma versão de realidade, mas considerados a própria realidade. A força agentiva e constitutiva está nos efeitos causais que os textos possuem: eles podem causar mudanças no mundo, seja em seus aspectos internos – nós podemos mudar nossos comportamentos por meio da experiência com textos – ou externos – textos podem modificar a organização material do mundo

(FAIRCLOUGH, 2003). Dessa feita, é sobre esses efeitos causais dos textos que nossas análises repousam, efeitos e sentidos que ajudam a manter os problemas sociais que investigamos. Como diz Resende (2017b, p. 63), a análise em estudos críticos do discurso é eficaz somente se “possibilita ao/ à analista explorar a materialização discursiva de problemas sociais, em termos dos efeitos dos aspectos discursivos em práticas sociais contextualizadas e vice-versa, e, assim, realizar a crítica social com base no discurso”.

# Percurso metodológico

## Das decisões na construção de um caminho

---

Reflexividade, neste sentido, significa pensar criticamente sobre o que você está fazendo e por quê, confrontando e frequentemente desafiando suas próprias suposições e reconhecendo até que ponto seus pensamentos, ações e decisões moldam como você pesquisa e o que você vê.

Jeniffer Mason (2002, p. 5)

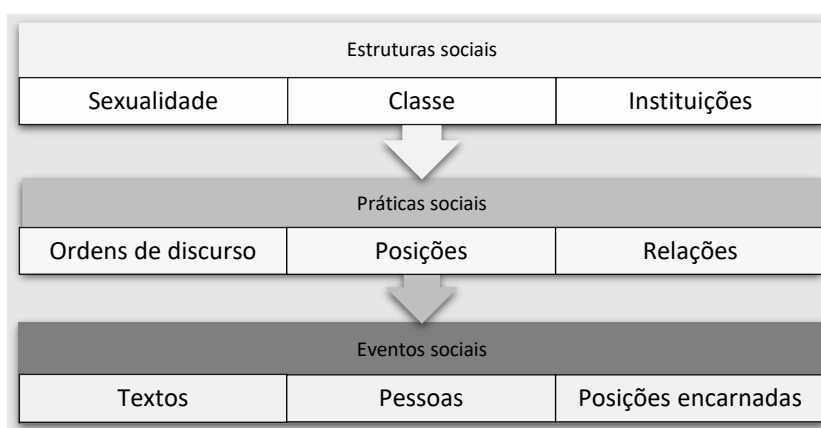
Neste capítulo discorro sobre a metodologia construída, atentando para as decisões e justificativas realizadas nesse trajeto. Na primeira seção, com base nos pressupostos teóricos, apresento o mapa onto-epistemológico da pesquisa, para depois localizá-lo no paradigma qualitativo da pesquisa científica e elencar as questões de pesquisa. Na segunda seção, indico a natureza dos dados, as fontes e métodos para sua coleta e geração, as implicações éticas encontradas neste projeto de cunho etnográfico-discursivo. Por fim, na última seção, discuto sobre as estratégias analíticas que pareceram úteis para cada conjunto de dados, assim como as categorias analíticas empregadas aos *corpora*.

## 2.1 Do mapa onto-epistemológico à metodologia

A visão de realidade que adoto é crítico-realista, reivindica profundidade ontológica em que o mundo não se reduz ao contato empírico que temos com alguns de seus elementos, mas é constituído por mecanismos, poderes e estruturas abstratos que podem ou não ser ativados em dadas circunstâncias (BHASKAR, 2017). Sobretudo, baseio-me no mapa ontológico desenhado por Resende (2017), em que ela propõe um mundo social formado por *estruturas sociais*, como classe, gênero, sexualidade, raça, etnia, instituições e semiose; *práticas sociais*, compostas por posições, relações sociais, materiais, espaços-tempos e ordens de discurso; e *eventos sociais*, incluindo pessoas, posições encarnadas, ação material, textos e espaço-tempo realizado.

Para construir o mapa onto-epistemológico do projeto em tela, pensei serem importantes: sexualidade, classe, instituições, posições, relações, ordens de discurso e textos. Quando propus trabalhar com os aspectos discursivos da criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, tinha noção de que ordens de discurso e textos seriam os objetos onto-epistemológicos iniciais do projeto. Contudo, durante a pesquisa bibliográfica e da contextualização do problema, percebi a necessidade de ampliar o mapa para que ele incluísse sexualidade, classe, instituições, posições, relações e pessoas (com suas crenças, valores e desejos). A razão é que essas entidades têm influência direta no objeto de investigação, logo, indispensáveis à sua compreensão e análise. Na figura abaixo, represento o mapa:

**Figura 1** - Mapa onto-epistemológico da pesquisa



Fonte: elaboração própria

Os textos, produzidos por pessoas em posições encarnadas, são o objeto epistemológico da pesquisa, é por meio deles que acessei os demais elementos do mapa. Isso quer dizer que o



contato com os outros elementos ontológicos, exceto pessoas e posições encarnadas, não é direto, aproximo-me deles por meio das codificações textuais de discursos-estilos e gêneros-suportes (ACOSTA; RESENDE, 2014; RESENDE, 2017). Por exemplo, nos textos da coleta documental, percebe-se que um dos possíveis mecanismos gerativos da criação/realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília é a não aceitação de que a Brasília Orgulho e seus membros (pessoas) se vinculem (relações) a partidos políticos (instituições). Isso não significa, é claro, que relações e instituições sejam redutíveis a textos, essa seria uma incoerência ontológica, pois cada elemento tem poderes e mecanismos distintos. Não havendo possibilidade empírica de reconstruir os eventos investigados (na verdade, nenhum evento social pode ser reproduzido), é só por meio das articulações que deixam nos textos, resultantes de pessoas em posições encarnadas, que podemos alcançá-los discursivamente.

Além dos pressupostos teóricos dos ECD, postos em relação com a filosofia do realismo crítico (RC), o desenho epistemológico do projeto está fundamentado no paradigma da pesquisa científica qualitativa interpretativista.

### 2.1.1 Pesquisa qualitativa

O projeto se assenta neste lugar, e não outro, porque se alinha ao objetivo geral da pesquisa qualitativa: entender como ocorrem as atividades humanas e os significados que as pessoas constroem de suas práticas e de outrem. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa “[c]onsiste um em conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”, em que investigadores estão “tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”. Então, o paradigma qualitativo é compatível com a concepção discursiva crítica de que atores sociais reiteram ou transformam o mundo com base nas representações que têm dele, ao mesmo tempo em que tais representações são parte do mundo em si.

Flick (2009, p. 23, acréscimos meus) reivindica que “[o] fato de que a maior parte dos fenômenos [e processos] não possam ser explicados de forma isolada é uma consequência da complexidade destes fenômenos [e processos] na realidade”, e acrescenta que, “[s]e todos os estudos empíricos fossem planejados exclusivamente de acordo com o modelo de nítidas relações de causa e efeito, todos os objetos complexos precisariam ser excluídos”. A pesquisa qualitativa é uma lente útil para estudarmos as complexas relações em que se enredam os processos sociais, pois não podemos, por exemplo, usar da experimentação para replicar

padrões de acontecimentos sociais, pois eventos sociais não podem ser reproduzidos tal como nos métodos de ciências chamadas duras.

Entendo que o objeto deste pesquisa (justificativas expressas no discurso para a criação/realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e as relações causais desta com outros elementos sociais) é um processo sociossemiótico que envolve relações, instituições, ordens de discurso etc., e por isso não pode ser concebido coerentemente por meio de termos estatísticos e experimentais, mas sim como uma prática sociodiscursiva que necessita ser descrita e interpretada qualitativamente.

A despeito de a pesquisa qualitativa ser realizada de maneiras diferentes nos mais diversos campos da ciência, é possível defini-la funcionalmente em três afirmações: 1) ela se baseia em uma posição filosófica declaradamente interpretativista – sua atenção está na (re)construção do mundo por meio das relações que os agentes mantêm com ele; 2) utiliza métodos de geração e coleta que sejam flexíveis e sensíveis ao contexto social em que os dados são produzidos ou coletados, e 3) emprega métodos de análise, explicação e construção de argumentos que envolvem o entendimento da complexidade, dos detalhes e do contexto, dando ênfase a formas holísticas de análise e explicação (MASON, 2002).

Seguindo essas definições, comecei esta seção mostrando o modelo ontológico do funcionamento da sociedade e da linguagem em que o projeto se finca, bem como o paradigma científico a que se filia – isso é necessário como ponto de partida porque não há apenas uma forma válida de teorizar a realidade ou de investigá-la. Antes de apresentar os métodos adotados, dedico-me a elencar as questões que desejei responder ao fim da pesquisa, pois dessas questões decorrem os métodos que em seguida serão explicados.

### 2.1.2 Perguntas de pesquisa

Nesta pesquisa falo em perguntas de pesquisa em detrimento de hipóteses, uma vez que esta proposta situa-se em uma perspectiva filosófica interpretativista, e as direções metodológicas, como a escolha por perguntas ao invés de hipóteses, são tomadas de modo a serem coerentes com as perspectivas ontológicas, epistemológicas, bem como com o que se observa no contexto pesquisado.

Na literatura de metodologia de pesquisa científica, recorrentemente se afirma que hipóteses são respostas prévias acerca do que pretendemos encontrar por meio da pesquisa. Rodrigues *et al* (2007) declaram que hipóteses são respostas antecipadas da/o investigante, que as deduz

por meio da revisão bibliográfica sistemática de tal assunto ou objeto. Esse entendimento é corroborado por Barros (2016, p. 152) quando ele diz que a hipótese corresponde a uma “suposição ou solução provisória mediante à qual a imaginação se antecipa ao conhecimento, e que se destina a ser ulteriormente verificada (para ser confirmada ou rejeitada)”.

As perguntas de pesquisa, por sua vez, são formulações que norteiam tanto os modos como compreendemos quanto os modos como resolvemos o problema de pesquisa. O benefício da utilização de perguntas de pesquisa é que conseguimos redesenhá-las quando sentimos necessidade, ou seja, quando os dados fornecidos pela experiência no campo demandam abertura de novos prismas. Ainda que a revisão de literatura e o levantamento bibliográfico norteiem algumas decisões - e as próprias perguntas, inclusive -, penso não ser ideal ir a campo com as respostas previamente estabelecidas, prontas/os para encontrar somente o que procuramos. Pelo contrário, acredito que seja mais proveitoso ir a campo com o máximo de abertura possível, dispostas/os a sermos surpreendidas/os pelo que se manifesta, inclusive com a possibilidade de nossas perguntas serem respondidas com outras perguntas (REGIS, 2017). Nesse sentido, concordo com Acosta (2017) quando argumenta que

há uma limitação severa imposta pelo paradigma da formulação de hipóteses que apenas poderiam ser refutadas ou validadas ao cabo de um estudo, sendo que as perguntas de investigação nos permitem moldar nossas técnicas e tecnologias para adequarem-se ao que encontramos em campo (ACOSTA, 2017, p. 57).

Ao abordar o tema, Mason (2002) assevera que as perguntas de pesquisa são aquelas questões para as quais a investigação foi desenhada, pois quando tomadas em conjunto, devem expressar a essência da pesquisa. Ademais, a autora pontua três características inerentes às questões, são elas: *clareza*, *valor intelectual* e *capacidade de serem pesquisáveis*. As perguntas precisam ser compreensíveis a qualquer pessoa, de modo que elucidem aonde se quer chegar. O valor intelectual se refere à importância acadêmica das questões, e de suas respostas, aos campos do saber articulados na investigação, ao benefício que o conhecimento produzido pode trazer. Julgo importante considerar o *valor social* também como característica inerente às perguntas de pesquisa. Se o paradigma qualitativo tem potencial crítico, como acredito ter, deve-se levar em conta a contribuição das perguntas, e por conseguinte, das respostas, ao contexto social (com as pessoas, problemas etc.) em foco. Por fim, o terceiro item para Mason (2002), e o quarto para mim, é o caráter pesquisável, isto é, a capacidade real de tais interrogações serem exequíveis, ou seja, a potencialidade de efetuação, tanto epistêmica quanto praticamente.

Elenco a seguir as perguntas de pesquisa elaboradas para este projeto:

- 1) Quais as estratégias e os efeitos potenciais envolvidos na ação discursiva da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília em seus textos no *Facebook*?
- 2) Como a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu papel nos ativismos LGBTQIA+ contemporâneos são representados em textos jornalísticos?
- 3) Como os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, em entrevistas individuais, representam a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu ativismo, e discursivamente identificam a si mesmos e a atores sociais externos à organização do evento, mas, segundo eles, relevantes para sua criação/realização?

A fim de identificar justificativas para a realização da Parada LGBTQI+ Livre (doravante Parada Livre) de Brasília e analisar sua relação causal com outros elementos sociais, considereei ser importante elaborar perguntas com base nas três maneiras como o discurso atua nas práticas sociais, ou seja, seu papel como ação e interação, como representação e identificação. Por meio da questão 1, ambicionei analisar como a organização da Parada Livre lançou mão de recursos semióticos, em sua página oficial no *Facebook*, para agir e interagir nos eventos, e mais, quais são os efeitos potenciais dessas escolhas. Na questão 2, meu objetivo foi analisar as maneiras como a Parada Livre e sua função no ativismo LGBTQIA+ são representadas pelos jornais *Correio Braziliense* e *Metrópoles*. Por último, por meio da questão 3, busquei examinar, em entrevistas, as representações da Parada e as identificações que os organizadores realizam de si e de outros atores sociais que, para eles, são indispensáveis à Parada Livre.

Essas três perguntas de pesquisa foram desenhadas com base na concepção dialética e articulatória da sociedade, em que cada momento deixa traços nos demais momentos das práticas sociais, de modo que são sobredeterminados uns pelos outros (HARVEY, 1996; LACLAU; MOUFFE, 1987). Portanto, compreendo que as representações sobre a Parada e seu papel no ativismo LGBTQIA+ foram inculcadas em formas identificacionais por seus organizadores, que por sua vez, projetaram identificações a outrem. E a construção identitária com base em representações particulares informou as ações discursivas da Parada Livre e seus efeitos potenciais. Como já disse, os dados me possibilitam acessar as representações discursivas desse processo social, o que tem benefícios e limitações.

## 2.2 Fontes, coleta, geração e organização dos dados

Idealmente, a construção metodológica de uma pesquisa deve ser posterior às reflexões ontológica e epistemológica, de modo que haja coerência entre as três. A pergunta aqui subjacente é: a partir de tal arcabouço teórico e de decisões epistemológicas que tomei, como posso produzir conhecimento sobre as componentes ontológicas que escolhi analisar?

### 2.2.1 Fontes

Um primeiro passo metodológico a ser dado é se perguntar de que fonte (ou fontes, neste caso) é possível coletar ou gerar os dados necessários. No primeiro esboço do projeto, as pessoas (membros da comissão organizadora da Parada Livre) eram a única fonte de dados, pois eu acreditava que para identificar as justificativas de realização do evento e, depois, explorar suas relações causais com outros elementos sociais, seria adequado ouvir os atores diretamente envolvidos em sua realização. Desde lá, o projeto sofreu diversas mudanças, uma das mais significativas foi a inclusão de documentos formais (notícias e registros de rede social) no conjunto de dados. Vou esclarecer a decisão de incluir essas fontes quando tratar dos métodos nas próximas subseções. Por ora, é suficiente dizer que as fontes de dados do projeto são, por um lado, os organizadores da Parada Livre e, por outro, textos publicados por eles em sua página no *Facebook* e textos publicados pelos jornais *Correio Braziliense* e *Metrópoles* sobre o evento.

A escolha de tais fontes e a crença de que podem fornecer acesso aos significados do discurso são baseadas nas premissas ontológicas e epistemológicas que indiquei. Para investigar o significado acional do discurso, que informa a primeira questão de pesquisa, é necessário explorar como as pessoas mobilizam os recursos semióticos em suas ações no mundo; é a semiose funcionando como práxis, na forma de gêneros-suportes. Por isso entendi ser relevante analisar os textos de autoria da própria organização da Parada Livre. Para explorar o significado representacional, em que a segunda e a terceira perguntas de pesquisa se baseiam, é preciso identificar como os aspectos da realidade são representados e de que perspectivas partem, em forma de discursos-estilos. Compreendo que analisar as representações da mídia jornalística online (*Correio Braziliense* e *Metrópoles*) e dos organizadores (em entrevistas) é uma forma de observar as diferentes representações sobre o evento. Para explorar o significado identificacional, na terceira pergunta de pesquisa, tem de se atentar às

maneiras como as pessoas se identificam por meio do aparato semiótico, como texturizam suas identidades, na interação que fazem comigo, participante-pesquisador, na forma de discursos-estilos. Assim, pensei ser aquedado incluir as próprias pessoas envolvidas na Parada Livre, sua organização, e assim acessar como elas mesmas se identificam em entrevistas.

### 2.2.2 Percurso de escolha dos métodos

O mundo social e seus processos são complexos, resultam da articulação de diversos elementos. Não é diferente com a realização da Parada Livre: suas motivações têm raízes diversas, estruturas, mecanismos, práticas e eventos. Tendo isso em mente, fui impelido a esquematizar uma estratégia metodológica que não a tomasse de modo simplista, mas que pudesse abarcar tal característica o máximo possível. Em meados de agosto de 2019, quando de minha preparação para o processo seletivo do curso de mestrado do PPGL/UnB, esbocei um projeto de pesquisa a partir da leitura de textos jornalísticos sobre a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. Esses textos foram minha porta de entrada ao tema: foi por meio deles que descobri a realização do evento.

Com o propósito de identificar as justificativas para a realização da Parada e analisar suas relações de causalidade com outros elementos sociais, pensei ser adequado realizar um pesquisa etnográfico-discursiva sobre a segunda edição do evento no ano seguinte (em 2020). Para isso, empregaria os seguintes métodos: entrevistas individuais semiestruturadas com participantes-chave, grupos focais com pessoas envolvidas na organização, gravação de reuniões e observação participante. Minha intenção era observar se a maneira como as pessoas se identificam como ativistas estaria intimamente ligada ao discurso do apartidarismo, e como a combinação desses dois, por sua vez, ensejaria a maneira como organizavam a Parada, isto é, as decisões sobre o título, as atrações, o trajeto etc., a atividade material em si.

Depois de ingressar no PPGL/UnB, em 2020, minha orientadora e eu decidimos reduzir a quantidade de métodos, dado que era um projeto demasiado ousado para o curto tempo de conclusão da pesquisa no mestrado. Optamos, então, por excluir a gravação de reuniões e a observação participante, que seriam métodos para acompanhar a preparação para a segunda edição do evento naquele ano. Essa decisão foi ratificada quando fomos surpreendidas/os com o novo Coronavírus, vindo a desencadear uma das maiores pandemias do último século,

da qual até agora ainda não temos a dimensão total. Para diminuir a propagação do vírus, organizações de saúde recomendaram o isolamento social, com isso, percebemos que não havia esperança de que segunda edição do evento pudesse ser levada a cabo em 2020. Assim, gravação de reuniões e observação participante foram definitivamente descartadas e, por conseguinte, o plano de acompanhar a construção da segunda edição da Parada Livre foi abandonado.

O foco então seria a primeira (e única, até agora) edição do evento. Em maio de 2020, contatei algumas pessoas que eu sabia atuarem nos ativismos LGBTQIA+ de Brasília e perguntei se conheciam as pessoas que organizaram a Parada Livre. Com facilidade, apontaram-me um nome e forneceram-me o número de contato. Por meio de aplicativo de mensagem, contatei Julio, que mais tarde se tornaria participante-chave da pesquisa. Comecei a tratativa inicial me apresentando, falei do projeto em linhas gerais, perguntei de seu interesse em participar da pesquisa e fiz algumas perguntas iniciais. Foram perguntas simples, mas cruciais para iluminar locais ainda nebulosos no contexto da pesquisa, entre elas o número de pessoas que compunham organização do evento. Para minha surpresa, fui informado de que foram somente duas pessoas, Julio e Bruno. Pedi a Julio que falasse com Bruno sobre mim, sobre a pesquisa e perguntasse se ele poderia conversar brevemente comigo. Bruno aceitou e procedi tal como fiz com Julio, me apresentei, discorri sobre os pontos principais da pesquisa e perguntei se ele teria interesse em colaborar. Ambos foram muito solícitos e pareceram animados em participar, porque viam o convite como uma oportunidade para esclarecer certos aspectos da Parada Livre.

Nesse momento, precisei reavaliar os métodos. Concluí que seria inviável realizar grupos focais, tendo em vista que só duas pessoas organizaram a Parada Livre. Com as limitações de tempo, as contingências da pandemia e as condições que o próprio campo estava revelando, o método de entrevista individual foi o único que permaneceu daquele primeiro esboço. Uma forma viável de reunir dados de outras fontes foi tomar como objeto de análise aqueles primeiros textos jornalísticos sobre o evento que usei para contextualizar o problema de pesquisa na primeira versão do projeto.

Em conversa com minha parceira de mestrado Cintia Rodrigues, disse de minhas frustrações em relação ao desenho metodológico, que estava indo por um caminho que eu não esperava, e também sobre a pouca quantidade de textos sobre a Parada Livre retornados na coleta documental – apenas textos de *Correio Braziliense* e *Metrópoles*. Ela compartilhou comigo que, ao fazer uma busca no *Facebook*, encontrou a página oficial da Parada Livre, que estava sob

nome “Tods pelo orgulho Brasília”, daí o motivo de eu não ter encontrado nas buscas que fiz anteriormente. Nessa página, há textos verbais e imagéticos de autoria da comissão organizadora, datados de pouco dias depois da realização da Parada. Os textos verbais são de agradecimento e em resposta a textos jornalísticos publicados sobre o evento (textos esses que já compunham meu *corpus* documental, como indicado). Esse foi um achado importante para a pesquisa, pois a relação intertextual de resposta a outros textos, tanto de autoria dos jornais *Correio Braziliense* e *Metrópoles* quanto de outros atores sociais, seria um ponto nodal para analisar as ações discursivas da organização, ou seja, estratégias e efeitos potenciais de tais textos em sua atuação no mundo. Desse modo, julguei imprescindível sua inclusão na pesquisa, figurando como dados da coleta documental.

Depois de todo esse percurso de tomada de decisões difíceis, mas importantes para a pesquisa, decidi que os métodos seriam os seguintes: *coleta documental* de textos jornalísticos e da comissão organizadora publicados em sua rede social, *entrevistas individuais semiestruturadas* com os organizadores. Uma vez que esses dados são de naturezas diferentes, são recursos que têm o potencial de fornecer uma visão mais complexa, profunda e acurada do objeto.

Optar por uma pesquisa multimetodológica é uma tentativa de dar respostas menos simplistas às questões de pesquisa, “reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 19). Argumentar pela triangulação dos dados, por exemplo, não significa que eu esteja tentando, por meio dela, alcançar uma “verdade” sobre o objeto, sei que isso seria ilusão. Minha ambição é chegar a conclusões baseadas em teorias e métodos coerentes. Esses são os tópicos das próximas subseções.

### 2.2.3 Coleta documental

Os *corpora* documentais da pesquisa são compostos por 11 textos verbais escritos no total, sendo quatro de jornais (*corpus* de notícias) e sete da comissão organizadora da Parada (*corpus* de rede social) (Quadro 1).<sup>10</sup> Os dados documentais se justificam pela possibilidade de responderem a duas perguntas de pesquisa. Por meio dos textos da organização da Parada Livre, intento saber quais as estratégias e os efeitos potenciais envolvidos na ação discursiva da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, portanto, o foco está no aspecto relacional do

---

<sup>10</sup> Os textos completos do *corpus* de notícias estão no Anexo I e os textos completos do *corpus* de rede social estão no Anexo II.



discurso. Os textos do *Correio Braziliense* e do *Metrópoles*, por seu turno, podem ajudar-me a explorar como a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu papel nos ativismos LGBTQIA+ contemporâneos são representados, logo, concentra-se na função representacional do discurso.

**Quadro 1** - Dados da coleta documental

Data de publicação		Autoria	Título
28/05/2019	CORPUS DE NOTÍCIAS	Metrópoles	Duas Paradas do Orgulho LGBT em Brasília? Entenda essa polêmica
16/06/2019		Metrópoles	Militância partida: grupos rompem e Brasília terá duas paradas LGBT
30/06/2019		Metrópoles	Marcha LGBTQI+ estreia neste domingo e abre dissidência no DF
30/06/2019		Correio Braziliense	Parada LGBT apartidária reúne público em Brasília
02/07/2019	CORPUS DE REDE SOCIAL	Organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	Nota de agradecimento - 1ª Parada do Orgulho LGBTQI+
02/07/2019		Organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	Resposta à Coluna Vozes LGBT do portal Metrôpoles assinado por Italo Damasceno do dia 28/05/2019
02/07/2019		Organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	Obrigado Metrôpoles e Luiz Prisco por possibilitarem o início de uma discussão acerca dos rumos do movimento LGBT na capital.
02/07/2019		Organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	Nosso partido é o Orgulho!
02/07/2019		Organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	O movimento LGBT não deve se render à cooptação partidária mas se ater às demandas dos da população.
02/07/2019		Organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	A primeira a gente nunca esquece!
02/07/2019		Organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	Brasília inova fazendo uma Parada do Orgulho LGBTQI+ apartidária e livre de amarras.
02/07/2019		Organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	

Fonte: elaboração própria

A coleta de documentos se deu em dois momentos. O primeiro foi realizado em agosto de 2019, quando da elaboração do esboço inicial do projeto. Na ferramenta de pesquisa do Google, busquei textos com o descritor [Parada LGBTQI+ Livre de Brasília]. A busca resultou em seis textos: três do *Metrôpoles*, um do *Correio Braziliense*, um do portal Gay1<sup>11</sup> e um do portal Uol.<sup>12</sup> Esses dois últimos textos, dos portais Gay1 e Uol, não foram considerados para compor os dados documentais porque são republicações da matéria “Parada LGBT

<sup>11</sup> Disponível em: <https://gay1.lgbt/2019/07/parada-lgbt-nao-oficial-reune-publico-abaixo-do-esperado-em-brasilia.html>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/parada-lgbt-alternativa-anima-lgbts-de-brasilia>

apartidária reúne público em Brasília”, do *Correio Braziliense*. Destarte, decidi considerar para o *corpus* de notícias os textos originais, dos jornais *Metrópoles* e *Correio Braziliense*. A busca foi refeita em outubro de 2020, mas não retornou novos resultados.

Os textos da organização foram coletados de sua página oficial na rede social *Facebook*.<sup>13</sup> O primeiro critério para a seleção dos dados foi o modo semiótico: apenas textos verbais escritos, ou seja, não considere textos imagéticos ou vídeos, resultando um total de sete textos. Embora saiba da importância que as imagens exercem em nossa sociedade, acredito que a análise dos textos verbais será suficiente para responder às perguntas do estudo. Cada um dos sete textos varia em extensão e composição, alguns são longos, outros se resumem a uma oração, alguns incorporam outros textos por meio de *hiperlink*, outros incorporam imagens, dada a possibilidade do suporte. Os textos coletados foram trazidos do *Facebook* para um documento único no *Word*, conservando a sua forma original ao máximo (sem proceder a nenhum tipo de correção de escrita, por exemplo).

#### 2.2.4 Entrevistas individuais semiestruturadas

Para gerar dados, utilizei o método de *entrevistas individuais semiestruturadas*, com auxílio dos instrumentos *tópicos guia* e *foto elicitação*. Como suporte para realizar e gravar as entrevistas usei o programa de videoconferência *Microsoft Teams*. A seguir, detalho os métodos, bem como as razões para sua escolha.

A entrevista individual sustenta-se no pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, mas sim que é reconstruído ativamente pelas pessoas que nele vivem, que percebem-no e o constituem a partir de estruturas prévias, que não foram por elas formadas (GASKELL, 2015). A preferência pela entrevista etnográfica, ou semiestruturada, se deu em virtude do entendimento de que ela é um potente método que “fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” (GASKELL, 2015, p. 65).

Os dados foram gerados por meio de entrevistas individuais semiestruturadas com os dois organizadores da Parada Livre, Julio e Bruno. Depois de um longo processo de avaliação por parte do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais,<sup>14</sup> o projeto recebeu

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/todxspeloorgulho>

<sup>14</sup> O comprovante encontra-se no Anexo III.

parecer favorável e então pude proceder às entrevistas. A primeira entrevista foi realizada com Julio em 13 de abril de 2021, e teve mais de uma hora e meia de duração. A segunda entrevista foi com Bruno, em 21 de julho de 2021, e teve cerca de trinta minutos de duração. A variação na duração de entrevista desta natureza é esperada, pois responde a questões estilísticas próprias de quem fala, e a palavra central nessas entrevistas é da pessoa entrevistada.

O propósito das entrevistas foi compreender como os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília representam a Parada Livre e sua atuação, e como discursivamente identificam a si mesmos e a atores sociais externos à organização do evento, mas, segundo eles, relevantes para sua criação/ realização. Penso que uma das formas de detectar as justificativas para a realização do evento está no modo como os organizadores se identificam como atores sociais, como negociam suas identidades nas práticas sociais em que se engajam. Como as identidades se constituem na relação com o outro, é importante atentar para que identificações os organizadores projetam e quais os efeitos potenciais disso.

As entrevistas individuais foram norteadas por *tópicos guia*, planejados segundo os objetivos do projeto. O tópico guia não é um conjunto de perguntas específicas, mas sim títulos sobre os temas arrolados na pesquisa, pelos quais a conversa na entrevista pode ser conduzida. Gaskell (2015, p. 66) recomenda que “[u]m bom tópico guia irá criar um referencial fácil e confortável para uma discussão, fornecendo uma progressão lógica e plausível através dos temas em foco”.

Quando elaborei o tópico guia, sempre com auxílio de minha orientadora, tive o cuidado de desenhá-lo com flexibilidade, de modo que não engessasse a interação. O tópico guia que idealizei para as entrevistas não inclui perguntas fechadas, mas sim um referencial pelo qual a interação pôde seguir. Sobre essa flexibilidade viabilizada pelos tópicos, Vieira e Resende (2016, p. 88) argumentam que a abertura é fundamental, pois “algumas alterações de foco podem acontecer devido ao próprio interesse dos/as participantes”. Foi o que verifiquei nas entrevistas que realizei: outros tópicos foram acrescentados conforme os interesses dos próprios participantes. Ao escolher que as entrevistas fossem conduzidas por tópico guia, optei pela abertura e não pelo fechamento. O tópico guia desenhado é apresentado no quadro a seguir:

**Quadro 2** - Tópico guia das entrevistas

Você pode me falar um pouco da Parada?
Me conta da sua trajetória até a decisão/realização da Parada?
Mesmo havendo uma parada há mais de 20 anos aqui em Brasília, por que a organização achou necessário fazer outra?
Você acha que a Parada tem algum papel no movimento LGBTQIA+ de hoje? Qual?
Você já tinha algum envolvimento com o movimento/ militância antes dessa iniciativa?
Qual sua atuação e relação no movimento LGBTQIA+ de hoje?

**Fonte:** elaboração própria

Devido aos limites impostos pela pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), as entrevistas individuais foram realizadas no suporte *Microsoft Teams* (plataforma institucional que tem, entre suas ferramentas, a possibilidade a gravação de reuniões *online*), com consentimento livre e esclarecido dos participantes.<sup>15</sup>

Efetuar as entrevistas nesse *software* tem dupla vantagem, a possibilidade da gravação em áudio e em vídeo. Notadamente, a gravação em vídeo se mostrou valiosa no âmbito interacional e no metodológico. Primeiro, já que os participantes e eu não pudemos compartilhar um espaço físico, o vídeo garantiu uma comunicação fluida, o estabelecimento de um diálogo mais “real” entre os interactantes, uma copresença simulada. Em segundo lugar, no espectro mais metodológico, a transcrição das entrevistas foi facilitada pelo auxílio do vídeo, pois pôde-se recorrer a ele sempre que surgiram dúvidas acerca da fala dos participantes.<sup>16</sup>

Depois de salvas em formato mp4 em meu equipamento e em nuvem, as interações foram transcritas no Elan 6.2, sem necessidade de nenhuma convenção de transcrição linguística.

### 2.2.5 Foto elicitação

Outro instrumento de que lancei mão nas entrevistas foi a foto elicitação. Em um dos encontros da Acolhética, no âmbito do PPGL/UnB, em que conversávamos sobre os projetos de pesquisa em andamento no grupo, Elizabeth Ruano compartilhou sua experiência com entrevistas no doutorado e de como a foto elicitação foi útil para despertar

<sup>15</sup> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado está no Anexo IV.

<sup>16</sup> A autorização para utilização de imagem e som está no Anexo IV.

lembranças em participantes. Essa potencialidade metodológica me animou, pois o tempo desde a Parada Livre até a realização das entrevistas, cerca de dois anos, era uma característica que me deixava receoso quanto a possibilidade de dados vívidos não só da noite do evento, mas também do antes e do depois dele. Então, acreditei que o instrumento poderia trazer benefícios à pesquisa.

A foto elicitação é a ação de inserir uma ou várias fotografias na entrevista (HARPER, 2002). Sabemos que os textos verbais são o modo mais comum de as entrevistas ocorrerem, o foco é a troca de informações verbais, a/o investigador elabora conjuntos de perguntas (ou, neste caso, temas gerais) que são dirigidas às/aos participantes. Obviamente, essa tradição persiste devido aos resultados que gera em pesquisas. No entanto, investigadores que escolhem usar a foto elicitação sustentam que as imagens estimulam áreas diferentes da mente, partes que os textos verbais não despertam. Ou seja,

a elicitação de fotos penetra mais profundamente em uma parte diferente da consciência humana do que entrevistas apenas com palavras. Isso se deve em parte a como a lembrança é ampliada pelas fotos e, em parte, à qualidade particular da própria fotografia. As fotos parecem capturar o impossível: uma pessoa desaparecida; um evento passado (HARPER, 2002, p. 23).

Além de despertar diferentes memórias nas/os participantes, a foto elicitação pode ser o tópico inicial da entrevista, evitando aquele embaraço comum do começo da conversa (CLARK-IBÁÑEZ, 2004). Isso porque a imagem, via de regra, é compreendida por ambas as partes, integra a vida da/o investigador, que conhece a realidade pesquisada, e da/o participante, que vive a realidade pesquisada. Começar as entrevistas com Julio e Bruno por meio da foto elicitação parece ter sido uma decisão acertada, pois pude ouvir suas lembranças daquela noite e, assim, começar a desenvolver o tópico guia que havia traçado. A foto usada foi a seguinte:

**Figura 2** - Registro fotográfico da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília pelo portal Gay1



Fonte: <https://gay1.lgbt/2019/07/parada-lgbt-nao-oficial-reune-publico-abaixo-do-esperado-em-brasilia.html>

Segundo Flick (2009), há quatro tipos de relações envolvendo fotos que podem ser estabelecidas entre investigador e participante: 1) investigador mostra fotos à/ao participante; 2) investigador tira fotos da/o participante; 3) investigador pede à/ao participante que mostre fotos; e 4) investigador observa a/o participante tirar fotos. Nas entrevistas da pesquisa, munido da foto, assumi a função de demonstrador, enquanto Julio e Bruno foram, cada qual a seu turno, observadores e comentadores.

No intento de achar uma boa imagem para a foto elicitatória, primeiramente tive de refletir sobre quais seriam os padrões para a escolha. Considerei que seria melhor escolher uma foto cujo foco estivesse no público do evento, ou seja, não seria foto do trio, das apresentações e nem de pessoas isoladas. Lembrei que havia uma matéria jornalística entre aquelas da primeira coleta documental em que havia uma foto desse tipo. Acessei a matéria e, realmente, a foto me pareceu excelente para o objetivo. Contudo, o que para mim foi uma escolha simples, entre as fotos que me eram disponíveis no momento, mostrou-se problemático para os participantes. Nas interações, eles acentuaram que a foto não representava o evento, pois havia sido tirada no início, quando poucas pessoas estavam no local, e mais, que ela circulou na internet como forma de sugerir o fracasso do evento (fato que eu desconhecia).

A foto que eu havia escolhido para ser instrumento assumiu o lugar de objeto. Peguei-me pensando se essa situação teria sido evitada se eu tivesse realizado trabalho de campo e a foto

fosse de minha autoria. Cheguei à conclusão de que isso não poderia ser previsto, pois mesmo se eu tivesse tirado uma excelente foto, mostrando uma multidão de participantes, ela poderia ser questionada ou ensejar semelhante debate. Os sentidos da foto não estão ali previamente, eles são construídos e negociados entre autoras/es e leitoras/es, como qualquer outro recurso semiótico (VAN LEEUWEN, 2005). A disputa de sentidos, que tem sido uma tônica nesta pesquisa desde o início, se mostrou também no próprio instrumento do método, que apesar de não ter sido idealizado para isso, possibilitou-me refletir sobre perspectivas analíticas outras.

No quadro a seguir, tento esquematizar o desenho geral do projeto de investigação segundo o que apresentei nas subseções anteriores. Para isso, alinho os elementos ontológicos, as dimensões, as questões de pesquisa e os métodos adotados, mostrando como cada um se liga aos outros:

**Quadro 3** - Desenho geral da pesquisa

<b>Componentes ontológicos</b>	<b>Dimensão</b>	<b>Questões de pesquisa</b>	<b>Métodos</b>
Sexualidade, Classe, Instituições Posições, Relações, OD: gêneros-suportes Textos	Ação discursiva da organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	1) Quais as estratégias e os efeitos potenciais envolvidos na ação discursiva da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília em seus textos no Facebook?	Coleta documental (Facebook)
Sexualidade, Classe, Instituições Posições, Relações, OD: discursos-estilos Textos	Representação discursiva da criação e do papel da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília	2) Como a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu papel nos ativismos LGBTQIA+ contemporâneos são representados em textos jornalísticos?	Coleta documental (notícias) Entrevistas individuais com os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília
Sexualidade, Classe, Instituições Posições, Relações, OD: discursos-estilos Pessoas, Posições encarnadas, Textos	Representação e identificação discursiva dos organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e de atores sociais relevantes	3) Como os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, em entrevistas individuais, representam a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu ativismo, e discursivamente identificam a si mesmos e a atores sociais externos à organização do evento, mas, segundo eles, relevantes para sua criação/ realização?	Entrevistas individuais com os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília

Na próxima subseção, me dedico a mostrar algumas implicações éticas que se apresentaram durante a avaliação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, e que decisões precisei tomar para resolvê-las.

#### 2.2.6 Reflexões e decisões éticas na pesquisa etnográfico-discursiva

Quando decidimos levar a cabo pesquisas que envolvem seres humanos, precisamos estar atentas/os à possibilidade de risco, seja em maior ou menor grau. Neste projeto não é diferente. Seguindo a Resolução nº 510 do CEP, entendi que poderia haver dois riscos mínimos para os participantes da pesquisa. O primeiro é que, tendo em vista a cooperação dos participantes nas entrevistas individuais, seria possível exporem questões sensíveis para eles mesmos. O segundo seria a possibilidade de serem reconhecidos por leitoras/es do texto fruto da pesquisa e, assim, serem questionados acerca de suas participações na investigação, daquilo que relataram etc.

Identificados os potenciais dilemas, é preciso, então, pensar em maneiras éticas de fazer com que eles sejam mitigados. É se propor a trabalhar para que a nossa investigação não cause danos às pessoas que gentilmente aceitaram nosso convite, ou que eles sejam os mínimos possíveis. Com muita reflexão, cheguei a duas ações dirigidas à proteção dos participantes, são elas: i) encerrar as entrevistas sempre que o participante solicitar ou se eu perceber que a pergunta o constrangeu; ii) esclarecer que, em qualquer momento, o participante pode solicitar que certas informações dadas nas entrevistas não sejam utilizadas na pesquisa (que se mostrou na prática de uma das entrevistas).

Além disso, eu havia proposto a utilização de pseudônimos para representar os participantes, decisão da qual eles não se opuseram, apesar de deixarem explícita a possibilidade também de terem seus nomes expostos. Segui por muito usando os pseudônimos, mas encontrei barreira no próprio *corpus* da coleta documental dos textos jornalísticos porque neles já havia a presença dos nomes de Julio e Bruno. Uma vez que esses textos já estavam em acesso público, considerei não usar mais os pseudônimos. Interroguei a Julio e Bruno sobre isso e ambos aceitaram de pronto. Em seguida, tive de novamente elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido explicitando essa informação e posteriormente submeter ao Comitê de Ética.



Outra reflexão importante que uma pesquisa crítica como esta precisa fazer, mas que poucas vezes é anunciada, é: que benefícios esta investigação trará às/aos participantes? Considero que este projeto pode fornecer aos participantes um espaço para que eles exponham suas razões para a realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. Sabemos que a academia ainda é um espaço demasiado privilegiado a que poucos grupos têm acesso, e que os discursos que ali são construídos têm potencial de propagação, ou ao menos de legitimidade, na sociedade.

Além disso, outro benefício é a possibilidade de reflexividade, pensando-a como o fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando constitutivamente seu caráter. A pesquisa pode viabilizar aos participantes reflexões acerca do evento que organizam, sobre o papel que este tem (e pode ter) no movimento LGBTQIA+ contemporâneo, nas relações que eles estabelecem com seus pares e consigo mesmos. Uma filiação à pesquisa crítica implica acreditarmos que o que estamos pesquisando é problemático e que pode mudar para melhor. Essa mudança só é possível por meio da reflexividade dos atores envolvidos.

A seguir, sistematizo as reflexões e as decisões éticas da dinâmica do projeto:

**Quadro 4** - Reflexões e decisões éticas da pesquisa

Âmbito	Risco	Mecanismo para amenização de risco	Benefícios
Psíquico	Auto exposição	Encerrar as entrevistas sempre que o participante solicitar ou o pesquisador perceber que a pergunta o constrangeu	Abertura para a escuta e propiciação de reflexividade
		Esclarecer que, a qualquer momento, o participante pode solicitar que certas informações dadas nas entrevistas não sejam utilizadas na pesquisa	

Fonte: elaboração própria

### 2.3 Estratégias e categorias de análise

Os dados da coleta documental foram analisados seguindo, como Resende (2008), os procedimentos de uma “abordagem mais flexível”. Primeiro, procedi à leitura atenta do texto completo. Em seguida, numa nova leitura, busquei os movimentos retóricos do texto, ou seja, atento para o que está acontecendo em cada trecho. O terceiro passo foi selecionar os recortes que pudessem ajudar a responder às perguntas de pesquisa (que podem ser

ampliados por outros recortes). O passo seguinte foi fazer a análise fina com base em categorias mais micro.

Essas categorias servem para mapear as conexões entre o discursivo e o social, tendo em vista que nossas análises não têm um fim em si mesmas, mas, sim, visam a uma crítica explanatória do problema investigado. Nesse sentido, Vieira e Resende (2016, p. 113) afirmam que a “escolha de que categorias utilizar não pode ser feita a *priori*”, ou seja, as categorias textuais não podem ser selecionadas antes de o/a pesquisador/a observar seu material de pesquisa, pois é daí que elas emergem.

Foram produtivas as seguintes categorias para análise documental: legitimação, avaliação, relações semânticas entre períodos, intertextualidade, pressuposição, representação de atores e eventos sociais e transitividade. Tais categorias são advindas da Linguística Sistêmico-Funcional, que é a linguagem de descrição funcional com que tenho trabalhado nos últimos anos, e serão apresentadas no capítulo analítico.

Por sua vez, depois de transcritas as entrevistas com auxílio do Elan 6.2, procedi como fiz com os dados documentais. Fiz leitura atenta, observei os movimentos retóricos junto ao tópico guia e por fim empreguei categorias analíticas micro. As categorias usadas foram: marcação de relação temporal, metáfora, MODALIDADE e relações semânticas nas/ entre orações.

# Análises e resultados

## Articulações discursivas em foco

---

Análise de discurso crítica está preocupada com continuidade e mudança nesse nível mais abstrato e estrutural, bem como com o que acontece em textos particulares. A ligação entre essas duas preocupações é feita por meio da maneira como os textos são analisados em análise de discurso crítica

Norman Fairclough (2003, p. 3)

Neste capítulo apresento as análises textual-discursivas por meio das quais baseei a crítica sociodiscursiva da pesquisa. São três seções, sendo a primeira dedicada à análise intertextual e avaliativa de textos jornalísticos sobre a realização da Parada Livre. A segunda foca os aspectos acionais do discurso mobilizados pelos organizadores da Parada Livre em sua página no Facebook, por meio da utilização da legitimação e do quadrado ideológico como categorias analíticas. Na terceira seção apresento os resultados referentes às análises das entrevistas individuais semiestruturadas com Julio e Bruno.

### 3.1 Representações jornalísticas sobre a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília

Nesta seção, objetivo responder à pergunta “Como a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu papel nos ativismos LGBTQIA+ contemporâneos são representados em textos jornalísticos?”. Adotei as categorias intertextualidade e avaliação na análise de quatro textos: um do Correio Braziliense e três do Metrôpoles.

Conforme a teorização de Halliday ([1985] 2014) operacionalizada por Fairclough (2003, [1992] 2016), os textos são multissignificativos, têm significados diversos que atuam simultaneamente em qualquer parte de um texto. Fairclough (2003) considera os significados acional, representacional e identificacional como os três principais. No significado acional, o texto é analisado em relação à sua participação nos eventos; no representacional, ele é analisado em termos das representações de mundo que constrói; no identificacional, é analisado em relação às identificações de autoras/es e de outros atores sociais.

Para cada significado há categorias analíticas mais adequadas, que prototipicamente se relacionam a cada um. Por exemplo, intertextualidade liga-se ao significado acional, pois a escolha de que vozes trazer para compor um texto e de como elas serão articuladas é um aspecto influenciado pelos gêneros selecionados, que podem ser mais abertos ou mais fechados a presença de vozes (o gênero notícia, a efeito de exemplo, tende a articular diversas vozes, chamadas nessa prática de fontes jornalísticas). Outro exemplo é a avaliação, que é associada ao significado identificacional porque possibilita verificar as maneiras como atores valoram elementos nos textos, e as escolhas são rastros das subjetividades

Não obstante, os significados se relacionam dialeticamente entre si, quer dizer, representar envolve identificar(-se), porque representações são sempre particulares, e (inter)agir, porque sempre estabelece uma ação no mundo e uma interação com outrem. Se é assim, podemos considerar que qualquer categoria pode ser usada na análise de qualquer significado, desde que produza resultados pertinentes. É o que tento fazer aqui, ao combinar intertextualidade, que é uma categoria prototipicamente acional, e avaliação, que é uma categoria prototipicamente identificacional, para responder a uma pergunta de domínio representacional. Noutras palavras, para analisar a representação da criação da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e de sua função nos ativismos LGBTQIA+ contemporâneos, investigo as perspectivas subjetivas nos textos (avaliação) e que vozes realizam (intertextualidade). A seguir, especifico brevemente as propriedades da intertextualidade e da avaliação.

### 3.1.1 Intertextualidade

Desde os estudos de Bakhtin, e também nas indicações de Fairclough, tem se afirmado que os textos são uma assembleia de múltiplas vozes. Daí a noção de intertextualidade ser a propriedade que os textos têm de serem cheios de fragmentos de outros textos (FAIRCLOUGH, 2016). A questão para a categoria analítica é verificar a quem pertencem essas vozes, de onde partem, e como são combinadas nos textos, visto que podem estar em disputa ou em consenso, e podem ser ordenadas de muitas maneiras pela voz autoral que as organiza.

Já indiquei anteriormente que Fairclough relaciona a intertextualidade ao aspecto acional do discurso, aos modos como escolhemos agir e interagir no curso de eventos sociais por meio do aparato das ordens de discurso e especialmente dos gêneros discursivos. Portanto, a intertextualidade, como qualquer outro aspecto textual, é usada para atingir determinados fins sociais. No quadro a seguir apresento uma síntese das maneiras como a intertextualidade pode ser desempenhada em textos:

**Quadro 5** - Modos de intertextualidade

<b>Formas de relato</b>	<b>Formas prototípicas de realização</b>
<b>Relato direto</b>	Citação sem alteração do conteúdo do dizer com marcas de citação direta
<b>Relato indireto</b>	Resumo do que foi dito, sem marcas de citação, e com transformações discursivas (verbais, dêiticas etc.)
<b>Relato indireto livre</b>	Intermediário entre os relatos direto e indireto, mas sem verbos <i>dicendi</i>
<b>Relato narrativo de ato de fala</b>	Relata um tipo de ato de fala sem explicitar seu conteúdo

**Fonte:** elaboração própria, com base em Fairclough (2003)

A análise mostrou a presença de vozes por meio de relato direto, relato indireto e relato indireto livre, que são recursos já esperados no potencial do gênero notícia. Essa potencialidade é realizada no *lead*, que contém o núcleo da informação e expande o título, e nos ângulos (vozes), que são os pontos de vista que desdobram o evento narrado (MARTIN; ROSE, 2008). Na subseção 4.1.3 mostro que vozes aparecem e como são encaixadas no texto.

### 3.1.2 Avaliação

A avaliação diz respeito às maneiras como autoras e autores se comprometem com valores em textos. Fairclough (2003) elenca quatro modos como avaliações e valores são expressos textualmente: *afirmações avaliativas*, *afirmações com modalidades deônticas*, *afirmações com processos mentais afetivos* e *presunções valorativas*.

As afirmações avaliativas são maneiras como dizemos o que é bom ou ruim, desejável ou indesejável, de modo explícito. Afirmações com modalidades deônticas são declarações sobre a obrigatoriedade ou a necessidade das coisas, apontada como boa ou ruim. Afirmações com processos mentais são declarações de apreço em que se manifestam os sentimentos mais ligados a processos internos. As presunções valorativas, por sua vez, são avaliações que não incluem um disparador explícito, mas podem ser acionadas por meio das suposições e sistemas de valor compartilhados socialmente.

A seguir, na figura 3, semiotizo essa rede de opções:

**Quadro 6** - Modos de avaliação

<b>Tipo de avaliação</b>	<b>Definição</b>	<b>Realização prototípica</b>
Declarações avaliativas	Afirmações acerca daquilo que se deseja, do que se considera bom ou ruim	Processos relacionais atributivos, processos em que o elemento de valor está no verbo, advérbios e exclamações
Declarações com modalidades deônticas	Afirmações sobre a obrigatoriedade ou necessidade de algo	Construções com verbos e expressões modalizadores
Avaliações afetivas	Avaliações de caráter pessoal que expressam graus de sentimento e apreço	Processos mentais afetivos
Valores pressupostos	Avaliações que dependem da pressuposição de uma familiaridade com sistemas de valor implícitos compartilhados entre as pessoas	Sem marcação prototípica

Fonte: Tavares e Sousa (2022, p. 76)

A definição de Fairclough (2003) fundamenta-se nos estudos da Avaliatividade, sistema semântico desenvolvido no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional. De modo geral, essa

abordagem considera que as avaliações e perspectivas de falantes podem ser analisadas em termos de sentimentos (Atitude) e negociações (Engajamento), que são assumidos em diferentes graus (Gradação) (MARTIN, 2000; MARTIN; WHITE, 2005; WHITE, 2004). Apropriei-me livremente dessa linguagem de descrição conforme senti necessidade, como mostrarei na subseção seguinte.

### 3.1.3 Resultados da análise da intertextualidade e da avaliação

Como já adiantei, nesta análise busco responder à seguinte pergunta de pesquisa: “Como a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu papel nos ativismos LGBTQIA+ contemporâneos são representados?”. Para tanto, tomei como objeto quatro textos jornalísticos resultantes da coleta documental: um do Correio Braziliense e três do Metrôpoles. Abaixo é possível visualizar os resultados da análise da intertextualidade e, em seguida, da avaliação.

**Tabela 1** - Resultados da análise da intertextualidade

Correio Braziliense			
Título	Voz	Articulação intertextual	Número de ocorrências
Parada LGBT apartidária reúne público em Brasília	Organizadores da Parada Livre	Relato direto e indireto	2
	Participantes externos	Relato direto e indireto	8
	Polícia Militar	Relato indireto	1
	Idealizadores da Brasília Orgulho	Relato indireto	1
Metrôpoles			
Título	Voz	Articulação intertextual	Número de ocorrências
Duas Paradas do Orgulho LGBT em Brasília? Entenda essa polêmica	Idealizadores da Brasília Orgulho	Relato indireto	1
	Não identificada	Relato indireto livre	1
Militância partida: grupos rompem e Brasília terá duas paradas LGBT	Organizadores da Parada Livre	Relato direto e indireto	8
	Idealizadores da Brasília Orgulho	Relato direto e indireto	5
	Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF)	Relato direto e indireto	2
	Organizadores da Parada Livre	Relato direto e indireto	9

Marcha LGBTQI+ estreia neste domingo e abre dissidência no DF	Idealizadores da Brasília Orgulho	Relato direto e indireto	3
	Participantes externos	Relato indireto	1

Fonte: elaboração própria

Os resultados apontam que a voz da organização da Parada Livre foi convocada a falar em todos os textos do *corpus*, sempre em relato direto e indireto. Além disso, em todos eles se fez presente a voz dos idealizadores da Brasília Orgulho, organização a qual a Parada Livre se opõe. Esse já era uma característica esperada para gênero, uma vez que textos jornalísticos costumam convocar diferentes fontes para contribuir com o tema, como também já era esperada em virtude da polarização entre as duas organizações.

Participantes externos, como pessoas que participaram da Parada Livre e internautas na rede do Facebook, também apresentam acentuada ocorrência. Em último, também há presença da voz de autoridades policiais, como a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal e a Polícia Militar.

No quadro a seguir estão dispostos os resultados da análise da avaliação, com a indicação das vozes, dos objetos e dos tipos de avaliação, bem como número de ocorrências.

**Tabela 2** - Resultados da análise da avaliação

Voz dos organizadores da Parada Livre		
Objeto da avaliação	Tipo de avaliação	Número de ocorrências
Brasília Orgulho	Declarações avaliativas	1
	Pressuposições valorativas	2
Parada Livre	Declarações avaliativas	4
Militância	Declarações avaliativas	1
Esquerda	Declarações avaliativas	2
Voz dos idealizadores da Brasília Orgulho		
Parada Livre	Declarações avaliativas	1
Voz de participantes externos		
Objeto da avaliação	Tipo de avaliação	Número de ocorrências
Brasília Orgulho	Declarações avaliativas	1
Parada Livre	Declarações avaliativas	6

Fonte: elaboração própria

Os resultados apontam que a Parada Livre é objeto de avaliação das vozes dos idealizadores da Brasília Orgulho, de participantes externos e da própria voz. O tipo de avaliação



predominante são as declarações avaliativas, em que há marca explícita de valoração por meio dos itens lexicais. Chama atenção as avaliações negativas que os organizadores da Parada Livre instanciam em direção à militância e a esquerda, avaliação essa que se mescla com aquela direcionada à Brasília Orgulho. Isto é, esta última é avaliada negativamente por se associar, segundo os organizadores Parada Livre, demasiadamente à militância e à esquerda.

Para ilustrar a abordagem a essa pergunta de pesquisa, escolhi trazer o exemplo do texto “Parada LGBT apartidária reúne público em Brasília”, produzido pelo *Correio Braziliense* (texto 4 em anexo). O texto é uma realização da prática social do jornalismo online e situa-se no campo da mídia de notícia eletrônica brasileira. Meu foco é saber quais as vozes incorporadas e como elas avaliam o evento e sua função. A manchete da matéria está reproduzida abaixo:

Figura 3 - Manchete sobre a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília no Correio Braziliense



Fonte: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/06/30/interna\\_cidadesdf,766986/parada-lgbt-apartidaria-em-brasilia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/06/30/interna_cidadesdf,766986/parada-lgbt-apartidaria-em-brasilia.shtml)

Como esperado no potencial do gênero notícia, o texto inicia-se com o título, seguido da linha fina, que expande as informações do primeiro, preparando o terreno de leitura para o que será desenvolvido no restante do texto. Em seguida há o *lead*, o primeiro parágrafo da matéria, em que a voz autoral do jornal amplia a identificação do evento:<sup>17</sup>

- (1) Com muita música e a performance de cinco artistas, entre cantores e DJs, brasilienses festejam a 1ª Parada LGBTQI+ Livre. O evento começou às 14h no estacionamento do Estádio Nacional Mané Garrincha, mas o

---

<sup>17</sup> De modo prático, identifico a voz do jornal pela ausência de outras vozes, isto é, nos trechos em que não há referência às vozes das fontes ouvidas pela jornalista. É claro que a voz do jornal está presente em tudo, pois as fontes são escolhidas e articuladas por ela, no entanto, nas lacunas entre os relatos das fontes se encontra a voz autoral do jornal de maneira mais marcada.

público só começou a chegar a partir das 16h. Desvinculado da Parada do Orgulho LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros) de Brasília, que ocorre em 14 de julho, o mote foi o apartidarismo.

No excerto (1), a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília é avaliada positivamente por meio de uma afirmação avaliativa engatilhada pela oração “brasilienses festejam a 1ª Parada LGBTQI+ Livre”. O processo comportamental<sup>18</sup> “festejam” representa a manifestação do estado de alegria de participantes com e no evento: não estão apenas participando ou comparecendo a ele, estão celebrando-o; a escolha por “festejam” conota um caráter altamente positivo. Ademais, esse sentido de que a Parada é boa também é construído pelo acréscimo da circunstância “Com muita música e a performance de cinco artistas, entre cantores e DJs”, que complementa o significado de festejar. Notemos que a presença de advérbio em “muita música” intensifica essa avaliação, construindo a imagem de um evento bastante animado e empolgante. Desse modo, as avaliações da Parada são positivas e partem do comportamento de participantes (que festejam) e de atributos estéticos (muita música, performance de artistas etc.).

Ainda em (1), o sucesso do evento é posto em xeque em razão da participação do público. O horário previsto para início da Parada acabou sendo alterado devido a dinâmica da audiência, que só compareceu tempo depois da hora aguardada. A conjunção em “mas o público só começou a chegar a partir das 16h” marca essa relação lógico-semântica de adversidade. A participação do público no evento e as complicações que isso traz são o foco da voz do jornal nos excertos a seguir:

- (2) Dois trios elétricos foram estacionados, mas, com público abaixo do esperado, apenas um ficou em funcionamento.
- (3) A princípio, o trio elétrico sairia em carreta pelo Eixo Monumental, mas após votação com os participantes, a organização optou por ficar na concentração.

O pequeno número de pessoas causa a mudança no rumo do evento, alterando o momento material da prática. Em (2), por exemplo, apesar de haver dois trios, somente um foi usado. Já em (3), o percurso que havia sido traçado precisou ser cancelado. Em todas essas representações que envolvem a realização do evento e o público, mobilizadas pela voz do

---

<sup>18</sup> Processos comportamentais são orações que representam estados internos (psicológicos) trazidos à manifestação externa.

jornal, há uma espécie de contra-expectativa, como algo que poderia ter sido realizado, mas, por algum motivo, não foi – o mesmo que se observou anteriormente a respeito do horário de início da Parada.

Nesses exemplos repete-se o mesmo padrão para enfatizar a frustração do planejamento. Na segunda parte do exemplo (1) e no exemplo (3), a desorganização do evento é pressuposta (presunção valorativa), pois foi preciso reprogramar o horário de início e o trajeto do evento. No excerto (2), por sua vez, a avaliação é explicitada (afirmação avaliativa) em “com público abaixo do esperado”, que é apresentado como a causa de os organizadores usarem só um trio elétrico. Assim, a expectativa de um número elevado de pessoas não foi alcançada.

A partir daqui, apresentarei as análises das avaliações e das vozes externas que são trazidas pelo jornal como fontes. A primeira é a voz da organização da Parada, representada por Bruno Rodriguez:

(4) Segundo o organizador Bruno Rodriguez, 39, a inspiração para a festa veio de Nova York, cidade onde já são realizadas duas paradas. “Não somos a favor de nenhum partido, não falamos de nenhum no nosso trio (elétrico). Por esse motivo, muita gente nos atacou, mas, mesmo assim é um sucesso”, declarou o empresário que já garante que no ano que vem tem mais.

A voz de Bruno é articulada por meio de relato indireto e relato direto. Em relato indireto, no início do exemplo, narra-se que a ideia de realizar o evento vem da experiência na cidade estadunidense de Nova Iorque, que realiza duas paradas. Essa comparação é um recurso usado para legitimar a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, para sustentar sua existência. O organizador identifica a si e aos outros que compõem o seu grupo como apartidários, e essa identificação repercute no aspecto material da Parada, pois eles não mencionam partidos políticos no evento, representado metonimicamente por “nosso trio” no fragmento “não falamos de nenhum no nosso trio”.

A autoidentificação engendrada por Bruno se ancora em uma presunção valorativa positiva. Fairclough (2003) assinala que presunções valorativas são mais difíceis de serem verificadas porque são arraigadas em sistemas mais “profundos”, e analisá-las requer da/o investigante conhecimento detalhado do sistema de valor em que se fundam. A experiência com os documentos e os dados etnográficos da pesquisa permite sustentar que, para os organizadores, a identidade da Parada como apartidária é uma qualidade boa, mesmo não sendo vista como uma característica positiva para outros atores sociais.

Segundo o organizador, o caráter apartidário da Parada é a causa de ataques dirigidos a eles. Em sua representação, o autor generaliza o agente da ação (“muita gente”), mas os dados da pesquisa (o texto 10 em anexo, por exemplo) indicam que as investidas teriam sido feitas pela Brasília Orgulho. A avaliação negativa de “muita gente” é ativada pelo processo material<sup>19</sup> “atacou”, sugerindo pessoas violentas. Essa ação (e por extensão seus praticantes) recebe julgamento de sanção social, referente a significados relacionados ao comportamento das pessoas baseados em normas morais e jurídicas, inclusive com implicações legais (MARTIN; WHITE, 2005). Em nossa sociedade, pessoas que “atacam” são vistas como violentas, por isso, condenadas moralmente.

A locução adverbial “mesmo assim” marca uma relação lógico-semântica de concessão entre a representação do ataque e a efetivação do evento, ou seja, embora tenham sido atacados, a Parada foi realizada. O autor também avalia positivamente o evento em “mesmo assim é um sucesso”. O atributo “um sucesso” concede à Parada um alto grau de valoração positiva, pois ele não é apenas bom ou ótimo, está em um nível mais alto, é “um sucesso” – contudo, essa avaliação positiva não deixa de ser mitigada por “mesmo assim”.

Ainda no excerto (4), existe um recurso que merece ser mencionado. Na oração “declarou o empresário que já garante que no ano que vem tem mais”, o organizador é representado como “empresário”. Essa é a identificação que ele reivindica para si, é uma das formas como se apresenta ao mundo, ligando-se ao discurso neoliberal.

Depois de apresentar a perspectiva do organizador da Parada, a matéria apresenta as vozes de dois participantes presentes no evento. O primeiro deles é Everson Pablo, cuja voz é relatada nos excertos (5) e (6) a seguir:

(5) Para o operador de caixa Everson Pablo, 28, quanto mais paradas melhor. “Acredito que todos devam se unir para fazer quantos eventos sejam. Estou aqui porque quero representar, tirem essa ligação política da cabeça. E independentemente disso, a gente tem que lutar pelos nossos direitos”, afirma.

Em (5), a voz de Everson aparece, majoritariamente, por meio de relato direto. No entanto, logo no início há relato indireto em que a voz do autor valora positivamente a Parada. Tal avaliação positiva cobre não apenas o evento concreto, mas todos os outros que

---

<sup>19</sup> Processos materiais gramaticalizam nossa experiência no mundo físico, são orações do fazer e do acontecer, pois envolvem alguma troca de energia.

potencialmente podem ser realizados. A declaração “quanto mais parada melhor” mostra seu desejo de que haja mais ações dessa natureza. Na sequência, dessa vez em relato direto, a voz de Everson Pablo fala sobre a necessidade de as pessoas se unirem e promoverem mais paradas. Essa necessidade é apontada em “Acredito que todos devam se unir para fazer quantos eventos sejam” por meio da modalidade deôntica marcada por “devam se unir”. Embora a expressão “Acredito que” suavize a construção, deixando-a mais subjetiva, há um caráter de obrigatoriedade no tocante à realização de paradas. Assim, ao afirmar sobre a necessidade de as pessoas se unirem com o objetivo de criarem mais eventos assim, o autor avalia positivamente a formação de novas paradas e demanda que atores sociais diversos se engajem em tal empreendimento.

Para Everson, a ligação política, que ele parece entender como sendo o ponto da crítica à Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, não pode estar presente nas paradas da diversidade. Na oração “tirem essa ligação política da cabeça”, ele avalia negativamente a ligação de paradas e de pessoas LGBTQIA+ com a política, tanto que expressa esse significado em metáfora, como uma coisa que deve ser esquecida. Ao mesmo tempo, a oração engatilha uma avaliação com modalidade deôntica, uma declaração carregada de obrigatoriedade, que demanda das/os endereçados/as uma atitude responsiva.

Everson continua dizendo da necessidade de ação da população LGBTQIA+. Por meio dos continuadores “E independentemente disso”, ele faz referência à ligação política de que ele estava falando anteriormente, e acrescenta “a gente tem que lutar pelos nossos direitos”. Ao lançar mão da modalidade deôntica (“tem que”), o autor acentua a importância da luta pelos direitos, a avalia positivamente. Contudo, essa afirmação sobre a necessidade da batalha (para continuar no mesmo campo de metáforas usado) por direitos tem de ser feita fora do domínio da política, como vimos na sua afirmação “tirem essa ligação política da cabeça”, e depois na retomada anafórica “E independentemente disso”, em que o advérbio marca o caráter de não dependência entre política e luta por direitos. Em suma, Everson avalia a luta positivamente, pois assume sua relevância, mas assevera que ela não tem de ser ligada à política, esta deve ser “tirada da cabeça”. A matéria segue com a voz de Everson, reproduzida no próximo fragmento:

- (6) Ele e os amigos chegaram por volta de 18h e a expectativa era pela apresentação das drag queens. “É a melhor parte, elas trazem amor e é disso que eu gosto. Queremos liberdade para mostrar para Brasília e para o mundo que temos o nosso lugar, somos resistentes”, afirma. O evento deste domingo (30) é para eles um aquecimento para o dia 14.

No excerto (6), Everson avalia positivamente a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília de modo metonímico, por referência a uma de suas atrações, a apresentação de *drag queens*. Para ele, essa seria a melhor parte do evento, pois as *drag queens* trariam amor. Essas características são objeto de apreço do autor, como pode-se verificar em “é disso que eu gosto”. A Parada parece ser considerada como um lócus em que é possível reivindicar pela liberdade e afirmar quem se é. Porém, toda essa avaliação positiva da Parada é mitigada pela oração “O evento deste domingo (30) é para eles um aquecimento para o dia 14”, relato indireto de Everson e seus amigos. A Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, evento do dia 30, seria uma espécie de prévia para o evento da Brasília Orgulho, que foi realizada no mês seguinte (julho de 2019). Dessa forma, há uma presunção valorativa de que a Parada Livre seria um evento de menor importância, apenas uma preparação para o evento da Brasília Orgulho, que parece ser ansiosamente aguardado.

A matéria segue apresentando os ângulos das/dos participantes do evento. Dessa vez, a voz presente é de Katrinna Real, que apresento no excerto (7):

(7) A artista Katrinna Real, 30, só ficou sabendo hoje do evento ao lado do estádio. Moradora de Sobradinho, ela ressalta a importância da festa. “Estamos aqui lutando pelos nossos direitos. São tantos já conquistados, mas ainda há muito mais, como a questão da inclusão de pessoas gays, negras, e trans nas empresas”, destaca.

Ela, no entanto, discorda do caráter apartidário dado. “Deve-se envolver política porque só assim as leis e regras acontecem. A política tem que estar presente para mostrar que as pessoas têm o direito de ir e vir”, ressalta.

Já no início, o relato indireto da voz de Katrinna parece indicar uma presunção valorativa negativa da Parada quando narra que ela “só ficou sabendo hoje do evento ao lado do estádio”. Argumento que esses recursos conotam uma presunção negativa porque enquanto o evento da Brasília Orgulho é aguardado por Everson e seus amigos, como vimos em (6), a Parada Livre só chega ao conhecimento de Katrinna no dia de sua realização. É claro que essa pode ser uma questão relacionada ao próprio interesse de Katrinna em se informar sobre os eventos, mas alguém também pode dizer tratar-se de falta de divulgação pelos organizadores do evento, ou ainda, que se fosse um evento relevante, as pessoas saberiam de sua existência.

Katrinna avalia positivamente a Parada, como uma possibilidade espacial em que as pessoas podem marcar uma posição na luta por direitos, como mostra o fragmento: “Estamos aqui lutando pelos nossos direitos”. Apesar de reforçar a importância da Parada, a participante é contra seu aspecto apartidário. A inclusão da política é avaliada positivamente como algo que precisa estar presente no evento. A declaração “Deve-se envolver política porque só assim as leis e regras acontecem” tem modalidade deôntica, que marca a obrigatoriedade e necessidade de se “envolver política”. Para Katrinna, as leis só se realizam com a presença da política. A autora reforça a necessidade da política por meio da expressão modalizadora “tem que” na oração “A política tem que estar presente para mostrar que as pessoas têm o direito de ir e vir”. Essa avaliação é semanticamente dupla, pois avalia positivamente a presença da pauta política como algo necessário e importante, ao mesmo tempo em que avalia negativamente a Parada pela ausência desse aspecto.

Como o texto analisado não apresenta a pergunta da jornalista dirigida à Katrinna, em (7), e a Everson, em (5), uma dúvida se apresenta em ambos os casos é: em que enquadre as respostas surgiram? Tanto Katrinna quanto Everson focam sobre a ligação política da Parada. Para Katrinna esse aspecto é essencial, ao passo que Everson demanda que se esqueça essa ligação política. Os organizadores, por sua vez, deixam claro que a Parada Livre é apartidária e não apolítica, eles ressaltam que a política está em tudo, mas rejeitam ligações partidárias. No entanto, os relatos de Katrinna e Everson mostram, pelo menos como estão enquadradas no texto, que partidos e política são entendidos como uma coisa só, e não como elementos explicitamente delimitados.

O próximo exemplo é da última voz que o jornal convoca a falar sobre a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, a voz da Polícia Militar.

(8) A parada está prevista para terminar às 21h. A Polícia Militar faz a segurança do local, mas informou que não irá calcular o público presente.

O excerto acima é o único momento em que a voz da Polícia Militar é trazida ao texto, o que ocorre por meio de relato indireto. Entendo haver uma presunção valorativa que se espraia no complexo oracional “A Polícia Militar faz a segurança do local, mas informou que não irá calcular o público presente”. Embora a polícia militar estivesse realizando os procedimentos de segurança que lhe competem, o órgão não calculou a quantidade de pessoas ali presentes, prática não muito comum. Em eventos públicos em que a polícia está presente, geralmente,

há contagem do público, para calcular o efetivo policial necessário a garantia de segurança, o que não foi verificado aqui. Isso levanta algumas dúvidas: por que o órgão não viu necessidade de realizar tal procedimento? Estaria relacionado ao baixo número de pessoas? Em que pese não conseguir responder a essa questão, por conta da limitação dos dados, acredito que há presunção valorativa de caráter negativo, especialmente pela quebra de expectativa realizada pela conjunção adversativa em “mas informou que não irá calcular o público presente”.

A parte final da matéria traz informações de serviço que não se referem à Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, mas que foram consideradas relevantes a ponto de figurarem no texto. É um resumo da parada da Brasília Orgulho que seria realizada dias depois. O texto está no excerto seguinte:

#### (9) Parada 2019

A 22ª Parada do Orgulho LGBTQI+ será em 14 de julho, com concentração em frente ao Congresso Nacional. Para 2019, o tema “Stonewall 50. Beijo Livre 40. Resistência e Conquistas” relembra o episódio de 1969 quando, em Nova York, nos Estados Unidos, clientes do bar Stonewall Inn se manifestaram contra a repressão na cidade. Era o marco da luta pelos direitos do movimento gay.

A parada é gratuita. Segundo a organização, a edição de 2018 reuniu cerca de 100 mil pessoas. Nos cálculos da Polícia Militar, foram 20 mil.

Embora a parada da Brasília Orgulho não seja meu foco de análise, considero importante observar como ela é representada na matéria. Inevitavelmente, vou comparar como as duas paradas são representadas pelo jornal. Isso porque parece que o objetivo de incluir um resumo da parada da Brasília Orgulho no fim do texto que tematiza sua parada concorrente, a Parada Livre, é comparar as duas. Enquanto a Parada Livre é representada no título da matéria como “Parada apartidária”, a Parada da Brasília orgulho é representada apenas como “Parada 2019”. Embora o nome da parada da Brasília Orgulho esteja por extenso na linha seguinte, é como “Parada 2019” que o jornal prefere nomeá-la no intertítulo. Ela é a parada, por isso não precisa de adjetivos, diferente da Parada apartidária. Enquanto a Parada Livre teve o número abaixo do esperado, a parada da Brasília Orgulho teve 100 mil participantes em sua edição de 2018, segundo os organizadores, e seu número foi contabilizado pela Polícia Militar, o que não aconteceu com a Parada Livre. Tais comparações podem ser vistas como recursos valorativos pressupostos, e ao analisá-los, não busco dizer se essa comparação é útil



ou verdadeira, mas apontar que uma possível leitura da presença desse fragmento final é proceder a uma analogia entre as paradas.

Em suma, podemos compreender que o foco da matéria está mais no caráter apartidário que a Parada Livre diz ter, como vimos nos enquadres e conteúdos das vozes do organizador e de participantes, do que no evento em si, embora algumas características da realização sejam exploradas.

A pergunta dirigida a esse conjunto de dados textuais foi “Como a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu papel nos ativismos LGBTQIA+ contemporâneos são representados em textos jornalísticos?” Os resultados apontam que a Parada Livre é objeto de avaliação das vozes dos idealizadores da Brasília Orgulho, de participantes externos e de sua própria voz. A autoavaliação é sempre positiva, sendo efetivada por meio de declarações avaliativas e presunções valorativas. Assim, organizadores da Parada Livre identificam-na como diferente dos demais eventos desse mesmo espectro, atentando para o caráter apartidário que ela teria.

Vozes de participantes externos também avaliam positivamente a Parada Livre, inclusive por meio de expressões modalizadoras. No entanto, a avaliação não é sempre positiva: alguns participantes externos avaliam negativamente a Parada Livre, argumentando que seu caráter apartidário não deveria existir, ou mesmo questionando-o, ao atrelar a Parada Livre a um movimento bolsonarista.

É possível ver nas seções em que trato dos dados etnográficos que, em virtude de um post em rede social de Bruno, idealizador da Parada Livre, sobre uma manifestação política, ele foi considerado como apoiador político do presidente Jair Messias Bolsonaro. Assim, a Parada Livre recebe por aproximação de Bruno uma leitura ligada ao movimento em favor de Bolsonaro.

### **3.2 Ações discursivas da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília no *Facebook***

Para responder à pergunta de pesquisa “Quais as estratégias e os efeitos potenciais envolvidos na ação discursiva da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília?”, cri ser útil mobilizar a categoria teórico-analítica LEGITIMAÇÃO na análise dos textos da organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília publicados na página oficial do evento, que compõem a segunda coleta documental. Antes de apresentar alguns resultados, discorro sobre a categoria e argumento o porquê de sua escolha.

### 3.2.1 Construção discursiva de legitimação

Baseado na Linguística Sistêmico-Funcional, van Leeuwen (2008) propôs que os textos sempre recontextualizam práticas sociais, ou seja, ao tecerem instâncias discursivas, os atores sociais mobilizam o conhecimento das práticas para o domínio discursivo. Como em qualquer recontextualização, os elementos das práticas são transformados em elementos semióticos de várias maneiras: pessoas podem ser representadas por generalizações, eventos podem ser representados sem seus agentes, ou os elementos das práticas e eventos podem ser reordenados de maneira diferente etc.

Uma das formas de transformar as práticas e eventos sociais é a LEGITIMAÇÃO, que diz respeito aos elementos em que atores se fundamentam para dizer por que realizam as práticas sociais que realizam, e por que as fazem de tais maneiras e não de outras (VAN LEEUWEN, 2008). Uma questão que parece não ter disso bem desenvolvida por van Leeuwen e que penso ser necessário pontuar é a diferença entre legitimação e justificativa. Justificativas incluem qualquer tipo de resposta sobre o porquê de fazermos as coisas que fazemos, ao passo que legitimações são respostas fíncadas em normas, valores e crenças cristalizados. Obviamente, justificativas podem mobilizar legitimações, mas isso não é uma regra. Fundamento-me nesta declaração de Fairclough e Fairclough (2012):

a justificativa envolvida na legitimação parece ter uma particularidade, a saber, invocar sistemas de crenças, valores e normas publicamente compartilhados e publicamente justificáveis, e às vezes, até em sistemas de crenças, valores e normas institucionais altamente formalizados e codificados, em virtude dos quais a ação proposta é considerada legítima. Justificativas de ação que não invocam tais sistemas de regras ou normas compartilhadas não podem ser apropriadamente consideradas legitimações (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012, p. 109).

É comum que as categorias de van Leeuwen sejam repletas de sistemas de escolhas que se expandem em outros sistemas de escolhas, em níveis de maior delicadeza. Não elucidarei todos os sistemas que compõem a LEGITIMAÇÃO, minha atenção está na AVALIAÇÃO MORAL, recurso legitimador mais recorrente no *corpus*. A avaliação moral é a legitimação baseada em valores socialmente aceitos, pelo menos parcialmente, por isso são tomados como tácitos. Ela pode ocorrer como *avaliação* (a maneira mais explícita é sua presença por meio de epítetos), como *abstração* (quando se fundamenta em valores mais abstratos e, portanto, mais

difíceis de serem mapeados) e como *analogia* (quando se compara a realização de uma prática com outras que são consideradas boas ou ruins).

Acredito ser útil operar a legitimação para responder sobre as estratégias e efeitos potenciais dos textos da organização porque ela constrói a sua base argumentativa, seu aspecto interacional. Fairclough (2003) indica que a análise dos gêneros de um texto pode ser feita em termos de atividade, o que as pessoas estão fazendo discursivamente no e por meio do texto. Os resultados que apresentarei no decorrer desta seção indicam que a atividade dos textos é disputar, os textos são a arena em que a diferença é acentuada, e a legitimação por avaliação moral é de extrema relevância, pois a disputa de sentido envolve construir uma imagem negativa do outro e positiva de si.

### 3.2.2 Resultados da análise da legitimação

Como indiquei anteriormente, quando procedi à análise do *corpus* de rede social, percebi a recorrência de avaliação, abstração e analogia, que são as maneiras como a legitimação por avaliação moral pode suceder. Nem todos os textos do *corpus* documental de rede social mostraram resultados relevantes do ponto de vista da legitimação, portanto, os excertos são os restados mais significativos. Nos excertos a seguir, a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília é legitimada por meio de comparação (analogia) com outras cidades onde já acontecem duas paradas.

- (10) Assim como Nova Iorque, que também teve duas paradas, trouxemos uma discussão na qual o movimento possa refletir sobre si mesmo e, quem sabe um dia, ter maturidade o suficiente para abarcar idéias discordantes, pois essa foi a nossa única intenção (texto 5 em anexo).
- (11) A Parada é inspirada na cidade de Porto Alegre que desde 2011 possui duas Paradas (texto 6 em anexo).

No exemplo (10), a comparação é realizada de modo prototípico por meio da circunstância de comparação lexicalizada em “Assim como Nova Iorque”, seguida pela oração explicativa “que também teve duas paradas”. A Parada assume o papel positivo de possibilitar ao movimento LGBTQIA+ da cidade um espaço de reflexão sobre suas ações, como mostra o fragmento “trouxemos uma discussão na qual o movimento possa refletir sobre si mesmo”. Tal intenção se justifica na sequência pelo desejo de um movimento que tenha “maturidade” de aceitar o diferente, identificando a condição atual do movimento como de imaturidade.

Já no exemplo (11), a comparação é feita por meio de processo relacional circunstancial,<sup>20</sup> em que “A Parada” é inspirada em “Porto Alegre”, que já realiza mais de uma parada, como verificamos na oração explicativa “que desde 2011 possui duas paradas”. A recorrência desse tipo de proposição funciona como uma forma de legitimação para a realização do evento: trazer a informação de que outras cidades do exterior e do Brasil têm mais de uma parada da diversidade funciona, aqui, como um suporte em que os organizadores se apoiam – nós realizamos nossa Parada porque Nova Iorque e Porto Alegre também fizeram assim.

Nos exemplos a seguir, a democracia é o valor abstrato trazido como forma de legitimar a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e deslegitimar as ações da Brasília Orgulho.

(12) Trabalhamos para um mundo mais democrático e a realização da I Parada do Orgulho LGBTQI+<sup>21</sup> é a consumação desse desejo (texto 5 em anexo).

(13) Apesar de toda investida de ataques pessoais contra a realização de uma atividade pública de reunião de pessoas nossa Parada saiu às ruas da capital sendo um marco histórico da democracia (texto 10 em anexo).

Em (12), há um complexo oracional iniciado pela oração com processo material “Trabalhamos”, em que a organização da Parada LGBTQI + Livre de Brasília tem papel ativo, sendo o ator da ação. A oração material é incrementada com uma circunstância de finalidade, realizada pelo grupo preposicional “para um mundo mais democrático”, que indica o objetivo da ação material em que tais atores sociais se envolvem. O fragmento segue com a conjunção “e”, que realiza uma relação lógico-semântica de elaboração entre as duas orações. Nas palavras de Halliday (2014, p. 461), a oração secundária na elaboração “não introduz um novo elemento à imagem, mas provê uma caracterização de algo que já está lá, reafirmando-o, esclarecendo-o, refinando-o, ou adicionando um atributo descritivo ou comentário”. Isso quer dizer que a segunda oração refina o sentido da primeira, então, a realização da Parada seria, em sentido estreito, atuar por um mundo mais democrático.

Ainda no exemplo (12), o grupo nominal “desse desejo” faz referência à primeira oração, estabelecendo com ela uma relação anafórica (HALLIDAY, 2014). Longe de ser somente um aspecto coesivo do texto, tal recurso denota que a realização do evento é a concretização do trabalho por um mundo mais democrático, ou seja, fazer a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília seria materializar o desejo de um mundo mais democrático.

---

<sup>20</sup> Processos relacionais circunstanciais são orações em que uma circunstância é usada para identificar ou caracterizar outra entidade.

<sup>21</sup> I Parada do Orgulho LGBTQI+ foi o primeiro nome do que viria a se chamar, posteriormente, de Parada LGBTQI+ Livre de Brasília.

No excerto (13), a realização do evento é condicionada por uma relação concessiva em “Apesar de toda investida de ataques pessoais contra a realização de uma atividade pública de reunião de pessoas”. Embora a forma nominalizada exclua o ator social responsável pelos ataques, por meio da imersão nos dados podemos indicar que se refere principalmente à Brasília Orgulho. Tal construção linguística legitima uma imagem negativa da Brasília Orgulho, identificando-a como uma entidade que além de não apoiar a realização do evento, também o ataca. Enquanto identifica negativamente a Brasília Orgulho, a organização atribui à sua própria Parada a característica positiva de ser “um marco histórico da democracia”.

Ao passo que nos excertos (12) e (13) o valor democrático é trazido especialmente para legitimar a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, em (14) e (15), a seguir, ele é colocado para deslegitimar a Brasília Orgulho, construindo a imagem de uma entidade não democrática.

(14) A Parada do Orgulho LGBTQI+ que será realizada no dia 30 de junho de 2019 é uma nova alternativa demandada pelos próprio movimento LGBTQI+ da cidade que não se via representdx na composição ditatorial e excludente da Brasília Orgulho (texto 6 em anexo).

(15) Dessa forma pedimos que o auto-presidente declarado nos demonstre uma ata da eleição ou qualquer documento que mostre a fundação de uma organização-não-governamental em um processo democrático de eleição para tal pois desconhecemos (texto 6 em anexo).

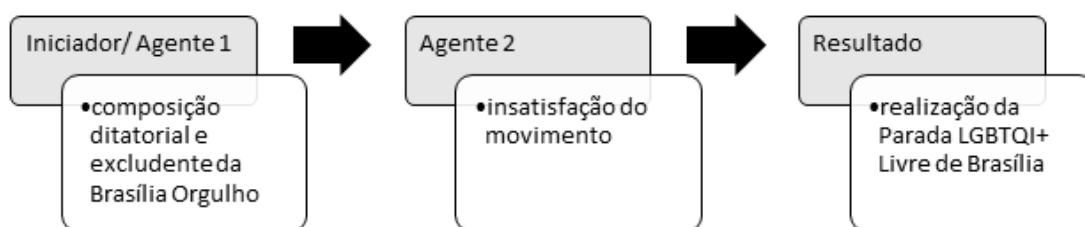
No exemplo (14), a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília é avaliada positivamente por meio do atributo “uma nova alternativa”, uma vez que, em nossa sociedade, introjetada pelo discurso capitalista, o que é novo tende a ser entendido como bom, mesmo quando se trata de movimentos e ações sociais e não só de produtos. Até a criação da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, só havia uma parada da diversidade no plano piloto da cidade (é bem verdade que existiam outros eventos dessa natureza, mas eles localizavam-se nas regiões administrativas de Brasília, não no centro da cidade), aquela realizada pela Brasília Orgulho. Assim, entendemos que, ao se autointitular como “uma nova alternativa”, a organização faz referência indireta a Brasília Orgulho, como uma possibilidade diferente.

A Parada LGBTQI+ Livre de Brasília também é representada como resposta à solicitação do movimento LGBTQIA+ da cidade, que nessa representação não se sentia representado na e pela Brasília Orgulho. A composição da Brasília Orgulho é avaliada negativamente por meio dos epítetos “ditatorial” e “excludente”, que trazem, uma vez mais, o valor democrático como base para a deslegitimação. Nosso conhecimento sociocultural sustenta que os sentidos desses nomes avaliativos são negativos, pois seu campo semântico remonta a um período

longo que o Brasil viveu, a ditadura civil-militar-empresarial. Dessa feita, qualquer organização ligada a sentidos ditatoriais será lida, muito provavelmente, como ruim.

Tanto na perspectiva sociológica quanto na perspectiva gramatical (da ergatividade,<sup>22</sup> por exemplo), podemos ler a causa primeira para a realização da Parada como sendo a composição não democrática e excludente da Brasília Orgulho (agente 1), que teria resultado na insatisfação do movimento LGBT (agente 2), que demanda dos organizadores da Parada um novo evento (resultado). A dinâmica social para a realização da Parada, como representada no excerto, está esquematizada na Figura 5 a seguir:

**Figura 4** - Elementos causais para a realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília segundo seus organizadores



Fonte: elaboração própria

Em (15), o processo verbal “pedimos” tem a organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília como dizente. Mais que um processo verbal,<sup>23</sup> ele tem a força interpessoal de demanda, trabalha como uma maneira de solicitação. A demanda é dirigida ao “auto-presidente declarado”, construção que carrega os sentidos de ele ser seu próprio presidente (auto), que governa para si somente, e não ter sido eleito em uma eleição, por isso “declarado”.<sup>24</sup>

O conteúdo da solicitação está fundado no valor democrático que, como temos visto, guia os movimentos retóricos dos textos. Como uma solicitação, os autores pedem uma ata de eleição que comprove que tal movimento, a Brasília Orgulho, seja uma instituição legitimada e não apenas um grupo de pessoas. Embora solicitem-no, eles afirmam desconhecer qualquer documento que comprove haver processos democráticos no seio do movimento, logo não

<sup>22</sup> Em Linguística Sistêmico-Funcional, o modelo da ergatividade está ao lado do modelo da transitividade. Ele focaliza como os processos e atividades acontecem: se por eles próprios ou se são levados a acontecer (THOMPSON, 2014).

<sup>23</sup> Processos verbais são orações do dizer, representam a troca simbólica de significados.

<sup>24</sup> A construção “auto-presidente declarado” é estranha aos padrões de recorrência na língua, e pode tanto ser um equívoco na expressão de “presidente auto-declarado” como um jogo intencional com o efeito descrito em nossa análise supra.

configurando-se como instituição. Assim, a Brasília Orgulho é identificada por meio da negação: não seria uma organização e não teria valores democráticos.

É evidente que as estratégias de (des)legitimação operadas nos textos sustentam discursivamente a polarização entre a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e a Brasília Orgulho. Efetuam o que van Dijk (2011) chama de quadrado ideológico, estruturas do discurso empregadas para marcar a oposição entre grupos. Essas estruturas privilegiam as qualidades positivas do “nós”, o endogrupo, e as qualidades negativas do “eles”, o exogrupo. Ao mesmo tempo, mitigam, camuflam ou apagam as características negativas do endogrupo e as características positivas do exogrupo.

A Brasília Orgulho é exogrupo, portanto, suas qualidades positivas são suprimidas, não há referência a qualquer uma delas nos textos, são somente os atributos negativos que constroem sua identificação. Como vimos, ela seria partidária, antidemocrática, não seria uma associação e atacaria outros movimentos. Por outro lado, a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, o endogrupo, não tem nenhum aspecto negativo aparente nos textos. A autoimagem elaborada é totalmente positiva: ela intentaria propiciar reflexão no movimento LGBT de Brasília, seria apartidária, democrática, “uma nova alternativa” que promoveria representatividade à população LGBT da cidade.

Então, os resultados da análise dos textos da Parada Livre publicados em seu Facebook respondem à pergunta “Quais as estratégias e os efeitos potenciais envolvidos na ação discursiva da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília em seus textos no Facebook?”. Os resultados indicam que os textos mobilizam sentidos de disputa construídos por meio de recursos de legitimação. A Parada Livre legitima-se por meio de analogias e valores democráticos, ao passo que deslegitima a Brasília Orgulho representando-a como organização antidemocrática. Tais recursos constroem ao mesmo tempo um quadrado ideológico, em que são postas em relevo os atributos positivos da Parada Livre e os atributos negativos da Brasília Orgulho. Assim, os efeitos potenciais vislumbrados são de demanda e ordem, bem como de distanciamento e negação da Brasília Orgulho.

### **3.3 Representações e identificações dos organizadores em entrevistas**

Nesta seção, apresento análises e discuto resultados referentes à pergunta “Como os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, em entrevistas individuais,

representam a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu ativismo, e discursivamente identificam a si mesmos e a atores sociais externos à organização, mas, segundo eles, relevantes para sua criação/ realização?”. Os objetos analisados são, como minuciosamente discuti no capítulo metodológico, textos resultantes de duas entrevistas individuais com Julio e Bruno. Uma vez que a análise dos dados das entrevistas foi realizada de modo sequencial, as conceituações teóricas das categorias analíticas serão exploradas quando da necessidade do *corpus*.

### 3.3.1 Sucesso e fracasso da Parada Livre: debate sobre representação, mídia e público

Comecei cada uma das entrevistas por meio da utilização da Figura 2 apresentada no capítulo metodológico. O tema do tópico guia explorado foi “Você pode me falar um pouco da Parada?”. Anteriormente indiquei que a fotografia não seria foco de análise, mas sim um instrumento de ativação de memória. No entanto, ela assumiu lugar central na disputa sobre a parada e seu sucesso. Nas entrevistas, Bruno e Julio argumentam em favor da presença de muitas pessoas na parada e, portanto, questionam a representação fidedigna em tal imagem:

(16) **Raylton:** E aí, pra gente começar a conversar, eu trouxe essa imagem porque já faz, como a gente conversou da outra vez, já faz bastante tempo, né, desde o dia da realização. Aí essa imagem é mais pra suscitar lembranças, pra

**Bruno:** uhum

**Raylton:** pra saber o que você acha dessa foto, o que você lembra dessa noite, desse evento.

**Bruno:** Nossa! Eu lembro de tudo. Lembro como se fosse hoje. Mas essa foto tinha pouca gente ainda, né?

**Raylton:** Uhum. Você acha que nessa foto, então, ela não representa a quantidade de pessoas?

**Bruno:** Não! Não representa. Essa foto foi tirada eu acho que no iní... no meio.

**Raylton:** Entendi

**Bruno:** Tem outras fotos que mostra muito mais gente.

Para Bruno, a foto registra a Parada, mas o faz num momento em que havia baixo público. Essa relação com o tempo é marcada por meio do advérbio ‘ainda’ em “Mas essa foto tinha pouca gente ainda, né”, como uma forma de argumentar que poderia haver poucas pessoas, como mostra a foto, mas foi só naquele momento, pois o público já chegaria. Fairclough



(2003) discute a potencialidade de olharmos como tempo e espaço são representados em textos, uma vez que eles são construtos sociais. Aqui, a categoria de representação do tempo me fornece um prisma investigativo na medida em que os próprios participantes jogam com a temporalidade a fim de localizá-la na posição em que lhes favoreça.

No trecho “Essa foto foi tirada eu acho que no iní... no meio”, Bruno mais uma vez pontua o tempo em que a foto teria sido tirada: não no que seria o ápice do evento, mas, sim, “no meio”. Assim, justifica a baixa quantidade que estaria registrada na foto. Por fim, ele declara que a foto não representa a quantidade de pessoas que esteve naquela noite e acrescenta que há fotos em que essa realidade teria sido melhor capturada. Igualmente o faz Julio, citando inclusive a existência de fotos aéreas a que não teve acesso:

- (17) **Julio:** Tinha mais aéreas. É que eu não tô achando a opção de...  
É que o quê que aconteceu. Na primeira coisa... a galera tirou uma foto da parada sem ninguém pra compartilhar nos grupos pra falar “olha a parada gongada do Bolsonaro” e que não sei que lá. Entendeu?
- Raylton:** Uhum.
- Julio:** Então, isso acabou também, isso também foi um ponto ótimo. Mas na verdade deu uma galera. Eu fiquei de cara quando eu cheguei lá pra tirar foto. Eu vou te mandar as outras aqui.  
É... que aí dá pra ter mais uma noção... porque essa aí tá tipo assim meia dúzia de gato pingado no rolê.

Além de questionar a validade da representação imagética, Julio avança dizendo do motivo para tal foto. Segundo ele, a imagem teria sido tirada com o objetivo de ridicularizar o evento na internet, por isso lexicaliza dupla relação semântica de finalidade (HALLIDAY, 2014) em “pra compartilhar nos grupos pra falar ‘olha a parada gongada do Bolsonaro’”. Nesta última, ele também cita um relato do que as pessoas teriam dito ao compartilhar a imagem, em que chama a atenção do epíteto “gongada”, que avalia negativamente a parada.

Julio também diz que essa imagem desperta o sentido de baixo público realmente, tanto que representa essa ideia por meio da expressão metafórica “meia dúzia de gato pingado no rolê”, reiterando que o enquadramento, no momento em que foi feito, estabelece uma representação negativa da parada. No entanto, Julio põe abaixo essa representação negativa

que a foto estaria construindo quando relata sua experiência no evento em “Mas na verdade deu uma galera. Eu fiquei de cara quando eu cheguei lá pra tirar foto”. Primeiro ele marca sua posição contrária por meio da conjunção adversativa ‘mas’, seguida do adjunto de comentário ‘na verdade’, que mostra sua atitude em relação a declaração, como uma forma de dizer que o que ele informa é crível.

Acredito que iniciar as entrevistas com a foto elicitatória foi uma escolha acertada que mostrou dados relevantes à análise de discurso empreendida aqui. Uma vez que a pesquisa se apresenta sob o título “Representação da disputa”, foi possível ver que esse movimento sociodiscursivo esteve presente até mesmo no instrumento metodológico utilizado.

### 3.3.2 O porquê de uma nova parada segundo seus organizadores

O foco desta seção é apresentar os resultados e discutir como os organizadores representam as causas de realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. Esse foi o primeiro tema, logo após o uso da foto elicitatória. Eu desejava saber quais seriam os mecanismos causais que cada participante traria, o que cada um consideraria importante mencionar sobre o motivo da proposição do evento.

(18) **Bruno:** A gente decidiu fazer essa parada porque a outra parada que acontece, ela é muito política, né. O Michel Platini e o Wellington, Wellington não. Esqueci o nome do menino. Ah, esqueci o nome do menino, que é o Michel e um outro que realiza. E eles é muito política, né, tipo, levantar bandeira de PT, essas coisas assim, e eu não concordo muito. Eu não tenho partido nenhum. Eu não sou Bolsonaro, eu não sou ninguém, eu não tenho partido.

Então, eu não concordava muito com as opiniões deles, entendeu? Por isso que eu fiz a parada paralela porque eles têm, eles levantam muito a bandeira do PT, a bandeira da Erika Kokay, que no meu ponto de vista, é uma mulher que não ajudou muito o meio LGBT. Aí, eu resolvi fazer a parada, né.

Bruno, que foi o idealizador do evento e quem convidou Julio, elenca seu descontentamento com a associação da Brasília Orgulho, pois ela teria um caráter político, acentuado pelo advérbio ‘muito’ em “ela é muito política”. Na análise de outros dados, verifiquei que os organizadores fazem diferenciação entre apolítico e apartidário, dizendo que a Parada

LGBTQI+ Livre de Brasília é apartidária e não apolítica. No entanto, essa diferença parece não existir, tanto na leitura social de outros atores sociais, como opositores e participantes, por exemplo, quanto do próprio organizador. Uma vez que Bruno afirma que sua escolha por realizar o evento nasce da percepção de a parada da Brasília Orgulho ser muito política, ele avalia negativamente essa característica. Assim, se ser muito política é algo ruim, como aponta Bruno, então é algo de que ele se afasta. Nesse sentido, podemos entender que a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília surge como uma proposta menos política ou mesmo apolítica.

Ao refinar a crítica à Brasília Orgulho, Bruno traz dois atores sociais que também parecem ser relevantes na fundação da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, são eles o Partido dos Trabalhadores (PT) e Erika Kokay, deputada federal pelo PT. Parece ser uma tônica o apoio ao PT ser representado como um ponto negativo da Brasília Orgulho e seus organizadores, mas aqui, Bruno julga como insatisfatório o trabalho da deputada. Apesar de mitigar a declaração por meio do adjunto de comentário ‘no meu ponto de vista’ em “eles levantam muito a bandeira do PT, a bandeira da Erika Kokay, que no meu ponto de vista, é uma mulher que não ajudou muito o meio LGBT”, Bruno identifica Erica e seu trabalho como insuficientes no que concerne a pautas LGBTQIA+.

Embora critique a qualidade do trabalho de Erika Kokay e a ligação que a Brasília Orgulho teria com o PT, Bruno afirma ter recebido ajuda financeira de Paula Belmonte, deputada federal pelo Cidadania:

(19) **Bruno:** Pra não dizer, pra não ser ingrato, digamos assim, eu tive um apoio pessoal e particular da Paula Belmonte. Ela ajudou, a Paula Belmonte ajudou. Mas ela ajudou com, do bolso dela. Não foi com verba parlamentar, não foi com nada

**Raylton:** Uhum.

**Bruno:** Entendeu?

Como o PT é um dos atores-chave para entender o surgimento da Parada Livre, é necessário contextualizar um pouco a posição de Paula Belmonte. A deputada federal foi eleita em 2019 pelo Cidadania, partido político que fez parte da base do governo federal com 87% de aderência às propostas do governo Bolsonaro na câmara dos deputados. Paula Belmonte

teve atuação como vice-presidente na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), ocasião pela qual foi muito elogiada pelo então presidente Bolsonaro, sendo por ele considerada como filha, inclusive.

Meu intuito ao trazer esse excerto não é condenar a relação de Bruno com a deputada, mas sim trazer à tona que a ligação político-partidária que Bruno critica no excerto (18) também pode ser considerada presente na realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. Por mais que Bruno informe que a ajuda que recebeu foi de cunho pessoal e que a deputada teria usado de recursos financeiros próprios para fazê-lo, a posição de ambos os atores, Bruno e Paula, se faz por sua função nas práticas que exercem. No caso de Bruno, sua identidade pessoal se confunde com a própria Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, sendo inseparáveis. O mesmo se pode dizer de Belmonte, sua identidade pessoal se confunde com sua atuação como deputada federal. Dessa forma, Bruno, e a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília por extensão, tem ligação político-partidária. A ligação existe, só mudam os atores e as posições.

Ao comentar sobre a criação/ realização da Parada LGBTQI+ livre de Brasília, Julio elenca outro motivo, distinto daquele sobre a relação político-partidária da Brasília Orgulho com o PT, conforme apontou Bruno.

(20) **Julio:** Então, eu começo aquela noite, não é? Esse é que é o ponto. A gente começa do começo ou começa já, porque a parada em si é só a... o bloco na rua, né?

**Raylton:** Uhum.

**Julio:** Mas ela começa antes. Ela começa com a ineficiência da associação da Parada de Brasília de conseguir gerir as diversas é... os diversos parceiros, os diversos atores, as diversas instituições que se relacionam com a parada.

Essa sempre foi uma realidade... É sempre muito complexo.

Eu lembro de anos que... sei lá... de membro de causa costuma falar: ah porque não é meu amigo, você não pode chamar outra pessoa.

E sempre teve isso. Sempre existiu um mercado muito fechado dentro da noite, né?

Não era da tua idade.

E... com a abertura de novas casas, isso acabou criando... A concorrência é a mãe das... do futuro, né? tipo... E isso não ficou vis- não foi visto com muito bons olhos.

E acabou que eu saí da associação, né.

Como optei por trabalhar com tópico-guia, Julio ficou livre para dizer o que achava relevante sobre o tema (motivos para a realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília), tanto que se mostra um pouco reticente sobre por onde começar. Para ele, a ideia de fazer o evento surge da “ineficiência da associação da Parada de Brasília de conseguir gerir as diversas é... os diversos parceiros”. O léxico ‘ineficiência’ e ‘gerir’ ativa o campo semântico do corporativismo, ou ainda, do utilitarismo, identificando a Parada da Brasília Orgulho como uma entidade que não funcionou, não deu certo, pois não gerenciou o que lhe cabia.

Além disso, Julio insere outro elemento como motivo: a concorrência entre casas de show na noite de Brasília. Como esse era aspecto novo nos dados, mas que eu já imaginava ser um dos motivos para a criação da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, pedi a Julio que me contasse com mais detalhes esses acontecimentos:

(21) **Julio:** Então, teve esse ano que teve a Capital Club junto com a Vic.

A Capital Club pagou pra ter um carro, pagou uma cota, pagou o trio e tudo mais.

E a parada teve uma parceria com a Victoria Haus, e botou o carro da Victoria Haus na frente.

Nisso o Bruno achou um absurdo porque ele tava pagando pelo evento e ele queria ter mais visibilidade

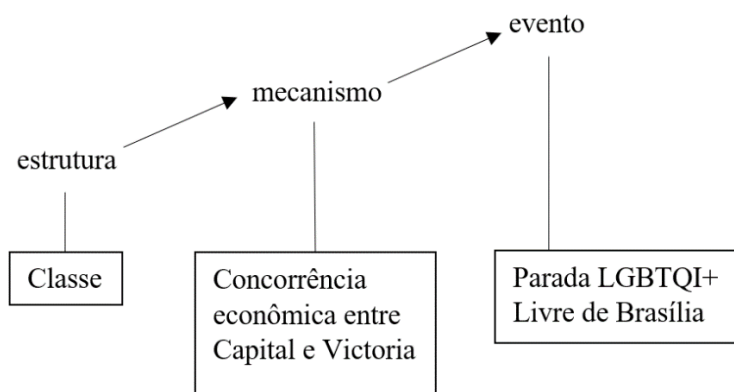
E ele teve uma briga com o Michel Platini, que era um dos organizadores da época. E dessa briga, na verdade, nasce a vontade do Bruno de falar: “cara, essa parada não tá sendo justa e sincera com a população”.

Bruno e Julio contaram-me que a Brasília Orgulho cobrava uma taxa para quem quisesse dispor um trio elétrico na parada. Bruno disse que decidiu não pagar e por isso, além das discordâncias de caráter político-partidário, preferiu realizar outro evento. No entanto, ele omitiu que teve desavenças com os organizadores por conta do lugar de destaque no evento. Como me informou Julio, a Capital Club era uma casa de shows voltada para o público LGBTQIA+ de Brasília, cujo dono era Bruno. Ela foi à falência porque, segundo Bruno devido a um post que foi entendido como em apoio a Bolsonaro, em 2018, o público LGBTQIA+ da cidade decidiu boicotar o local. Bruno tentou atrair o público hétero, mas mesmo assim a casa fechou em 2019.

Victoria Haus, por sua vez, é outra casa de shows de Brasília que continua em pleno funcionamento. Segundo Julio, se alguém tirasse foto na Capital Club, era proibido de frequentar a Victoria. É notório que havia uma relação de competição mercadológica aí, tanto que pode ser evidenciada quando Julio disse no excerto (5): “com a abertura de novas casas, isso acabou criando... A concorrência é a mãe das... do futuro, né?”.

O ápice dessa disputa teria acontecido na parada de 2018, quando Bruno ficou insatisfeito com a organização por terem colocado o trio da Victoria Haus, sua concorrente maior, na frente, pois ele queria ter “mais visibilidade”. Disso resulta o rompimento de Bruno com a Brasília Orgulho, como vemos em “E dessa briga, na verdade, nasce a vontade do Bruno de falar: “cara, essa parada não tá sendo justa e sincera com a população”. Quando falo das relações causais que a Parada Livre mantém com outros elementos sociais, é a esse aspecto que me refiro. O capitalismo, ativado nas relações econômicas de concorrência entre Capital Club e Victoria Haus, se mostra como um dos mecanismos gerativos para a criação da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. Se existe mesmo um motivo mais político-partidário como argumenta Bruno, ele é certamente posterior a esse. Com base na visão realista crítica de causação (RESENDE, 2009), apresento como tenho visto esse mecanismo gerativo de classe na figura a seguir:

**Figura 5** - Mecanismo gerativo da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília



Fonte: elaboração própria

Tenho argumentado que essa relação econômica influencia o modo como os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre se identificam como empresários, essa é a identificação que eles reivindicam para si, é uma das formas como se apresentam ao mundo. Concordo com Resende (2017) quando ela argumenta que recorreremos a discursos para tecer nossas

identificações, e que essas identificações se mostram nos discursos. Nossas identificações se constroem com base nos discursos que, para nós, têm lógica, são coerentes com o que almejamos ser. Logo, se identificar como “empresário” é tomar o discurso neoliberal como fonte identitária, pois é nele que o ser “empresário” encontra sentido identitário. Mas como conciliar o discurso neoliberal com o discurso do ativismo, que subjaz às ações do movimento LGBTQIA+, como as paradas da diversidade, se o neoliberalismo pressupõe a ação individual e o ativismo entende que só juntas podemos transformar o estado de coisas? Essa é uma questão que parece central nesse cenário de disputa.

### 3.3.3 Organizadores em sua relação com militância e ativismo LGBTQIAP+ de Brasília

Nesta seção apresento os resultados que giram em torno dos seguintes temas do tópico guia: “Me conta da sua trajetória até a decisão/realização da Parada?” e “Você já tinha algum envolvimento com o movimento/ militância antes dessa iniciativa?”

22) **Raylton:** Eu queria que você me falasse um pouco dessa sua história dentro do movimento até chegar o momento de criação da Livre.

**Julio:** Eu colo na Parada em 2006. Eu sou voluntário da assessoria de imprensa. Então, todo o trabalho de relação com a imprensa eu que faço em 2006. O tema era eleição. Foi a primeira parada do país com o tema eleição. Era o nome da parada “vote com orgulho”, alguma coisa nesse sentido. E aí foi indo. Eu fui até um dos coordenadores, né, que a Brasília era feita de coordenadores, da Brasília Orgulho. Eu monto esse modelo de formato de venda mais empresarial pra parada, né, porque isso vem da minha formação. O Elton tem uma formação de comunicação, mais militância, como todo mundo. E eu não. Eu pego e começo a vender ela, a comercializar, a tornar um produto.

Julio responde a essa pergunta narrando sua trajetória já dentro Brasília Orgulho, organização a que a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília é contrária e dirige várias críticas. É interessante notar o léxico empregado para representar a parada e as ações em torno dela. É um léxico mais ligado à economia, ao mundo dos negócios. Julio representa a ação de trabalho na Brasília Orgulho como um “formato de venda mais empresarial” e expande esse sentido por

meio dos processos comercializar e vender, cujo complemento é a parada. Isso fica ainda mais explícito no fim do excerto, quando ele afirma que o modo de trabalho que desenvolveu tornou a parada um “produto”.

Fairclough (2016) considera que os modos particulares de compreender e representar aspectos do mundo têm um léxico mais ou menos estabilizado, por isso então, por meio do vocabulário empregado em um texto, é possível verificar que discursos estão ali atualizados. No exemplo em ela, o léxico vender, comercializar e produto materializam o discurso capitalista, em que uma atividade política em sua natureza, a parada LGBT, se torna algo com valor econômico, ou melhor, o seu único valor é o de ser vendível.

Ao mesmo tempo em que representa a parada como um produto, Julio assume a identificação de empresário/ vendedor. Tanto é assim, que ele faz uma comparação entre a identificação de Elton e a sua própria: Elton seria mais militante, enquanto Julio não. Ele apresenta a característica de Elton para, então, definir a sua por meio da negação.

Contudo, os discursos-estilos que Julio assume parecem estar em conflito. De um lado, ele se afasta da posição “militante”, negando-a, de outro, a reivindica, como apontam os excertos 2 e 3:

23) **Julio:** E eu tive também alguns pontos muito emblemáticos na história do movimento LGBT nacional, como quando o Ahmadinejad veio, eu sou o militante que levanta a bandeira do arco-íris no meio da coletiva de imprensa, com o cartaz “Pela vida dos gays”. Eu sou retirado a força da coletiva. Isso vai parar na abertura do Jornal Nacional.

Nesse mesmo campo de manifestação, a gente faz uma manifestação contra a ida do Lula ao Irã e contra e ida dele aos países africanos que matam LGBTs.

Ele fez visita ao Irã e países na África que matam LGBTs, e isso não é aceitável. Por mais que ele apoie a agenda e volta a aquele ponto, “beleza, você fez muita coisa”, mas você não pode ficar calado pra uma coisa dessa.



Em 23, por meio de um processo relacional, Julio atribui a si mesmo a característica de ter “alguns pontos muito emblemáticos na história do movimento LGBT nacional”. Essa construção indica, por meio do epíteto “emblemáticos”, que Julio se orgulha de ter realizado as ações que irá elencar, localizando-as não só no cenário local, mas sim nacional. Ele se identifica como o militante num ato realizado em uma coletiva de imprensa contra Mahmoud Ahmadinejad, o presidente do Irã de 2005 até 2013. O emprego do pré-determinante “o” também constrói esse estilo: ele não é qualquer militante, ele é “o” militante que levanta a bandeira do arco-íris no meio da coletiva de imprensa, com o cartaz Pela vida dos gays.

Ainda nessa esteira de ações, no exemplo 23 Julio participa do processo material de fazer uma manifestação contra o ato do ex-presidente Lula visitar países que têm políticas contrárias à diversidade sexual. Esse discurso-estilo da militância que ele acolhe em seu relato é fortemente marcado na avaliação negativa de caráter de estima social da declaração “isso é inaceitável” para se referir a atitude do ex-presidente.

Por fim, o participante relaciona a sua militância à sua candidatura política.

24) **Julio:** Ah, eu fui candidato em 2010. Fui candidato pelo Partido Verde junto com o movimento Marina Silva e isso também é um ponto muito importante, porque na verdade é de onde vem o meu maior, de onde as pessoas me conhecem mais. Uma candidatura aberta, arco-íris, um gay falando da causa LGBT. Falando com você agora, eu acho que essa é a base da minha militância na minha vida.

Julio é assertivo em definir a sua candidatura política como a coisa que mais o tornou conhecido e, especialmente, como base de sua militância. É interessante, pois se quiséssemos identificar as palavras que se destacam no trecho, elas poderiam ser: Partido [verde], LGBT e militância. Digo que é interessante pois estão juntos, por meio dessas três palavras, os campos que não poderiam se misturar, segundo o ideais da Parada Livre.

Os excertos seguintes são da entrevista com Bruno. São trechos em que o instigo a falar sobre sua atuação no ativismo LGBTQIA+ em Brasília, para então tentar desenhar que relações poderia ter com a criação da Parada Livre.

25) **Raylton:** Eu queria saber um pouco da sua trajetória até o que te levou à Parada Livre.

**Bruno:** Então, eu trabalho... a primeira festa que eu fiz, eu tinha 17 anos [...]

E logo em seguida eu montei uma boate que se chamava Capital Club, que era pro público LGBT, que aí durou acho que um ano e meio, que aí depois eu transformei em hétero. Foi logo quando eu fui atacado pelos adversários, digamos assim, que foi quando o Bolsonaro ganhou, eles falaram que eu era bolsomínion. Então, o público LGBT parou de frequentar minha boate e automaticamente eu já transformei ela em hétero.

**Raylton:** Então isso tudo foi no mesmo tempo?

**Bruno:** Foi. Foi praticamente no mesmo tempo, que foi quando o Bolsonaro ganhou. Eu caí na besteira de publicar um negócio que um amigo meu jogador de futebol tinha publicado. Ele publicou uma frase que eu não me lembro, mas resumindo era assim, dizendo que o mal do brasileiro era torcer contra, contra tudo, né? Já que o cara tinha ganhado, era pra torcer que ele fizesse um governo melhor. Só que, lá no final, tinha escrito bem assim “Brasil acima de todos, Deus acima de todos” e eu não apaguei a [palavrão] dessa frase. Em menos de cinco minutos, você não tem noção o inferno que a minha vida virou. Eu apaguei, mas mesmo assim virou um inferno.

Aí eu publiquei falando que eu não tinha votado nele, que estava apenas desejando boa sorte, igual o PT fez, que desejou boa sorte pra ele. Mas mesmo assim, já tinha caído na mídia, eu já tava lascado. Cancelaram festas que iam ter na semana seguinte na minha boate, que eram festas LGBT. Cancelaram porque falaram que não iam fazer festa em local de bolsomínion. Foi um inferno.

Bruno inicia dizendo que começou sua trajetória no ativismo realizando festas. Contou-me das diversas festas que realizou desde a primeira, quando ele tinha apenas 17. Chama a atenção a representação que Bruno faz dos processos que levaram ao fechamento de sua boate. Primeiro ele representa alguns atores sociais como adversários, metaforizando o processo como um jogo (já vimos essa expressão metafórica em outros recortes) em que ele disputa com alguém. Em seguida, declara “eles falaram que eu era bolsomínion”, o que em momento posterior é representado por Bruno como uma inverdade. Assim, “eles” são adversários e mentem.

Na tentativa de saber se Bruno chegou a atuar na militância ou se manteve seu foco em eventos LGBTQIA+ na noite Brasília, o indaguei outra vez:

26) **Raylton:** Então, o seu envolvimento com a militância, com o movimento LGBT se deu principalmente por conta de promover eventos ou você tinha outro tipo de atuação em outras frentes?

**Bruno:** Eu comecei a ter por causa do Julio, que eu ajudava ele nas coisas que ele inventa de fazer e por mexer com eventos LGBT que eu conheço a maioria da galera, entendeu? E entrei no movimento, digamos assim.

O Julio entrou bem antes de cabeça, eu não. Eu fazia festa. Uma coisa ou outra. O Julio não. O Julio entrou bem antes de mim.

**Raylton:** Hoje, depois da realização da Parada Livre, qual a tua atuação no movimento?

**Bruno:** nenhuma!

Em sua resposta, Bruno esclarece que sua aproximação ao movimento LGBTQIA+ aconteceu por causa de Julio e também por estar no ambiente em que conhecia muitas pessoas, provavelmente algumas ligadas diretamente ao ativismo. Entretanto, sua atuação na militância não é confirmada, pelo que podemos notar na baixa modalidade epistêmica

expressa em “digamos assim”. Assim, Bruno se restringia à realização de festas LGBTQIA+, diferente de Julio, que “entrou de cabeça”.

Por fim, perguntei a Bruno qual a relação dele com o ativismo LGBTQIA+ de Brasília naquele momento. Ele foi assertivo. Disse não possuir qualquer relação com o ativismo LGBTQIA+ brasiliense. Eni Orlandi (2007) já escreveu que o silêncio tem formas e que elas também significam, têm sentido. A resposta rápida de Bruno e o silêncio que a ela se seguiu também pode representar muito, mas a isso eu me dedicarei noutro momento.

Nesta seção apresentei análises e resultados em torno da atuação dos organizadores da Parada Livre no ativismo LGBTQIAP+ de Brasília. Julio apontou que já tem longa trajetória nesse caminho e que continua ativamente nele. Bruno, por sua vez, disse que seu envolvimento, desde o início, sempre esteve circunscrito à promoção de eventos, sendo trazido mais perto do ativismo por Julio. Entre os dois, Bruno é o único que assertivamente declara não ter nenhuma participação no ativismo, o que se revela problemático, tendo em vista que Paradas não nasceram como meros espetáculos, desfile nas ruas, mas como forma de reivindicação da vida e dos direitos de pessoas LGBTQIAP+, em sua essência é ATIVISMO.

## Considerações finais

A pesquisa que por meio desta dissertação apresentei visou analisar justificativas, expressas no discurso, para a criação/realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e quais as relações causais com outros elementos sociais. Para tanto, elaborei um esquema multimetodológico com coleta documental de textos jornalísticos e de rede social e geração de dados em entrevistas individuais semiestruturadas com os organizadores da Parada Livre. Resultou disso um universo discursivo que possibilitou diferentes ângulos para chegar a conclusões mais aprofundadas sobre o tema.

Por meio da análise da intertextualidade e da avaliação tentei responder à seguinte questão “Como a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu papel nos ativismos LGBTQIA+ contemporâneos são representados em textos jornalísticos?”. Os resultados da análise da intertextualidade apontam que a voz da organização da Parada Livre foi convocada a falar em todos os textos do *corpus*, sempre em relato direto e indireto. Além disso, em todos eles se fez presente a voz dos idealizadores da Brasília Orgulho, organização a qual a Parada Livre se opõe. Essa já era uma característica esperada para gênero, uma vez que textos jornalísticos costumam convocar diferentes fontes para contribuir com o tema, como também já era esperada devido à polarização entre as duas organizações.

Participantes externos, como pessoas que participaram da Parada Livre e internautas na rede do Facebook, também apresentam acentuada ocorrência. Em último, também há presença da voz de autoridades policiais, como a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal e a Polícia Militar.

Já a análise da avaliação apontou que a Parada Livre é objeto de avaliação das vozes dos idealizadores da Brasília Orgulho, de participantes externos e da própria voz. O tipo de avaliação predominante são as declarações avaliativas, em que há marca explícita de valoração por meio dos itens lexicais. Chama atenção as avaliações negativas que os organizadores da Parada Livre instanciam em direção à militância e a esquerda, avaliação essa que se mescla com aquela direcionada à Brasília Orgulho. Isto é, esta última é avaliada negativamente por se associar, segundo os organizadores Parada Livre, demasiadamente à militância e à esquerda.

Para responder a questão “Quais as estratégias e os efeitos potenciais envolvidos na ação discursiva da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília em seus textos no Facebook?” lancei mão das categorias legitimação e quadrado ideológico. Na análise da legitimação, notei que a organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília constrói a (des)legitimação por meio das estratégias de analogia – quando compara seu evento aos de outras cidades do Brasil e do exterior –, de avaliação – quando identifica a Parada como livre e nova – e, principalmente, de abstração – ao trazer o valor democrático como sustentador de suas práticas e para descreditar a Brasília Orgulho. O movimento do antagonismo entre o nós (organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília) e o eles (Brasília Orgulho) é fundamental nessa disputa representativa, pois a construção identitária da organização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília tem se mostrado relacional: o ‘nós’ é formado com base no que o ‘eles’ não é. É dizer, a partir do que vimos nos exemplos, que a Parada LGBTQI+ Livre de Brasília teria uma característica central e ausente na Brasília Orgulho: a democracia, constituindo-se por oposição.

Para responder à pergunta “Como os organizadores da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, em entrevistas individuais, representam a criação/ realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília e seu ativismo, e discursivamente identificam a si mesmos e a atores sociais externos à organização do evento, mas, segundo eles, relevantes para sua criação/realização?” adotei uma análise mais sequencial, em que empreguei as categorias de marcação temporal, relação semântica entre e nas orações, modalidade e transitividade.

Acredito que ter desenhado uma pesquisa multimetodológica que abarcasse diversas dimensões foi um dos ganhos para a compreensão do problema de pesquisa, pois questões que estavam pouco compreensíveis ou mal exploradas em certos dados puderam ser melhor compreendidas em outros tipos de dados. No âmbito geral, acredito ser possível dizer que embora o mote político-partidário tenha sido o mais dito nos dados, foi o aspecto mercadológico que gerou o desejo por uma Parada Livre. Como aponte na seção 3.3, esse aspecto é o primeiro mecanismo gerador da Parada, do qual outros em articulação surgiram.

Tenho em mente de que as entrevistas ajudaram muitíssimo entender os dados da coleta documental e vice-versa. Também acredito que as análises textuais sob a teorização dos estudos críticos do discurso foram muito úteis aos objetivos pospostos na pesquisa. Entretanto, reconheço as limitações das análises textuais, uma vez que a questão social não

pode ser reduzida a textos, embora seja parcialmente sustentada por eles, e que nenhuma análise textual pode esgotar o assunto.

Os resultados mostram que o objetivo da pesquisa foi alcançado, uma vez que apontam que a justificativa primeira para a realização da Parada Livre é a disputa econômica/ mercadológica / empresarial entre casas noturnas da cena brasiliense, que traz ao centro da iniciativa da Parada Livre tais aspectos sociais: disputa empresarial e disputa política.

Dessa forma, compreendemos o processo social investigado como uma disputa pela representação, no sentido de quem pode representar a população LGBTQIA+ brasiliense, quem tem legitimidade para organizar uma parada da diversidade. Sabemos que tal disputa não nasceu em tais textos, mas das dinâmicas sociais dos ativismos LGBTQIA+ de Brasília, e da polarização política, de modo mais amplo. Entretanto, é possível perceber, por meio das análises, que os textos são tanto resultado quanto processo do conflito, o social informando a semiose e a semiose constituindo o social.

## Referências

- ACOSTA, M. P. T. (Con)textos de violência e resistência: um estudo em análise de discurso crítica sobre o caso de Michele Maximino. In: RESENDE, V. M.; REGIS, J. F. S. (Orgs.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 53-101
- ACOSTA, M. P. T.; RESENDE, V. M. Gêneros e suportes: por um refinamento teórico dos níveis de abstração. *Romanica Olomucensia*, v. 2, n. 26, p. 127–142, 2014.
- ARCHER, M. et al. *Critical Realism: essential readings*. London: New York: Routledge, 1998.
- BARROS, J. D. As hipóteses nas ciências humanas: considerações sobre a natureza, funções e usos das hipóteses. *Sisifo*, n. 7, 2016, p. 151-162.
- BARROS, S. M. *Realismo crítico e emancipação humana: contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- BHASKAR, R. *A realistic theory of science*. London: New York: Routledge, 2008.
- BHASKAR, R. Philosophy and scientific realism. In: ARCHER, M. et al. *Critical Realism: essential readings*. London: New York: Routledge, 1998a, p. 16-47.
- BHASKAR, R. Societies. In: ARCHER, M. et al. *Critical Realism: essential readings*. London: New York: Routledge, 1998b, p. 206-257.
- BHASKAR, R. *The order of natural necessity: a kind of introduction to Critical Realism*. London: [s.n.], 2017.
- BOLÍVAR, A. Análisis del discurso y compromiso social. *Akademios*, v. 5, n. 1, p. 7–31, 2003.
- BRAGA, A. A.; GUIMARÃES, J. D. A. Minorias e discurso na esfera pública digital: o caso da Parada Gay. *Comunicação Mídia e Consumo*, v. 11, n. 30, p. 57-81, 2014.
- BULGARELLI, B. A. Um impeachment, algumas tretas e muitos textões: notas sobre o movimento LGBT brasileiro pós-2010. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 489-500.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. São Paulo: Editora José Olympio, 2018.
- BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, J. *Vida precária: el poder del duelo y la violencia*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- CAETANO, M.; NASCIMENTO, C.; RODRIGUES, A. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018,



p. 279-296.

CARVALHO, A. B.; COSTA, J. C. Interseccionalizando a análise de discurso crítica: a encruzilhada nos estudos discursivos e de gênero social. In: GOMES, M. C. A.; VIEIRA, V. C.; CARVALHO, A. B. (Orgs.). *Práticas sociais, discurso, gênero social: explicações críticas sobre a vida social*. Curitiba: Appris, 2020, p. 55-76.

CAMARGOS, M. L. O surgimento das Parada LGBT no Brasil. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 421-434.

CAMARGOS, M. L. *Sobressaltos: caminhando, cantando e dançando na f(r)esta da Parada do Orgulho Gay de São Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Campinas, 2007.

CARRARA, S. As paradas de orgulho GLBT no Brasil e a construção de mundos possíveis. In: COSTA NETTO, F. et al. (Orgs.). *Parada: 10 anos de orgulho GLBT 244 em São Paulo*. São Paulo: Editora Produtiva; Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, 2006.

CARRARA, S. et al. Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa na 9ª Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CHIOCHETTA, Â. S.; AVENA, D. T. Parada Gay de São Paulo: evento de compromisso social ou uma grande festa na avenida paulista? Eventos e Lazer. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 6, n. 2, p. 11-18, 2006.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CLARK-IBÁÑEZ, M. Framing the social world with photo-elicitation interviews. *American Behavioral Scientist*, v. 47, n. 12, p. 1507–1527, 2004.

COLLING, L. Impactos e/ou sintomas dos estudos queer no movimento LGBT no Brasil. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 515-531.

COSTA, H. Discurso de abertura do IV Congresso da ABEH. In: \_\_\_\_\_. et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial, 2010. p. 9–18.

CRUZ, R. Do protesto de rua à política institucional: a causa homossexual nas eleições de 1982. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 255-276.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DINIZ, D. Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios. *Ciencia e Saude Coletiva*, v. 13, n. 2, p. 417–426, 2008.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. New York: London: Continuum, 2004.

FACCHINI, R. Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e identidades: um olhar para os 40 anos do Movimento LGBT. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 311-331.

- FAIRCLOUGH, I.; FAIRCLOUGH, N. *Political discourse analysis: a method for advanced students*. London: New York: Routledge, 2012.
- FAIRCLOUGH, N. *Analyzing discourse: textual analysis for social research*. London: New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Coord. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2016.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London: Arnold, 1995.
- FAIRCLOUGH, N.; JESSOP, B.; SAYER, A. Critical realism and semiosis. In: FAIRCLOUGH, Norman. *Critical discourse analysis: critical study of language*. 2. ed. London: New York: Routledge, 2010. p. 202–222.
- FALCÃO, L. A. *Mídia e movimento LGBT: um estudo do campo jornalístico a partir da cobertura da parada da diversidade de Pernambuco*. 2016. 212 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Pernambuco, 2016.
- FRANÇA, I. L. Um breve histórico. In: COSTA NETTO, F. et al. (Orgs.) *Parada: 10 anos de orgulho GLBT em São Paulo*. São Paulo: Editora Produtiva; Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, 2006.
- FEITOSA, C. A participação social nos 40 anos do Movimento LGBT brasileiro. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 435-448.
- FERREIRA, N. T. O apartidarismo dos protestos populares no Brasil e os deslocamentos de sentidos de representação política. *Cambiassu - Edição Eletrônica*, v. Ano XIX, n. 14, p. 221–236, 2014.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 64–89.
- GOMES, M. C. A. Propondo uma abordagem de discurso crítica generificada. In: GOMES, M. C. A.; VIEIRA, V. C.; CARVALHO, A. B. (Orgs.). *Práticas sociais, discurso, gênero social: explanações críticas sobre a vida social*. Curitiba: Appris, 2020, p. 77-100.
- GREEN, J. N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, n. 15, p. 271–295, 2000.
- IRINEU, B. A. Negociações, disputas e tensões na arena LGBT brasileira entre os anos 2010 e 2014. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 471-486.
- HALLIDAY, M. A. K. *El lenguaje como semiótica social: la interpretación social del lenguaje y del significado*. Argentina: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.
- HALLIDAY, M. A. K. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4. ed. Revisão de Christian M. I. M. Matthiessen. Abingdon: Routledge, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context and*

- text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 3-51.
- HARPER, D. Talking about pictures: a case for photo elicitation. *Visual Studies*, v. 17, n. 1, p. 13–26, 2002.
- HARVEY, D. *Justice, nature and the geography of difference*. London: Blackwell, 1996.
- JESUS, J. G. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012.
- JUNIOR, N. A; ALMEIDA NETO, A. M. Religião, gênero e território: discursos midiáticos da parada gay de São Paulo. *Espaço e Cultura*, n. 38, p. 205-224, 2015.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. [S.l.]: Letra e, 1987.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- MACEDO, L. B. Enegrecendo os estudos críticos discursivos: contribuições epistemológicas afroperspectivistas para o campo da análise crítica do discurso no Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 61, n. 1, p. 251–264, jan. 2022.
- MARTIN, J. R. Beyond exchange: appraisal systems in English. In HUNSTON, S.; Thompson, G. (Orgs.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, p. 142–175, 2000.
- MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: COFFIN, C.; LILLIS, T; O'HALLORAN, K. A. (Orgs.). *Applied linguistics methods: a reader*. Routledge: London, 2009. p. 12-32.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. London: Oakville: Equinox, 2008.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. Hampshire; New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MASON, J. *Qualitative Researching*. 2. ed. London: Thousand Oaks: New Delhi: SAGE Publications, 2002.
- MATEUS, E.; RESENDE, V. M. O sistema posição-prática como categoria epistemológica: contribuições para análise de discurso crítica. *Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)*, v. 59, n. 3, p. 445–470, dez. 2015.
- MCRAE, E. Identidades homossexuais e movimentos sociais urbanos no Brasil da "Abertura". In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 39-62.
- MELO, I. F. *Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo*. Tese (Doutorado em Letras), São Paulo. Universidade de São Paulo, 2013.
- MELO, I. F. Visibilidade é tudo? estudo crítico de LGBT na Folha de S. Paulo. *Revista do GELNE*, v. 19, p. 123-138, 2017.
- MOREIRA, J. R. F. *Do movimento social à festa: as microterritorialidades festivas e efêmeras da parada LGBT em Goiânia, Goiás*. 2016. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade

Federal de Goiás, 2016.

NEVES, M. H. M. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PARDO ABRIL, N. G. *Cómo hacer análisis crítico del discurso: una perspectiva latinoamericana*. 2. ed. Bogotá, Colombia: OPR-DIGITAL, 2013. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/10250/>>.

PARDO, M. L. Latin-American discourse studies: state of the art and new perspectives. *Journal of Multicultural Discourses*, v. 5, n. 3, p. 183–192, nov. 2010.

PARDO, M. L. Innovación teórica y metodológica en los estudios críticos del discurso de la pobreza extrema: contribuciones de la REDLAD. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. especial, p. 15–37, 2013.

PARDO, M. L. Decolonização do conhecimento nos estudos do discurso. In: RESENDE, V. M. (Org.). *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 47-62.

PASSOS, N. L. R. *#Elasótem16anos: análise discursiva crítica de postagens em rede social sobre caso de estupro coletivo no Rio de Janeiro*. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PEREIRA, C. F. Movimento LGBT e Partidos Políticos: construindo uma agenda de pesquisas. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 3, n. 4, p. 121, 2017.

REGIS, J. F. S. “Você tem medo do quê?”: a denormalização do discurso sobre o medo do parto. In: RESENDE, V. M.; REGIS, J. F. S. (Orgs.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 131-172

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: RESENDE, V. M.; REGIS, J. F. S. (Orgs.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. Brasília: Pontes Editores, 2017. p. 11–51.

RESENDE, V. M. Decolonizing critical discourse studies: for a Latin American perspective. *Critical Discourse Studies*, p. 1–17, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/17405904.2018.1490654>

RESENDE, V. M. Deslocamento forçado e permanência vigiada, território e fronteira: metáforas de espaço na representação da situação de rua na Folha de S. Paulo. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, n. 1, p. 565–596, 2020.

RESENDE, V. M. *O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, sua crise e seu protagonismo juvenil*. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

RESENDE, V. M.; MENDONÇA, D. G. População em situação de rua e políticas públicas: representações na Folha de São Paulo. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 35, n. 4, 2019.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. 2. ed. São Paulo: Contexto,

2016.

RIBEIRO, V. A. M.; ARANTES, P. C. C. Aqui se faz política, ali só se dança: criação de fronteiras discursivas entre participantes da Parada LGBT de São Paulo na mídia jornalística brasileira. *MOARA*, v. 1, n. 47, p. 31-52, 2017.

ROCHA, D. C. A. Identidade, representações e performatividade: palavras, ações e crucificação na Parada Gay em São Paulo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 19, n. 4, p. 849-870, 2019.

RODRIGUES, W. C. *et al. Metodologia científica*. Faetec/IST. Paracambi, 2007.

SANTANA, E. L. Entre travestis, medo da Aids e a Parada Gay: a nomeação de LGBT pelas páginas da Folha de S. Paulo. *Anais... SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo*, p. 1-16, 2018.

SANTOS, G. Linguagem e decolonialidade: discursos e(m) resistência na trilha da aquilombagem crítica. In: RESENDE, V. M. (Org.). *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 117-144.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TAVARES, C. *Sonoras coloridas, plumas e paetês: um estudo sobre a cobertura de paradas gays na Tv Globo*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo), Centro Universitário de Brasília, 2010.

TAVARES, R. C. L.; RESENDE, V. M. Da necessária coerência entre ontologia, epistemologia e metodologia: contribuição em estudos críticos do discurso. *Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem*, v. 6, n. 13, p. 82–95, 2021.

TAVARES, R. C. L.; SOUSA, R. S. N. Discursos sobre a criminalização da homofobia e da transfobia no portal de notícias O Antagonista. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 61, n. 2, p. 419–434, 2022.

THIBAUT, P. J.; VAN LEEUWEN, T. Grammar, society, and the speech act: renewing the connections. *Journal of Pragmatics*, v. 25, n. 4, p. 561–585, 1996.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. 3. ed. London: New York: Routledge, 2014.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2010.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a história de LGBTs na vida brasileira*. Curso ministrado no Fórum de pesquisa NuQueer, 2020.

TRINDADE, R. A invenção do ativismo LGBT no Brasil: intercâmbios e ressignificações. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 227-236.

TRINDADE, R. O mito da multidão: uma breve história da parada gay de São Paulo. *Revista Gênero*, v. 11, n. 2, 2011.

VAN DIJK, T. A. Discourse and ideology. In: VAN DIJK, T. A. *Discourse studies: a multidisciplinary introduction*. SAGE Publications, p. 379–407, 2011.

- VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.
- VAN LEEUWEN, T. Genre and field in critical discourse analysis: a synopsis. *Discourse & Society*, v. 4, n. 2, p. 193–223, 1993.
- VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. New York: London: Routledge, 2005.
- VAN LEEUWEN, T. Legitimation in discourse and communication. *Discourse & Communication*, v. 1, n. 1, p. 91–112, 24 fev. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1177/1750481307071986>
- VAN LEEUWEN, T. Moral evaluation in critical discourse analysis. *Critical Discourse Studies*, v. 15, n. 2, p. 140–153, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/17405904.2018.1427120>
- VAN LEEUWEN, T.; WODAK, R. Legitimizing immigration control: a discourse-historical analysis. *Discourse Studies*, v. 1, n. 1, p. 83–118, 1999.
- VECCHIATTI, P. R. I. Mobilização judicial pelos direitos da diversidade sexual e de gênero no Brasil. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 449-470.
- VENTURA, K. G. F. *Análise discursiva da representação de feminicídios no jornal Correio Braziliense*. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- VIEIRA, V. Prefácio: a crítica como arte de fazer-se crítica. In: IRINEU, L. M. et al. (Orgs.). *Análise de discurso crítica: conceitos-chave*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 13-16
- VIEIRA, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- WHITE, P. R. R. Valoração – a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. Especial, p. 178–205, 2004.
- WODAK, R. The discourse-historical approach. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). *Methods of critical discourse analysis*. 1. ed. London: Thousand Oaks: New Delhi: SAGE Publications, 2001. p. 63–94.

## **ANEXO I – Dados documentais: notícias**

### **Texto 1**

#### **Duas Paradas do Orgulho LGBT em Brasília? Entenda essa polêmica<sup>25</sup>**

Fake news desagregadoras e mera visão mercadológica nos levaram até a situação que vivemos hoje

ÍTALO DAMASCENO

Maio está chegando ao fim. Isso significa que junho, mês do Orgulho LGBT e das maiores paradas da diversidade, vem aí. Neste ano, Brasília se encontra numa situação polêmica: além da parada organizada pelo grupo tradicional para o dia 14 de julho, um segundo evento foi anunciado, para 30 de junho. Nunca vi uma cidade ter mais de uma parada.

Ao longo do ano, acontecem várias paradas nas zonas administrativas do Distrito Federal. Tem a de Samambaia, Ceilândia, do Sudoeste, para citar alguns exemplos. No entanto, a maior é a de Brasília, que ocorre em frente ao Congresso Nacional. Ela existe há 22 anos e, nas primeiras edições, os participantes se reuniam no bar Beirute da Asa Sul – tradicional ponto de resistência – e saíam pelo Eixão até a Rodoviária. Mais recentemente, a concentração acontece na Esplanada e caminha ao longo do Eixo Monumental.

Na semana passada, porém, fomos surpreendidos com um evento no Facebook de uma parada do orgulho LGBTI no dia 30 de junho, saindo do Eixão Sul. As pessoas começaram a confirmar presença, inclusive acreditando que se tratava do evento tradicional. Logo a Brasília Orgulho, grupo que organiza a do dia 14, alertou aos seguidores não ter nenhuma ligação com o calendário oficial.

Todos os ativistas que admiro e acompanho no DF estão na parada do dia 14. Não conheço os organizadores do dia 30 e, ao fazer uma pesquisa, recebi péssimas referências. Isso me lembrou daquela máxima: saber ao lado de quem se está lutando é mais importante do que a própria guerra.

A parada do orgulho de Brasília nunca foi uma unanimidade. Todo ano há denúncias de silenciamentos e setores que se sentem invisibilizados. Há descontentamentos e ranger de dentes. Entretanto, não sei se dividir seja a solução. Além disso, fazer um evento à parte, visando ganhos financeiros, passa longe de ser uma opção. A causa precisa ser maior que o lucro.

E que precedente isso abre? Se colocando 100 mil pessoas na rua no ano passado não temos nossas demandas atendidas, imagina se partirmos para um “bloco do eu sozinho”?

Procure saber quem faz cada evento. Investigue. Está na dúvida? Pergunte a alguém que faça um trabalho que você respeita e acredita. Fake news desagregadoras e mera visão mercadológica nos levaram até a situação que vivemos hoje. Então aja diferente.

### **Texto 2**

---

<sup>25</sup> Disponível em <https://www.metropoles.com/vozes-lgbt/duas-paradas-do-orgulho-lgbt-em-brasilia-entenda-essa-polemica>. Publicado em 28 mai 2019. Acesso em 10 set 2019.

## **Militância partida: grupos rompem e Brasília terá duas paradas LGBT<sup>26</sup>**

A capital terá duas celebrações do Orgulho LGBT, uma no dia 30 de junho e outra em 14 de julho. Ativistas divergem na pauta política

Assinado por Luiz Prisco

A polarização política virou tema central dos debates no Brasil desde a campanha eleitoral de 2018. Nem mesmo a vitória do presidente Jair Bolsonaro (PSL), com 57,7 milhões de votos, foi capaz de acalmar os ânimos. Ao contrário, o debate segue dividindo diversos grupos: um deles é o movimento LGBTI, que, neste ano, promoverá duas paradas do Orgulho LGBT em Brasília.

No dia 30 de junho, pela primeira vez, a Associação da Parada do Orgulho LGBTQI+ de Brasília, organização composta por seis sócios, pretende levar seu lado da discussão às ruas da capital do país. “A gente espera ser uma opção para este público que se sentia esquecido pelos outros eventos”, afirma Bruno Rodriguez, um dos articuladores.

O outro grupo, Brasília Orgulho, há 21 anos promove a parada em Brasília. Ao longo dessas duas décadas, eles se uniram a diversos movimentos sociais e expandiram a agenda de lutas. “Sou, pessoalmente, um militante pela causa dos direitos humanos”, comenta Michel Platini, presidente da associação.

### Movimentos sociais

A ligação com os movimentos sociais é o principal ponto de divergência entre os dois grupos. Michel Platini, por exemplo, foi candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nas últimas eleições. Essa ligação com a esquerda e a agenda explicitamente contrária a Bolsonaro causa discordância entre os militantes dos dois lados.

“A ideia da nossa parada é ser menos politizada, queremos retirar da pauta a discussão sobre ser ou não oposição ao governo [de Jair Bolsonaro]. Precisamos de medidas que ajudem a população LGBTI agora. Somos empresários que acreditamos em outra forma de luta”, explica Julio Cardia, da assessoria de imprensa da Associação da Parada do Orgulho LGBTQI+ de Brasília.

A ideia é reforçada pelo líder do grupo. Empresário com boates e festas LGBTs e “convencionais” no currículo, Bruno Rodriguez acredita que apenas se opor ao governo não trará benefícios a gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. “Nossa pauta é trazer mais ações práticas do que discursos abertos”, argumenta.

### Polarização

Dentro do clima polarizado, um grupo acusa o outro de promover uma agenda excludente. Para os ativistas do 30 de junho, os outros colegas combatem os empresários que atuam no meio LGBT e querem seguir uma agenda exclusiva “de esquerda”. A acusação, porém, é rebatida por Platini.

---

<sup>26</sup> Disponível em <https://www.metropoles.com/distrito-federal/militancia-partida-grupos-rompem-e-brasil-tera-duas-paradas-lgbt>. Publicado em 16 de jun de 2019, às 19h45. Acesso em 10 set 2019.



Para o militante, o outro coletivo ignora que se manifestar contra Bolsonaro é se posicionar contra práticas consideradas “homofóbicas” – o presidente já fez declarações contrárias à militância LGBT, inclusive durante seus 28 anos como deputado federal.

Outra acusação refutada por Platini é de que a parada organizada por seu grupo seja focada somente em pautas da esquerda. “Brasília tem várias entidades LGBT, cada uma tem sua leitura da luta. No fundo, porém, queremos a mesma coisa. Dentro do nosso grupo, temos um companheiro, o Welton Trindade, que é de direita. Eu e ele divergimos nas ideias, mas temos consciência do nosso ideal de uma sociedade mais justa”, avalia.

Dentro da pauta específica LGBT, as associações discordam também quanto a quais lutas devem ser priorizadas. A Brasília Orgulho, por exemplo, entende a necessidade de pressionar o Supremo Tribunal Federal (STF) para retomar o julgamento da criminalização da homofobia. Já o outro grupo prega que o evento precisa ser um local com mais conforto e segurança aos frequentadores no momento de levantar bandeiras.

### Redes sociais

Na internet, campo no qual a polarização parece cada vez mais intensa, o debate segue de forma intensa. Na página do Facebook da Brasília Orgulho, apoiadores defendem a parada do dia 14 e criticam a outra iniciativa. Michel Platini, por exemplo, gravou um vídeo enumerando as diferenças.

Um dos internautas, por exemplo, coloca: “O resto [outro grupo] é artimanha de um ‘bolsominion’ querendo desarticular a parada de Brasília”. Apesar das críticas, Julio Cardia defende que a nova iniciativa tem recebido incentivo nas redes sociais. “O apoio é grande, há pessoas que não se sentem representadas pela militância atual”, opina.

A Associação da Parada do Orgulho LGBTQI+ de Brasília afirma que não está ligada ao atual governo, mesmo que alguns de seus membros tenham declarado publicamente apoio a Jair Bolsonaro. O grupo, inclusive, reforça que os integrantes não têm ligações político-partidárias.

### Organização

O Metrôpol questionou a Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF) sobre a existência de duas paradas. O órgão confirmou o pedido das duas organizações e o policiamento na área.

“A partir das 14h de 30 de junho, está prevista a Parada LGBT de Brasília, com concentração no Eixão, na altura da 112 Sul. De acordo com o informado pelos organizadores, o evento ocorrerá até as 23h, com destino final a Praça do Museu da República. A Manifestação Parada do Orgulho LGBT de Brasília, a partir das 10h de 14 de julho, segundo os organizadores, irão contornar o Eixo Monumental e descer até a Torre de TV, para finalizar o evento às 22h”, informa a SSP.

### Rompimento

A disputa entre os dois grupos teve início na parada de 2018, realizada em 1º de julho daquele ano. Os representantes da Associação da Parada do Orgulho LGBTQI+ de Brasília colocaram um trio dentro do evento – representando a boate Capital Club, que já fechou as portas. A Brasília Orgulho argumenta que os empresários não deram a contrapartida necessária (15 seguranças e duas ambulâncias), e o fato iniciou uma discussão. “No dia,

administramos os problemas e deixamos quieto. Depois, eles nos acusaram de não dar voz a eles. Não foi isso que aconteceu”, relembra Platini.

A Associação, porém, tem outra versão. “Tentamos realizar a conversa com a Brasília Orgulho. Tivemos uma reunião em conjunto na Secretaria de Segurança Pública na qual eles estavam exaltados e irredutíveis”, relata Bruno. Apesar das divergências, o empresário se diz aberto ao diálogo: “O objetivo do nosso evento é mostrar que podemos estar unidos mesmo não estando ‘juntos e shallow now’”.

### Texto 3

#### **Marcha LGBTQI+ estreia neste domingo e abre dissidência no DF<sup>27</sup>**

Grupo se concentrará no Estádio Mané Garrincha, a partir das 14h. Segundo os organizadores, a ideia é se afastar de bandeiras partidárias.

Assinado por Eric Zambon

Neste domingo (30/06/2019), uma parada do orgulho LGBTQI+, com público esperado de 5 mil pessoas, acontecerá no Eixo Monumental – a concentração será em frente ao Estádio Nacional Mané Garrincha, a partir das 14h. O evento foi convocado por uma dissidência do movimento original, que acontece há 22 anos em Brasília, e usará o nome Parada Livre. Segundo os organizadores, a ideia é se afastar de militância política e bandeiras partidárias.

“Em Nova York, este ano, comemora-se 50 anos de história do movimento e eles terão duas paradas. Goiânia já tem duas e Porto Alegre, também. É uma parada livre porque não levantamos bandeira de PT, do Bolsonaro nem de ninguém”, explica um dos idealizadores, o empresário Bruno Rodriguez, membro da Associação da Parada do Orgulho LGBTQI+ de Brasília, composta também por mais cinco sócios.

Para garantir a tranquilidade do público, a organização pediu a presença da Polícia Civil e da Polícia Militar. “Dizem que a passeata a favor do governo agredirá os homossexuais porque vai acontecer no mesmo dia que a nossa, mas pedimos segurança”, afirmou Rodriguez.

Segundo o empresário, justamente por ser a primeira grande manifestação de cunho LGBTQI+ no governo Bolsonaro, ele se preocupou em preservar a integridade de quem se dispuser a ir. “Sabemos que, querendo ou não, o presidente não é muito a favor. Então, pedimos apoio”, assegura.

Cisão

A ligação com os movimentos sociais é o principal ponto de divergência entre os grupos da cidade. A parada realizada pelo Brasília Orgulho fará sua 22ª edição em 14 de julho. No entanto, segundo Bruno Rodriguez, o evento traz um apelo partidário forte. Para os ativistas do grupo deste domingo, o outro movimento quer seguir uma agenda exclusiva “de esquerda”.

“Muitas pessoas do público LGBT são a favor do Lula, e dizem que eu sou pró-Bolsonaro, coisa que não é verdade. Apenas afirmei, depois da vitória dele nas últimas eleições, que esperava melhoria na nossa situação”, argumenta o organizador, que garante não ter apoiado o atual presidente. “Eu votei no Ciro [Gomes] no primeiro turno e, no segundo, sequer votei.”

Um dos idealizadores do Brasília Orgulho, Michel Platini foi candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nas últimas eleições. Para ele, o coletivo do Parada Livre ignora que se manifestar contra Bolsonaro é se posicionar contra práticas consideradas “homofóbicas”.

---

<sup>27</sup> Disponível <https://www.metropoles.com/distrito-federal/marcha-lgbtqi-estrela-neste-domingo-e-abre-dissidencia-no-df>. Publicado em 30 jun 2019, às 09h27. Acesso em 10 set 2019.

Platini nega que a manifestação organizada por seu grupo seja focada somente em pautas da esquerda. “Brasília tem várias entidades LGBT, cada uma tem sua leitura da luta. No fundo, porém, queremos a mesma coisa. Dentro do nosso grupo, temos companheiros de direita. Divergimos nas ideias, mas temos consciência do nosso ideal de uma sociedade mais justa.”

#### Redes sociais

Na internet, o debate segue de forma intensa. Na página do Facebook da Brasília Orgulho, apoiadores defendem a parada do dia 14 e criticam a outra iniciativa. Michel Platini, por exemplo, gravou um vídeo enumerando as diferenças.

Apesar das críticas, Julio Cardia, assessor de comunicação da Parada Livre, defende que a nova iniciativa tem recebido incentivo nas redes sociais. “O apoio é grande, há pessoas que não se sentem representadas pela militância atual”, opina.

A Associação da Parada do Orgulho LGBTQI+ de Brasília afirma que não está ligada ao atual governo, mesmo que alguns de seus membros tenham declarado publicamente apoio a Jair Bolsonaro. O grupo, inclusive, reforça que os integrantes não têm ligações político-partidárias.

## Texto 4

### Parada LGBT apartidária reúne público em Brasília<sup>28</sup>

Cinco artistas se apresentam na festa prevista para encerrar às 21h. Para a organização, evento é um sucesso.

Assinado por Mariana Machado

Com muita música e a performance de cinco artistas, entre cantores e DJs, brasilienses festejam a 1ª Parada LGBTQI+ Livre. O evento começou às 14h no estacionamento do Estádio Nacional Mané Garrincha, mas o público só começou a chegar a partir das 16h. Desvinculado da Parada do Orgulho LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros) de Brasília, que ocorre em 14 de julho, o mote foi o apartidarismo.

Segundo o organizador Bruno Rodriguez, 39, a inspiração para a festa veio de Nova York, cidade onde já são realizadas duas paradas. “Não somos a favor de nenhum partido, não falamos de nenhum no nosso trio (elétrico). Por esse motivo, muita gente nos atacou, mas, mesmo assim é um sucesso”, declarou o empresário que já garante que no ano que vem tem mais. Dois trios elétricos foram estacionados, mas, com público abaixo do esperado, apenas um ficou em funcionamento.

Para o operador de caixa Everson Pablo, 28, quanto mais paradas melhor. “Acredito que todos devam se unir para fazer quantos eventos sejam. Estou aqui porque quero representar, tirem essa ligação política da cabeça. E independentemente disso, a gente tem que lutar pelos nossos direitos”, afirma.

Ele e os amigos chegaram por volta de 18h e a expectativa era pela apresentação das drag queens. “É a melhor parte, elas trazem amor e é disso que eu gosto. Queremos liberdade para mostrar para Brasília e para o mundo que temos o nosso lugar, somos resistentes”, afirma. O evento deste domingo (30) é para eles um aquecimento para o dia 14.

A artista Katrinna Real, 30, só ficou sabendo hoje do evento ao lado do estádio. Moradora de Sobradinho, ela ressalta a importância da festa. “Estamos aqui lutando pelos nossos direitos. São tantos já conquistados, mas ainda há muito mais, como a questão da inclusão de pessoas gays, negras, e trans nas empresas”, destaca.

Ela, no entanto, discorda do caráter apartidário dado. “Deve-se envolver política porque só assim as leis e regras acontecem. A política tem que estar presente para mostrar que as pessoas têm o direito de ir e vir”, ressalta.

A parada está prevista para terminar às 21h. A Polícia Militar faz a segurança do local, mas informou que não irá calcular o público presente. A princípio, o trio elétrico sairia em carreta pelo Eixo Monumental, mas após votação com os participantes, a organização optou por ficar na concentração.

Parada 2019

A 22ª Parada do Orgulho LGBTs será em 14 de julho, com concentração em frente ao Congresso Nacional. Para 2019, o tema “Stonewall 50. Beijo Livre 40. Resistência e

---

<sup>28</sup> Disponível em

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/06/30/interna\\_cidadesdf.766986/parada-lgbt-apartidaria-em-brasilia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/06/30/interna_cidadesdf.766986/parada-lgbt-apartidaria-em-brasilia.shtml). Publicado em 30 jun 2019, às 20h59. Acesso em 10 set 2019.

Conquistas” relembra o episódio de 1969 quando, em Nova York, nos Estados Unidos, clientes do bar Stonewall Inn se manifestaram contra a repressão na cidade. Era o marco da luta pelos direitos do movimento gay.

A parada é gratuita. Segundo a organização, a edição de 2018 reuniu cerca de 100 mil pessoas. Nos cálculos da Polícia Militar, foram 20 mil.

## ANEXO II – Dados documentais: Facebook

### Texto 5

#### Nota de agradecimento - 1ª Parada do Orgulho LGBTQI+ 🥰🏳️‍🌈<sup>29</sup>

Agradecemos à todxs que em nenhum momento duvidaram de como a nossa Parada era real e oficial.

As mais de 5 mil pessoas que passaram pela 1ª Parada do Orgulho LGBTQI+ são a prova de que existe sim espaço para todxs no movimento.

Nossa luta não é apolítica mas sim apartidária, queremos que os LGBTQI+ reflitam sobre a realidade que os cerca e não sejam apenas multiplicadores de um discurso pré-fabricado - o que em muitos momentos pode nos machucar mais do que nos ajudar.

Obrigado aos que ousaram acreditar em um mundo melhor onde todxs se sintam incluíds.

Assim como Nova Iorque, que também teve duas paradas, trouxemos uma discussão na qual o movimento possa refletir sobre si mesmo e, quem sabe um dia, ter maturidade o suficiente para abarcar idéias discordantes, pois essa foi a nossa única intenção.

Trabalhamos para um mundo mais democrático e a realização da I Parada do Orgulho LGBTQI+ é a consumação desse desejo.

Somos guiados pela certeza de que nenhuma outra pessoa pode ser dona dos nossos desejos pois eles só competem à nós. Essa é uma luta que todo LGBTQI+ carrega dentro de si.

Desejem muito, muito mais, e até 2020.

---

<sup>29</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/todxspeloorgulho/posts/2432473116815957>. Publicado em 2 jul 2019. Acesso em 14 out 2020.

## Texto 6

### Resposta à Coluna Vozes LGBT do portal Metr p les assinado por Italo Damasceno do dia 28/05/2019<sup>30</sup>

A Associação da Parada do Orgulho LGBTQI+ de Brasília, organização composta por empresários LGBTQI+ da capital federal, e aqui representada por Bruno Rodriguez vem publicamente responder as injustas acusações realizadas pela colunista It lo Damasceno.

A Parada do Orgulho LGBTQI+ que será realizada no dia 30 de junho de 2019   uma nova alternativa demandada pelos próprio movimento LGBTQI+ da cidade que não se via representdx na composição ditatorial e excludente da Brasília Orgulho. A Parada é inspirada na cidade de Porto Alegre que desde 2011 possui duas Paradas.

“Após participar com trios nas últimas duas paradas e perceber o descontentamento de patrocinadores, a desorganização de algumas áreas do evento e o beneficiamento de algumas pessoas e organizações em detrimento do coletivo percebi que Brasília merecia mais” afirma Rodriguez.

Ressaltamos que a Brasília Orgulho não é uma associação mas apenas um grupo de 3 pessoas, sendo que uma delas não reside na capital há mais de 10 anos, e mesmo assim eles se sentem os únicos proprietários dos rumos da Parada na capital. Dessa forma pedimos que o auto-presidente declarado nos demonstre uma ata da eleição ou qualquer documento que mostre a fundação de uma organização-não-governamental em um processo democrático de eleição para tal pois desconhecemos.

Já com relação “as péssima referências” que o colunista afirma que recebeu lembramos que não somos nós que temos uma d vida com o Tribunal de Contas da União relacionados a projetos voltados à LGBT: <http://www.in.gov.br/.../Kujrw0TZC2Mb/content/id/55922731>.

Dessa forma e diante de diversas incongruências no artigo como a afirmação de que “as primeiras paradas se reuniam no Beirute da Asa Sul” - as Paradas em Brasília tiveram três localidades W3 Sul, Eixo Monumental e 112 Sul sendo que o Beirute nunca apoiou publicamente o evento, apesar de ser um local abraçado por LGBTQI+”, solicitamos uma apuração mais responsável do jornalista e do veículo para que levem a população de Brasília fatos concretos e não apenas fofocas ou disse-me-disse porém sabemos que esse seja um dos editoriais mais acessados dependendo da ocasião.

Por fim, entendemos que todos somos passíveis de erros e concordamos com a conclusão do artigo pedindo para a comunidade LGBTQI+ a se aprofundar mais no entendimento das pessoas por tr s dos movimentos e ainda vamos  l m, convidamos elas a participar desses processos para que assim façam elas mesma o movimento social, não ficando   mercê de pessoas com fins eleitoreiros e que cooptam pautas tão importantes para o desenvolvimento do nosso país.

Convidamxs todxs para colorir o eix o sul no dia 30 de junho e se juntarem a Parada mais colorida que Brasília já viu: <https://www.facebook.com/events/303937810497240/>

---

<sup>30</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/todxspeploorgulho/posts/2432497233480212>. Publicado em 2 jul 2019. Acesso em 14 out 2020.



<https://www.metropoles.com/vozes-lgbt/duas-paradas-do-orgulho-lgbt-em-brasilia-entenda-essa-polemica?fbclid=IwAR3Pyg7Hn-VoD06Y4T1LFXAsz-Dih-nNmf2sVCVxDP1e10PjpoL7bbuRfbE>

## Texto 7

Obrigado Metr poles e Luiz Prisco por possibilitarem o início de uma discussão acerca dos rumos do movimento LGBT na capital.<sup>31</sup>

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/militancia-partida-grupos-rompem-e-brasilia-tera-duas-paradas-lgbt>

---

<sup>31</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/todxspeloorgulho/posts/2432502640146338>. Publicado em 2 jul 2019. Acesso em 14 out 2020.

## Texto 8

Nosso partido é o Orgulho!<sup>32</sup>

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/marcha-lgbtqi-estreia-neste-domingo-e-abre-dissidencia-no-df>

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/todxspeloorgulho/posts/2432504856812783>. Publicado em 2 jul. 2019. Acesso em 14 out. 2020.

## Texto 9

O movimento LGBT não deve se render à cooptação partidária mas se ater às demandas dos da população.

Não é a volta do Messias que irá nos ajudar mas sim a nossa própria capacidade de fazermos algo por nós mesmos.<sup>33</sup>

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/06/30/interna\\_cidadesdf,766986/parada-lgbt-apartidaria-em-brasilia](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/06/30/interna_cidadesdf,766986/parada-lgbt-apartidaria-em-brasilia)

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/todxspeloorgulho/posts/2432514466811822>. Publicado em 2 jul. 2019. Acesso em 14 out. 2020.

## Texto 10

### A primeira a gente nunca esquece!<sup>34</sup>

Apesar de toda investida de ataques pessoais contra a realização de uma atividade pública de reunião de pessoas nossa Parada saiu às ruas da capital sendo um marco histórico da democracia.

É sabido que o que se fala diz mais a respeito de quem fala do que do que de quem é falado e, no nosso caso, eram os supostos defensores de um movimento democrático que nunca existiu dentro de uma suposta organização.

Enganaram os LGBTQI+ de Brasília por tantos anos, não seria agora, que largariam o osso para fazer reuniões abertas de uma discussão pública que compete à todxs nós.

Entendemos como a máquina partidária deles foi capaz de mais uma vez tentar destruir aqueles que consideraram como adversários.

Esse loteamento acabou no último domingo pois o uso capião que eles clamam ter não se sustenta.

Pedimos mais transparência, prestações de contas e mais verdade na Brasília Orgulho pois como se é provado aqui a única coisa que no final das contas foi fake foram as acusações caluniosas sobre as nossas intenções.

Happy Pride 

---

<sup>34</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/todxspeloorgulho/posts/2432538306809438>. Publicado em 2 jul 2019. Acesso em 14 out 2020.

## Texto 11

Brasília inova fazendo uma Parada do Orgulho LGBTQI+ apartidária e livre de amarras.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/media/set?vanity=todxspeloorgulho&set=a.2457860720943863>. Publicado em 2 jul. 2019. Acesso em 14 out. 2020.

## ANEXO III – CEP-IH/UnB

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Representação em disputa: uma análise de discurso crítica da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília

**Pesquisador:** RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 37379820.3.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Letras

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.552.107

#### Apresentação do Projeto:

Inalterada em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 30 de setembro de 2020.

#### Objetivo da Pesquisa:

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 30 de setembro de 2020.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador apresentou mecanismos de minimização do risco de identificação dos participantes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e na Carta de Revisão Ética, conforme pedido no parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 30 de setembro de 2020. Em particular, o pesquisador vai utilizar pseudônimos para representar os participantes no texto da dissertação e ponderar sobre a utilização de dados que possam, implicitamente, ajudar na identificação dos participantes por parte do público leitor.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou os Termos de apresentação obrigatória que estavam pendentes, a

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br

Continuação do Parecer: 4.552.107

saber:

- Justificativa para não apresentação do Termo de Aceite Institucional;
- Termo de autorização de uso de imagem e som de voz;
- Folha de Rosto apresentada e assinada pela Diretora do Instituto de Letras (IL-UnB).

Ademais, o pesquisador incluiu:

- Um documento explicando os instrumentos de geração de dados: entrevistas individuais, tópicos guia e o suporte de programa de videoconferência;
- Justificativa para gravação de imagem e som de voz, em Instrumentos de geração de dados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares. Ele foi aprovado pelo CEP/CHS.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1609703.pdf	23/10/2020 18:44:43		Aceito
Outros	ListaDePendenciasResolvidas.pdf	23/10/2020 18:42:23	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_para_utilizacao_de_imagem_e_som_de_voz.pdf	23/10/2020 18:41:49	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoRaylton.pdf	23/10/2020 18:40:35	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Cronograma	CronogramaProjeto.pdf	23/10/2020 18:39:58	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/10/2020 18:39:43	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Outros	CartaDeRevisaoEtica.pdf	23/10/2020 18:39:26	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Outros	CurriculoLattesRaylton.pdf	23/10/2020 18:38:35	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Outros	CurriculoLattesIran.pdf	23/10/2020 18:38:19	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Outros	CurriculoLattesViviane.pdf	23/10/2020 18:38:00	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br



UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 4.552.107

Outros	JustificativasDispensaTermoInstitucional.pdf	23/10/2020 18:37:35	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Outros	InstrumentosDeGeracaoDeDados.pdf	23/10/2020 18:37:10	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Outros	CartaDeEncaminhamento.pdf	23/10/2020 18:36:44	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito
Folha de Rosto	NovaFolhadedeRostoAssinada.pdf	23/10/2020 18:35:36	RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 23 de Fevereiro de 2021

---

**Assinado por:**  
**Érica Quinaglia Silva**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br

## ANEXO IV – Termos (entrevistas)



**Universidade de Brasília**

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Representação em disputa: uma análise de discurso crítica da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília”, de responsabilidade de Raylton Carlos de Lima Tavares, estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é analisar as justificativas expressas no discurso para a criação/realização da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. Assim, gostaria de consultá-lo sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa. Em virtude de seu nome já estar identificado nos dados da coleta documental da pesquisa, seu anonimato não poderá ser garantido, assim seu nome constará na dissertação e em trabalhos outros resultantes. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como entrevistas, gravação de áudio e vídeo, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa

A geração de dados será realizada por meio de entrevistas individuais que, posteriormente, serão transcritas e analisadas sob os pressupostos teóricos e analíticos dos estudos críticos do discurso. É para este procedimento, entrevistas individuais, que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa pode implicar em dois riscos de nível mínimo: i) Tendo em vista que você colaborará no método das entrevistas individuais, é possível que você exponha questões que lhe sejam de pontos sensíveis; ii) É possível que se você for reconhecido por possíveis leitoras/es do texto fruto da pesquisa, você seja questionado sobre sua participação na investigação.

A implicação desses riscos será minimizada por meio dos seguintes mecanismos: i) Encerramento das entrevistas sempre que o participante solicitar ou o pesquisador perceber que a pergunta o constrangeu; ii) Esclarecimento de que, em qualquer momento, o participante pode solicitar que certas informações dadas nas entrevistas não sejam utilizadas na pesquisa.

Espera-se com esta pesquisa você tenha acesso a um espaço socialmente legitimado, a universidade, onde você poderá narrar as justificativas relacionadas à Parada LGBTQI+ Livre de Brasília. Também espera-se que esta pesquisa possibilite a você a reflexividade de suas práticas sociais, e que você possa consequentemente melhorá-las, caso verifique ser necessário.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

---

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 98543 1463 ou pelo e-mail raylton.tavares@aluno.umb.br.

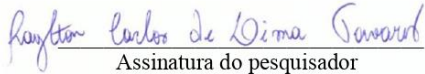
O pesquisador garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de uma versão do texto da dissertação de mestrado, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep\_chs@umb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com você.

---

Assinatura do participante

  
Assinatura do pesquisador

Brasília, 22 de fevereiro 2022



**Universidade de Brasília**

INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE PORTUGUÊS, LINGUÍSTICA E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz  
para fins de pesquisa**

Eu, \_\_\_\_\_

autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado Representação em disputa: uma análise de discurso crítica da Parada LGBTQI+ Livre de Brasília, sob responsabilidade de Raylton Carlos de Lima Tavares, vinculado ao curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para a transcrição dos dados orais das entrevistas. Estou ciente de que essas transcrições serão analisadas pelo pesquisador e estarão presentes no texto de apresentação da pesquisa (dissertação), bem como em outros trabalhos acadêmicos por ele apresentados.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade do/da pesquisador/a responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_